ROMA

10.000 A.D.

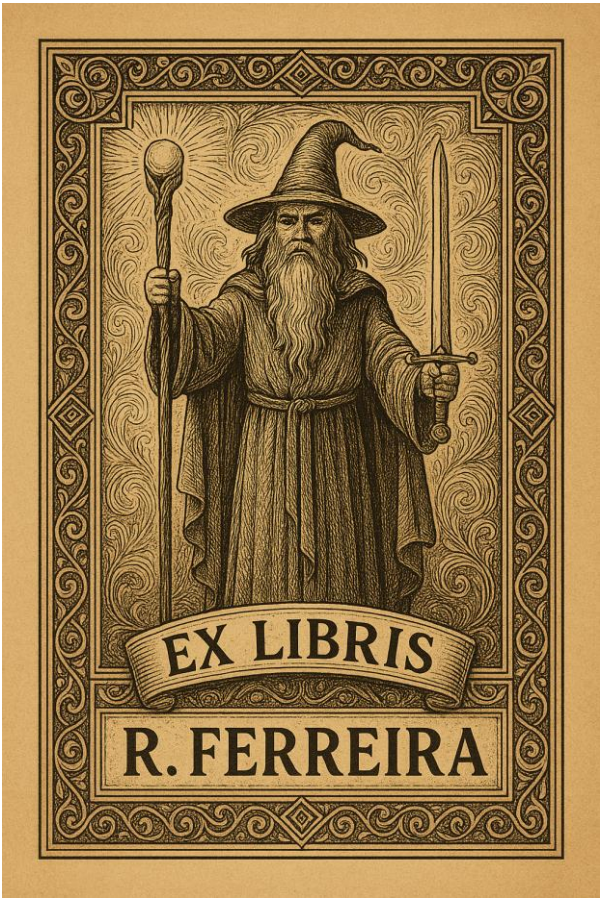
SANGUE DE VASTARA

R. FERREIRA

ROMA
10,000 A.D.
SANGUE DE VASTARA

1ª Edição

Dedico este livro aos que acreditam que o poder pode proteger sem dominar, e que o futuro não precisa repetir os erros do passado.


EX LIBRIS
R. FERREIRA

CAPÍTULO 1
AS DUNAS SAGRADAS DE ASHAEL

O deserto de Vastara não era silencioso.

Parecia respirar.

As Dunas de Ashael se erguiam em ondulações claras, quase brancas, moldadas por um vento constante que nunca parecia agressivo — apenas paciente. Entre elas, lagos de um azul profundo surgiam como lembranças líquidas do que o planeta fora um dia. A água refletia o céu mesmo quando o sol ainda estava alto, como se Vastara insistisse em exibir as estrelas antes da noite.

Nada ali parecia morto.

A areia se movia em ciclos sutis. A luz se espalhava sobre os cristais enterrados sob a superfície. Ao longe, uma silhueta longa e sinuosa cruzou a crista de uma duna antes de desaparecer novamente — Shaar'Keth, guardião antigo do deserto, observando sem pressa.

Vashael foi o primeiro a perceber.

Ele parou no alto de uma elevação, os pés parcialmente afundados na areia fina, os olhos atentos não a um ponto específico, mas ao todo. O vento tocava

seus cabelos acinzentados com leveza. Não havia medo em sua expressão.

Havia reconhecimento.

Marcus o observava alguns passos atrás.

Não com a postura de comandante.

Nem com a rigidez de soldado.

Mas como alguém que aprende a medir o mundo pelo modo como ele reage ao próprio filho.

— O que você sente? — perguntou, sem elevar a voz.

Vashael demorou a responder.

— Não é como na cidade. — disse, por fim. — Aqui… parece que o mundo escuta melhor.

Padameg fechou os olhos por um instante.

Ela também sentia.

O Aspecto não pulsava ali como força.

Pulsava como memória.

Ao longe, a superfície de um dos lagos brilhou de forma quase imperceptível.

Vastara não observava seus líderes.

Observava seu herdeiro.

O vento mudou levemente de direção.

Não o bastante para erguer a areia em redemoinhos, mas o suficiente para alterar o padrão das ondulações na superfície das dunas. As cristas claras pareciam se ajustar ao redor dos três, como se o deserto recalculasse sua própria geometria na presença deles.

Marcus percebeu.

Não com o Aspecto.

Com instinto.

Havia aprendido, nos anos que se seguiram à libertação de Vastara, que o planeta reagia antes de qualquer manifestação visível de poder. Não era submissão. Nem reverência.

Era alinhamento.

— Elas estão mais claras hoje. — disse ele, quase para si.

Padameg caminhou até a borda da duna e deixou a areia escorrer por entre os dedos. Os grãos eram finos demais para manter forma. Escapavam com facilidade, como água seca.

— Não estão mais claras. — respondeu ela. — Você está as vendo diferente.

Marcus lançou-lhe um olhar breve.

Não havia ironia na voz dela. Nem provocação. Apenas constatação.

Vashael começou a descer a encosta com passos cuidadosos, mas firmes. Não corria. Não brincava como faria na cidade, entre as raízes cristalinas e os corredores vivos de Vastara.

Ali, ele caminhava como quem entra em um lugar onde algo maior já estava presente.

Ao alcançar a base da duna, parou diante de um dos lagos.

A água era azul profundo demais para parecer natural. Não refletia apenas o céu — absorvia-o. O horizonte inteiro parecia repousar dentro daquela superfície imóvel.

Pequenas ondulações surgiram perto da margem.

Não por vento.

Algo se movia sob a água.

Padameg desceu ao lado do filho.

— É um Uruun'Sil. — disse em voz baixa.

A criatura emergiu com lentidão quase cerimonial. Seu corpo de réptil era verde e alongado, coberto por placas translúcidas que capturavam a luz e a refratavam em tons azulados. Possuía três olhos laranjas, inclinou sua cabeça na direção de Vashael.

Não havia agressividade.

Apenas reconhecimento cauteloso.

Vashael não estendeu a mão.

Não tentou tocar.

Apenas se ajoelhou na margem.

A superfície do lago respondeu com um brilho mais intenso sob seus joelhos, como se os cristais submersos reagissem ao calor do corpo dele.

Marcus sentiu o impulso automático de avançar meio passo.

Proteção.

Instinto antigo demais para ser silenciado.

Mas não o fez.

Padameg percebeu o movimento contido.

— Se ela quisesse feri-lo, já teria feito. — disse, sem desviar os olhos da criatura.

Marcus manteve-se onde estava.

O Uruun'Sil aproximou-se mais um pouco, rompendo completamente a superfície. Sua presença não deslocava água como deveria. Era como se o lago o aceitasse sem resistência.

Vashael inclinou levemente a cabeça.

— Ela não fala. — disse.

Padameg sorriu de leve.

— Nem tudo precisa se comunicar com palavras.

O vento voltou a soprar.

Mais distante, no topo de outra duna, a areia se moveu de forma diferente. Não pelo vento. Por peso.

Uma silhueta maior, mas também longa e sinuosa emergiu parcialmente da crista clara. Escamas opacas refletiram o sol em padrões irregulares de azul.

Shaar'Keth.

A criatura do deserto não avançou.

Apenas permaneceu ali, observando os três com seus seis olhos.

Marcus sentiu o peito se expandir lentamente.

Em Roma, ele teria interpretado aquilo como ameaça.

Agora entendia melhor.

Vastara não testava força.

Testava intenção.

— Elas se aproximaram mais do que antes. — disse ele.

Padameg assentiu.

— O planeta não está mais em modo de defesa. — respondeu. — Agora ele está se reorganizando para algo melhor.

Vashael fechou os olhos por um instante.

Não houve luz dourada.

Não houve expansão do Aspecto.

Mas algo nele se alinhou.

Como se as camadas invisíveis do mundo se ajustassem levemente ao redor de sua presença.

Ele abriu os olhos de novo.

— Aqui não dói. — disse.

Marcus franziu o cenho.

— Como assim?

Vashael demorou.

— Quando muita gente fala ao mesmo tempo. — explicou. — Na cidade… às vezes parece que eu posso ouvir todo o planeta ao mesmo tempo. Aqui não. Aqui ele está silencioso.

Padameg trocou um olhar breve com Marcus.

Ela entendia.

Ele começava a entender.

O Aspecto não era apenas poder.

Era percepção.

E percepção excessiva podia ser peso.

O Uruun'Sil mergulhou novamente, desaparecendo sob a superfície azul sem deixar rastro visível.

Shaar'Keth moveu-se sobre a crista da duna, contornando-os à distância, como uma sombra que escolhe não se aproximar demais.

Vastara respirava.

E, pela primeira vez desde a guerra, o deserto parecia não carregar lembrança de sangue.

Apenas de promessa.

Padameg foi a primeira a se mover.

Para o interior das dunas, onde as ondulações claras se tornavam mais altas e o vento assumia um tom mais grave, como se atravessasse algo invisível sob a areia.

— Vamos. — disse ela.

Vashael levantou-se sem pressa. Havia areia nos joelhos da túnica leve que vestia, tecido vastariano entrelaçado com fios cristalinos quase imperceptíveis. Crescera rápido demais para roupas durarem muito tempo. Tudo nele crescera rápido demais.

Tinha seis anos.

O corpo dizia dez.

A altura já ultrapassava a de muitas crianças da cidade. Os traços do rosto, ainda suaves, começavam a se definir com uma maturidade que não combinava com a idade. Os olhos — claros demais para serem confundidos — carregavam atenção constante, como se o mundo fosse sempre maior do que deveria ser.

Marcus observava isso com cuidado.

O crescimento acelerado não era doença.

Sael'Thir confirmara isso inúmeras vezes.

Era adaptação.

O Aspecto não o consumia. Ajustava-o.

Ainda assim, cada centímetro a mais era um lembrete de que o tempo não se comportava de maneira comum ao redor de Vashael.

Eles caminharam por alguns minutos em silêncio.

As dunas começaram a se organizar em torno de um padrão quase circular. Não era visível à primeira vista, mas tornava-se evidente conforme se avançava: as cristas convergiam para um ponto central mais elevado, onde a areia parecia mais firme, menos volátil.

Ali, o vento diminuía.

Como se respeitasse limites invisíveis.

No centro daquela formação, parcialmente exposto entre areia e cristal, erguia-se o monólito.

Não era tão grandioso quanto o Cristal da Grande Matriarca que agora repousava na selva viva de Vastara. Não pulsava em azul profundo. Não carregava inscrições extensas.

Mas era antigo.

E estava ligado ao outro.

Um fragmento.

Um elo.

O cristal emergia da areia em tom translúcido, atravessado por veios prateados que capturavam a luz do sol e a devolviam suavemente ao ambiente. Não havia brilho agressivo. Apenas presença.

Vashael desacelerou os passos.

— É aqui que ela vinha? — perguntou.

Padameg assentiu.

A expressão dela mudou.

Não tristeza aberta.

Algo mais contido.

— Antes do Cristal central, a Grande Matriarca vinha até aqui. — disse. — As Dunas de Ashael sempre foram o lugar onde Vastara escutou melhor, mesmo antes...

Marcus permaneceu um pouco atrás.

Não por distanciamento.

Por respeito.

Vashael aproximou-se do monólito.

Aos seis anos, ele já compreendia a palavra permanência.

Mas ainda não entendia ausência.

— Eu não lembro dela. — disse, com simplicidade.

Padameg ajoelhou-se ao lado do filho.

— Você não poderia. — respondeu. — Ela partiu antes que você pudesse nascer.

O vento passou entre eles, mais suave do que antes.

Vashael tocou o cristal.

Não houve explosão de luz.

Não houve reação visível.

Mas a superfície tornou-se levemente mais translúcida sob seus dedos.

Marcus sentiu o ar mudar.

Sutil.

Como pressão antes de chuva.

— Ela sabia que você viria. — continuou Padameg. — Não você, especificamente. Mas alguém depois de mim. Alguém que não carregaria apenas o sangue de Vastara… mas também algo além dele.

Vashael ergueu o olhar.

— Roma? — perguntou.

A palavra não soou como acusação.

Soou como tentativa de compreensão.

Marcus respirou fundo.

— Roma é parte da sua história e você deve se orgulhar. — disse. — Mas não é quem você é.

Padameg pousou a mão sobre o ombro do filho.

— Você não precisa ser continuação de ninguém. — completou ela. — Nem de Roma. Nem das Matriarcas. Vastara escolhe. E ela escolhe diferente a cada ciclo.

O cristal vibrou levemente.

Não como alerta.

Como memória despertada.

Sob a areia ao redor, pequenas linhas luminosas começaram a se espalhar em círculos concêntricos, quase invisíveis sob a luz do dia.

Vashael não retirou a mão.

Mas fechou os olhos.

E, por um breve instante, o deserto pareceu prender a própria respiração.

O toque permaneceu.

A superfície do cristal tornou-se mais translúcida sob os dedos de Vashael, como se a matéria cedesse espaço à lembrança.

O mundo ao redor perdeu nitidez.

Não desapareceu.

Apenas se afastou.

O vento tornou-se distante.

O som da areia deslizando sobre as dunas pareceu vir de muito longe, como se atravessasse água espessa.

E então ele a viu.

Não como holograma.

Não como reconstrução.

Como presença.

Uma mulher de traços firmes, semelhantes aos de Padameg, mas marcados por algo mais antigo. Os olhos eram serenos, não pela ausência de dor, mas pela

aceitação dela. Cristais delicados percorriam-lhe os braços como veios vivos, pulsando em ritmo lento.

A Grande Matriarca.

Ela estava de pé nas próprias Dunas de Ashael.

Mas não como estavam agora.

O deserto era menos claro. O céu, mais carregado. Ao longe, estruturas romanas ainda brilhavam sobre o horizonte de Vastara como cicatrizes recentes.

Ainda assim, ela sorria.

Não para a guerra.

Não para Roma.

Para o futuro.

O olhar dela não atravessava Vashael.

Repousava sobre ele.

Havia orgulho ali.

E algo que não era exigência.

Era esperança.

Vashael sentiu o peito se expandir.

Uma sensação quente, firme, sem peso.

Ela ergueu a mão — não tocando, mas reconhecendo.

E então a visão mudou.

O céu escureceu.

As dunas foram substituídas por vales cristalinos fragmentados. O Cristal central ainda não estava ativado. Linhas de energia corriam de forma instável pelo solo.

E ele viu outra figura.

Alta. Imponente.

O Grande Patriarca.

Os traços eram vastarianos, mas distorcidos por ambição. Os cristais em seu corpo não pulsavam em harmonia — pulsavam de forma irregular, quase

forçada. Atrás dele, figuras metálicas, vermelhas, observavam.

Roma.

A mão do Patriarca estendia-se não para proteger, mas para negociar.

Os cristais do solo começaram a rachar.

O som não era explosão.

Era ruptura lenta.

Vastara não gritava.

Ela se partia.

O calor no peito de Vashael tornou-se diferente.

Não acolhimento.

Pressão.

As imagens começaram a se sobrepor.

A Grande Matriarca caída.

Padameg ainda criança, correndo entre sombras.

O Cristal central sendo erguido como última resistência.

O Patriarca olhando para trás — não arrependido.

Convencido.

O corpo de Vashael permaneceu imóvel diante do monólito.

Mas sob a pele, algo despertava.

As linhas luminosas sob a areia intensificaram-se.

Não visíveis como feixes.

Mas como veios.

O ar começou a vibrar.

Marcus foi o primeiro a perceber.

Não porque visse a luz.

Mas porque sentiu a pressão no chão.

As fissuras ao redor dos pés de Vashael tornaram-se mais definidas, como se o deserto estivesse tentando conter algo que crescia de dentro para fora.

— Vashael. — chamou ele, firme.

Não houve resposta.

Os olhos do menino permaneceram fechados.

Mas a luz começou a escapar.

Primeiro como um brilho sutil sob a pele.

Depois como um contorno dourado ao redor do corpo.

Não era explosivo.

Era crescente.

Padameg sentiu o elo com o Cristal maior vibrar dentro dela.

O Aspecto não estava sendo invocado.

Estava reagindo.

— Ele está tendo uma visão. — murmurou.

O vento nas Dunas cessou completamente.

Shaar'Keth, no topo da crista da duna, ergueu o corpo.

O lago mais próximo ondulou sem toque.

A luz ao redor de Vashael expandiu-se um pouco mais.

Não violenta.

Mas intensa demais para um corpo de seis anos.

O calor começou a alterar o ar.

Marcus avançou dois passos.

— Vashael.

A palavra não foi ordem.

Foi como uma âncora.

O menino respirava mais rápido agora.

Sob as pálpebras fechadas, os olhos se moviam com rapidez.

As imagens do Patriarca tornaram-se mais próximas.

Mais reais.

O traidor agora olhava diretamente para ele.

Mas então, seus olhos e sua forma mudaram.

Tudo que Vashael podia ver eram olhos ameaçadores, um verde e outro branco e um sorriso assustador abaixo deles.

Um sorriso que parecia de desespero e não de alegria.

Então a luz dourada oscilou.

Irregular.

Padameg levantou-se rapidamente, posicionando-se ao lado do filho.

— Vashael, volte. — disse, a voz baixa, mas firme.

O cristal vibrou com força maior.

Pequenos fragmentos de areia começaram a se elevar ao redor deles, girando lentamente como poeira suspensa em gravidade reduzida.

O Aspecto já não era apenas percepção.

Era emissão.

Marcus estendeu a mão e segurou o ombro do filho.

O contato foi imediato.

Quente demais.

Como tocar metal exposto ao sol por horas.

— Você não está sozinho. — disse ele, aproximando o rosto. — Volte.

Por um instante, a luz intensificou-se.

O deserto inteiro pareceu inclinar-se para dentro.

E então—

Os olhos de Vashael se abriram.

A luz colapsou para dentro do próprio corpo como um fôlego puxado de volta.

O vento retornou.

A areia caiu.

O lago aquietou-se.

Shaar'Keth abaixou lentamente o corpo.

Vashael piscou algumas vezes.

Confuso.

A mão ainda repousava sobre o cristal.

— Ela estava feliz. — disse, em voz baixa.

Padameg não perguntou quem.

— O que mais você viu? — perguntou Marcus.

Vashael demorou.

O olhar desviou levemente para a areia.

— Alguém que fez a escolha errada. — respondeu.

O cristal deixou de vibrar.

Mas o ar ainda parecia diferente.

Não ameaçador.

Não agressivo.

Em alerta.

Marcus manteve a mão no ombro do filho por mais alguns segundos.

Não por receio de nova explosão.

Mas para sentir o ritmo da respiração estabilizar.

— Está tudo bem? — perguntou.

Vashael assentiu.

— Estou.

Padameg passou a mão pelos cabelos do menino, afastando alguns fios que haviam se colado à testa por causa do calor.

— O cristal não deve ser tocado por muito tempo. — disse com suavidade. — Ele guarda memória. E memória pode ser pesada demais as vezes.

Vashael retirou a mão.

O monólito voltou a ser apenas presença.

— Desculpa. — murmurou ele.

Marcus ajoelhou-se à sua frente.

— Não peça desculpas por isso. — respondeu. — Só precisamos aprender quando parar.

Vashael pareceu pensar sobre isso por um instante.

Depois olhou para trás, na direção das dunas externas.

— É melhor irmos, Sael'Thir quer nós ver. — disse, como se tivesse ouvido algo além do alcance comum.

Marcus trocou um olhar rápido com Padameg.

O garoto não havia se encontrado com Sael'Thir já fazia dias.

Ainda assim, apontava na direção exata.

Eles caminharam para fora do círculo natural das dunas centrais.

À medida que se afastavam do cristal, o vento retomava intensidade normal. A areia voltava a se comportar como areia. O deserto deixava de observar.

Entre duas formações mais altas, parcialmente ocultada por ondulações claras, repousava a nave.

A nave era antiga e elegante.

Parecia uma arraia metálica, larga e suave, com o corpo principal prateado e reflexos azulados correndo pelas bordas. Três caudas longas se estendiam para trás como fios vivos, cada uma terminando em um ponto de luz pulsante. A cabine era aberta na parte superior, protegida apenas por um campo de energia translúcido quando ativado.

Era tecnologia vastariana antiga.

Rashid a entregara a eles há alguns anos e insistiu que ficasse para eles como um presente de casamento.

Hoje, Rashid não permanecia mais em Vastara com frequência. Após a queda de Xal'Khor, assumira oficialmente o posto de Diplomata de Vastara junto a outros mundos — viajando entre sistemas, negociando acordos de comércio, rotas seguras e pactos de integração cultural. Era ele quem apresentava Vastara à

galáxia não como planeta adormecido ou campo de batalha… mas como civilização viva.

Marcus sempre via a nave arraia como símbolo de transição.

— Entre primeiro. — disse ele ao filho. — E não mexa em nada até eu chegar.

Vashael inclinou a cabeça.

— Eu sei pilotar.

— Eu sei que você acha que sabe. — respondeu Marcus, mantendo o tom sério demais para ser totalmente sério.

Vashael correu os últimos metros até a nave e pulou pela abertura da cabine e ativou o campo de energia.

Padameg permaneceu ao lado de Marcus por alguns instantes.

O silêncio entre eles não era vazio.

Era avaliação.

— Foi mais forte do que antes. — disse ela.

Marcus assentiu.

— Ele não tentou ativar o Aspecto.

— Eu sei.

O olhar dela permaneceu fixo na nave.

— Ele está começando a atravessar memórias que não são apenas vastarianas.

Marcus respirou fundo.

— Precisamos protegê-lo até que ele entenda o peso que carrega.

— Não apenas proteger. — corrigiu Padameg. — Ensinar.

Ele voltou-se para ela.

O vento deslocou uma mecha de cabelo do rosto dela. A luz do deserto refletia-se nos cristais presentes em sua tiara dourada.

— Ele tem seis anos. — disse Marcus. — Não deveria estar sustentando esse tipo de peso.

— Ele tem seis anos. — repetiu ela. — Mas não é apenas uma criança.

— Você está certa. — disse sorrindo.

Marcus acariciou lhe o rosto com uma das mãos.

Não como comandante.

Não como símbolo.

Como homem.

— Mas ainda assim… — começou.

Ela não o deixou terminar.

O beijo foi breve.

Sem urgência.

Sem dramatização.

Apenas a confirmação de que fariam aquilo juntos.

O som do campo de energia da cabine sendo desfeito interrompeu o momento.

— Eu estou atrapalhando alguma coisa? — perguntou Vashael, com a cabeça projetada para fora da nave e um sorriso brincalhão.

Marcus afastou-se meio passo, ainda segurando a mão de Padameg.

— Você realmente puxou o humor de sua mãe. — disse ele, sério demais.

Vashael sorriu.

— E a inteligência também.

Marcus arqueou uma sobrancelha e sorriu.

— Fica quieto, garoto.

O garoto sorriu e desapareceu entre os assentos.

Marcus soltou um suspiro quase imperceptível.

— Ele também puxou a confiança romana.

— Isso pode ser útil. — respondeu ela.

— Pode ser perigoso.

— Veremos.

Eles subiram na nave.

O interior era compacto, funcional. Superfícies curvas, painéis translúcidos, tecnologia integrada ao casco como se tivesse crescido ali.

Marcus assumiu o comando.

Ativou o campo de energia da cabine.

As asas da nave se abriram lentamente, deslocando areia com um sopro controlado.

O motor não rugiu.

Sussurrou.

A nave ergueu-se com suavidade, deixando as Dunas de Ashael para trás.

De cima, o deserto parecia ainda mais organizado.

Círculos naturais.

Lagos azuis como fragmentos de céu espalhados sobre areia branca.

E então, à medida que avançavam, o cenário começou a mudar.

O branco tornou-se verde.

Primeiro em linhas tênues.

Depois em extensões amplas.

Selvas cristalinas se espalhavam além das dunas como se o planeta tivesse decidido expandir a própria respiração. Árvores altas, de troncos entrelaçados com veios luminosos, refletiam tons azulados sob o sol.

Entre elas, rios serpenteavam.

Em alguns trechos, a água não descia.

Subia.

Colunas líquidas erguiam-se do solo em espirais suaves, sustentadas por campos cristalinos que conduziam energia vital. A gravidade ali não era quebrada.

Era negociada.

Lagos conectavam-se por canais suspensos, formando pontes de água translúcida que fluíam contra o céu.

Vastara não escondia sua transformação.

Ela a exibia.

Ao longe, a cidade surgia.

Não como fortaleza.

Como extensão natural do ambiente.

CAPÍTULO 2
A CIDADE VIVA DE NOVA VASTARA

A nave inclinou levemente as asas.

Marcus reduziu a velocidade enquanto o horizonte se abria à frente.

A antiga cidade ainda podia ser reconhecida na estrutura central — o grande coliseu circular que Roma e Xal'Khor ergueram como símbolo de domínio. Durante anos, ele brilhara com letreiros artificiais e luzes agressivas, um colosso de pedra cercado por ruas estreitas onde comércio e propaganda competiam pela atenção do povo.

Vashael lembrava-se vagamente das histórias.

Painéis luminosos em tons de púrpura e vermelho. Símbolos romanos projetados sobre fachadas antigas. Tecnologia imposta sobre arquitetura que não lhe pertencia.

A cidade fora funcional.

Mas não respirava.

Agora, de cima, o mesmo coliseu permanecia — mas transformado.

As arcadas de pedra estavam tomadas por vegetação espessa que se entrelaçavam entre colunas.

Cristais azulados emergiam da estrutura superior como extensões naturais da rocha, crescendo em feixes translúcidos que capturavam a luz do sol e a distribuíam em reflexos suaves pelas ruas abaixo.

Não havia mais neon.

Havia brilho orgânico.

Os mercados ainda ocupavam as vias principais, mas as barracas eram sustentadas por tecidos translúcidos que filtravam a luz em tons azul, verde e violeta. Pequenos jardins suspensos conectavam prédios vizinhos por passarelas vivas. A água corria entre canais de pedra clara.

Em alguns pontos, ela não descia.

Subia.

Colunas líquidas erguiam-se ao lado das construções, sustentadas por cristais cristalinos integrados à fundação da cidade. A gravidade ali não fora violada.

Fora reorganizada.

Rios verticais conectavam reservatórios superiores, distribuindo água por sistemas naturais que serpenteavam entre ruas e praças. Crianças atravessavam pontes suspensas sobre esses fluxos ascendentes com naturalidade.

Vastara não escondia mais sua essência.

Ela a integrava.

— Eu sempre esqueço quão diferente a cidade de Vastara ficou. — disse Marcus.

— Finalmente está inteira.

Marcus não desviou os olhos da rota de aproximação.

A nave cruzou os limites do espaço aéreo interno.

O tráfego era organizado.

Não havia desordem.

Pequenas naves vastarianas moviam-se em padrões circulares definidos por marcadores cristalinos que flutuavam a distâncias regulares. Cada rota era delimitada por feixes sutis de luz azul projetados no ar — não barreiras, mas orientações.

Nenhuma nave militar patrulhava agressivamente.

Mas havia presença.

Plataformas elevadas giravam lentamente sobre eixos centrais, operadas por equipes vestindo mantos leves entrelaçados com fios cristalinos. Alguns manipulavam campos gravitacionais com gestos precisos. Outros coordenavam fluxos de chegada e saída através de interfaces translúcidas.

Organização sem rigidez.

Estrutura sem imposição.

Marcus alinhou a nave com uma das plataformas designadas para naves que já estavam dentro do espaço vastariano.

O campo de energia da cabine dissipou-se parcialmente enquanto desciam.

Ao redor, trabalhadores descarregavam cristais energéticos, frutas colhidas das florestas recém-restauradas e módulos tecnológicos que misturavam engenharia romana adaptada com biotecnologia vastariana.

Ninguém parava para observar a nave.

Alguns reconheciam.

Acenavam discretamente.

Retornavam ao trabalho.

Respeito.

Não reverência.

Vashael observava tudo com atenção.

Um grupo de crianças passou correndo por uma passarela lateral, rindo enquanto pequenas partículas de água subiam ao redor delas em espirais controladas.

Não havia tensão.

Havia ritmo.

A nave tocou a plataforma com suavidade.

O som do pouso foi quase imperceptível.

Marcus desligou os sistemas principais.

Por um momento, nenhum dos três falou.

Nova Vastara não era só reconstrução.

Era continuidade consciente.

E tudo ali funcionava.

Marcus destravou o acesso lateral da nave.

A rampa deslizou para fora com um som leve, quase orgânico.

O ar da cidade era diferente do das dunas.

Menos seco.

Mais cheio de vida.

Vashael foi o primeiro a descer.

Não correu.

Observou.

Do alto da plataforma, podia-se ver a movimentação coordenada do espaço-porto interno. Cristais verticais delimitavam áreas de carga e descarga, pulsando em frequências suaves que orientavam os trabalhadores sobre peso, fluxo e destino.

Nada era gritado.

As instruções surgiam em projeções translúcidas acima das bancadas. Pequenos campos gravitacionais auxiliavam no transporte de volumes maiores. Homens e mulheres moviam-se com precisão aprendida — não militar.

Um operador inclinou levemente a cabeça ao reconhecer Marcus.

— Oficial.

Marcus apenas respondeu com o mesmo gesto.

Não havia mais título formal que o precedesse ali. Alguns ainda o chamavam de oficial ou comandante por hábito. Outros, apenas pelo nome.

Padameg desceu logo depois.

Duas mulheres que organizavam caixas de frutos cristalinos interromperam o trabalho por um segundo.

— Matriarca.

Não era proclamação.

Era reconhecimento.

Padameg respondeu com um sorriso contido.

Vashael aproximou-se de uma das caixas abertas. Dentro, frutos de casca translúcida refletiam tons azulados, semelhantes aos cristais que emergiam do coliseu.

— Esses vieram da borda norte? — perguntou ele.

A mulher o encarou por um instante, surpresa não pela pergunta — mas pelo modo como ele sabia.

— Vieram. A colheita foi boa este ciclo.

Vashael assentiu como se tivesse participado da decisão.

— A água subiu mais cedo este ano. A raiz absorveu melhor.

A mulher trocou um olhar breve com a colega.

Não havia espanto.

Apenas a aceitação de que o menino percebia coisas que os outros levavam mais tempo para notar.

— Pode pegar um. — disse ela.

Vashael olhou para Marcus.

Marcus fez um gesto mínimo com a cabeça.

O garoto pegou o fruto.

— Obrigado.

Não havia tratamento cerimonial.

Nem distância.

As pessoas o tratavam como parte daquele mundo.

Porque ele era.

Ao fundo, duas naves menores ergueram-se simultaneamente, guiadas por feixes cristalinos que delimitavam rotas ascendentes. O fluxo aéreo ajustou-se automaticamente para acomodá-las.

Um grupo de jovens aprendizes ajustava um dos marcadores flutuantes, recalibrando a intensidade do campo gravitacional.

— Eles estão reorganizando o fluxo da ala leste. — murmurou Padameg.

Marcus observou.

— Estão aprendendo rápido.

— Quem diria que o porto ficaria assim em só seis anos — disse ela com orgulho.

Vashael caminhava entre as pessoas com naturalidade.

Alguns tocavam de leve seu ombro ao passar.

Um homem mais velho inclinou-se um pouco ao cruzar com ele.

— Como estão as Dunas hoje?

— Silenciosas. — respondeu Vashael. — Mas acordadas.

O homem sorriu.

— Bom sinal.

O espaço-porto não era apenas ponto de chegada.

Era coração logístico.

E funcionava.

Sem pressa.

Sem medo.

Marcus por um instante, observou o conjunto.

Trabalhadores.

Crianças.

Cristais pulsando.

Água ascendendo em espirais ao fundo.

O antigo coliseu transformado em núcleo cultural vivo.

Ele não sorriu.

Mas a tensão nos ombros diminuiu levemente.

Nova Vastara não dependia mais apenas deles.

Ela sustentava a si mesma.

E isso tornava tudo mais valioso.

Marcus estendeu a mão.

Vashael segurou-a sem hesitar.

Padameg tomou a outra.

Os três seguiram pelo corredor principal que conectava o espaço-porto ao centro administrativo da cidade.

Não havia escolta.

Nunca houvera necessidade.

As ruas de Nova Vastara não eram largas como as avenidas romanas haviam sido projetadas para ser. Eram orgânicas. Curvas suaves conduziam o fluxo de pessoas como canais naturais. A pedra clara do piso estava entrelaçada com veios cristalinos quase invisíveis que mantinham temperatura estável sob os pés.

O mercado se espalhava ao redor da base do antigo coliseu.

Bancas organizadas exibiam frutas de tonalidades translúcidas, tecidos tingidos com pigmentos naturais extraídos das florestas restauradas, ferramentas com cristal vastariano integrado.

Um artesão moldava uma peça de armadura leve, fundindo liga metálica com um núcleo cristalino que pulsava suavemente.

— Integração total. — murmurou Marcus ao observar.

— Não é mais híbrida. — respondeu Padameg. — Agora tem a identidade de Vastara.

Vashael soltou a mão por um momento e aproximou-se de uma pequena bancada onde dois adolescentes treinavam com um equipamento de manipulação básica de campo gravitacional sob supervisão de uma instrutora.

Uma esfera de água flutuava entre elas.

Instável.

Um dos adolescentes perdeu o foco e a esfera oscilou.

Vashael levantou dois dedos.

A oscilação estabilizou-se.

A instrutora ergueu o olhar.

— Não interfira sem permissão. — disse, mas sem repreensão.

Vashael recolheu a mão.

— Desculpa.

— Você pode ensinar depois. — completou ela.

O garoto assentiu e voltou para o lado dos pais.

— Estão aprendendo como usar o equipamento para trabalharam no porto quando forem mais velhos. — disse Marcus, baixo.

— Nem todos podem fazer isso sem equipamento como você. — disse Padameg sorrindo.

Vashael sorriu de volta e acenou em despedida.

Seguiram adiante.

Em uma praça lateral, um grupo de jovens soldados treinava formação defensiva. Não armados como legionários. Moviam-se em padrões circulares coordenados, utilizando bastões cristalinos que reagiam à pressão e intenção.

A disciplina era firme.

Mas não rígida.

Um instrutor ajustava postura, não gritava ordens.

Nova Vastara preparava-se.

Sem paranoia.

Sem ostentação.

À medida que se aproximavam do eixo central da cidade, a movimentação tornava-se mais administrativa. Estruturas elevadas conectavam prédios por passarelas translúcidas onde conselhos setoriais se reuniam.

Um símbolo discreto marcava o núcleo governamental: três linhas entrelaçadas — Matriarca, Patriarca, e o Aspecto — formando um triângulo.

Vashael olhou para o símbolo por um instante mais longo.

No acesso ao perímetro do centro administrativo, duas figuras aguardavam.

Ferrum Rex permanecia com postura firme, agora não utilizava mais só sua armadura de gladiador, ela havia sido integrada a uma armadura pesada da Guarda Vastariana. Não ostentava insígnias excessivas. Mas a presença dele bastava para organizar o espaço ao redor.

Ao lado, Korr'Mak — mais alta, mais ampla — mantinha vigilância silenciosa. Sua expressão raramente mudava, mas os olhos atentos registravam cada movimento ao redor. Usava uma armadura parecida com a de Ferrum, mas modificada para acomodar seus quatro braços, uma capa vermelha vastariana chegava a quase tocar o chão.

Ferrum foi o primeiro a falar.

— Marcus.

Marcus inclinou levemente a cabeça.

— Ferrum.

Korr’Mak cumprimentou Padameg com um gesto de respeito vastariano tradicional.

O olhar dela pousou sobre Vashael por um segundo a mais.

Não como guarda.

Como protetora.

— Sael’Thir deseja vê-los. — disse Ferrum.

Marcus trocou um olhar rápido com Padameg.

— Nós sabemos. — respondeu ele.

Ferrum ergueu uma sobrancelha quase imperceptível.

Marcus apontou com leveza para Vashael.

O garoto abriu um sorriso contido.

— Ele me chamou enquanto estávamos nas Dunas. — explicou.

Korr’Mak soltou um som baixo que parecia ter sido um riso.

— Ele sempre chama primeiro o herdeiro.

Ferrum assentiu.

— A mensagem chegou há pouco.

A expressão dele tornava-se mais séria agora.

— Pelo que dizem... Querem apenas comunicação diplomática.

Padameg apertou levemente a mão de Vashael.

— Quem?

Ferrum respondeu sem rodeios.

— Uma delegação do povo Zuur.

O vento que atravessava as ruas cristalinas pareceu mudar de direção.

Não era mais suave.

Parecia atento agora.

A brisa tranquila das dunas, havia se tornado um redemoinho de expectativas na cidade de Nova Vastara.

Marcus assentiu para Ferrum.

— Então vamos ouvir.

O grupo atravessou o perímetro do centro administrativo.

O núcleo não era um palácio.

Era uma estrutura viva.

Colunas cristalinas sustentavam uma cúpula parcialmente aberta, permitindo que luz natural atravessasse o interior. Trepadeiras integradas às paredes pulsavam em ritmo quase imperceptível, regulando temperatura e fluxo de energia.

No centro do salão principal, um eixo de cristal vertical conectava-se ao computador central por veios luminosos que se espalhavam como raízes.

Sael'Thir estava ali.

Diferente de anos atrás, quando ainda carregava a inquietação de quem improvisava sobrevivência, agora sua postura era estável. As vestes vastarianas de arquiteto eram simples, mas refinadas. Fragmentos cristalinos flutuavam lentamente ao redor dele, orbitando em padrões suaves enquanto ele analisava projeções suspensas no ar.

Ele não se virou imediatamente.

— Vocês demoraram. — disse, sem ironia.

— Nós tivemos um contratempo. — respondeu Marcus.

Sael'Thir finalmente voltou-se.

Os olhos dele pousaram primeiro no garoto.

— Eu imagino. — disse sorrindo.

As projeções ao redor se reorganizaram.

Uma estrutura tridimensional surgiu entre eles: um mapa estelar.

Sistemas conhecidos giravam lentamente.

Uma região específica foi destacada.

Mais distante.

Mais fria.

— Recebemos uma transmissão oficial há pouco mais de duas horas. — explicou Sael'Thir. — O emissor identificou-se como representante do povo Zuur.

Padameg cruzou os braços.

— Eles ainda existem?

— Existem. — respondeu Sael'Thir. — Mas se as minhas informações estiverem corretas, não por muito tempo.

A projeção mudou.

Agora mostrava registros antigos vastarianos, preservados no Cristal central. Padrões genéticos comparativos surgiram lado a lado.

— Os Zuur compartilham uma raiz ancestral conosco. — continuou ele. — Muito anterior a dominação de Roma. Datam das primeiras Matriarcas formalmente registradas.

Marcus aproximou-se da projeção.

— Uma civilização irmã?

— Não exatamente. — Sael'Thir ampliou os dados. — Um desdobramento.

Linhas se bifurcavam no mapa genético.

— Em algum ponto do passado remoto, uma fração de nosso povo deixou Vastara. Não por guerra. Por escolha.

— E encontraram um lar? — perguntou Marcus.

Sael'Thir assentiu levemente.

— Encontraram um mundo de estepes e montanhas. — respondeu — Mas algo vem acontecendo nos últimos séculos...

A imagem alterou-se novamente.

Montanhas cobertas por gelo cristalino.

Cidades feitas por grandes tendas parcialmente escavadas na rocha congelada.

Estruturas orgânicas mais pesadas, menos convidativas que as de Vastara.

— Eles sobreviveram. — disse Sael'Thir. — Mas o Aspecto floresceu de forma diferente lá.

Padameg inclinou levemente a cabeça.

— Diferente como?

Sael'Thir fez uma pausa mínima.

— Mais instável.

O cristal central atrás dele pulsou uma vez.

— A líder da transmissão identificou-se como Rhae'Zuur. — continuou ele. — Comandante das Tribos Unificadas.

Vashael observava a imagem do mundo congelado com atenção incomum.

— Eles sentem o planeta como nós sentimos Vastara? — perguntou.

Sael'Thir olhou para ele.

— Sentem. — respondeu. — Mas o planeta deles não responde mais como antes. O sol de seu sistema está passando por um mínimo solar a séculos.

Marcus cruzou o olhar com Padameg.

Curiosidade.

Não ameaça ainda.

— O que querem? — perguntou Marcus.

Sael'Thir ampliou a última parte da transmissão.

Símbolos Zuur apareceram — linhas angulares, traços firmes, menos fluidos que os vastarianos.

— Contato diplomático. — respondeu ele. — E reconhecimento formal da linhagem compartilhada.

O salão permaneceu em silêncio por alguns segundos.

Nenhuma sirene.

Nenhuma urgência.

Apenas informação.

Sael'Thir desativou as projeções.

Os fragmentos cristalinos ao redor dele desaceleraram.

— Eles estão a dois ciclos de salto do nosso sistema. — disse. — Solicitaram permissão para entrar no espaço vastariano.

Marcus respirou fundo.

— E o que você recomendou?

Sael'Thir não respondeu imediatamente.

O olhar dele passou por Padameg.

Depois por Vashael.

— Que nós discutiríamos primeiro.

O vento atravessou a abertura superior da cúpula.

Não frio.

Mas diferente.

Curiosidade ainda era a palavra dominante.

Mas algo novo havia entrado na equação.

E todos ali sabiam.

CAPÍTULO 3
A DELEGAÇÃO DO POVO ZUUR

A casa ficava além do perímetro urbano, onde a pedra clara da cidade dava lugar ao solo vivo da floresta restaurada.

Não era grande.

Não era simbólica.

Era escolhida a dedo.

Construída parcialmente em torno de três árvores gigantes com cristais que saíam de seus troncos, a estrutura seguia o contorno natural dos troncos. As paredes eram de material orgânico reforçado, integradas com veios de energia que regulavam luz e temperatura sem necessidade de sistemas artificiais.

Ao entardecer, a floresta emitia um brilho azul suave.

Não luminoso como cristal exposto.

Mas pulsante.

Marcus estava sentado na varanda externa, observando Vashael arremessar pequenas pedras em direção a um tronco distante. Não para acertar.

Para medir o campo gravitacional que se formava ao redor delas por conta dos cristais.

Cada pedra desacelerava antes do impacto.

Padameg apoiou-se na moldura da porta.

— Ele não deveria estar treinando sozinho.

— Ele não está treinando. — respondeu Marcus. — Está se divertindo.

Vashael olhou para trás.

— Eu consigo ouvir quando a árvore responde.

Marcus sorriu de leve.

— Não force.

— Eu não estou forçando.

O garoto voltou-se para a floresta.

Padameg caminhou até Marcus e sentou-se ao lado dele.

Por alguns segundos, ficaram apenas ouvindo o som da água fluindo verticalmente em uma coluna próxima, sustentada por cristais na base.

Vida cotidiana.

Silenciosa.

— Você autorizou a entrada deles. — disse ela, sem olhar para ele.

Marcus não respondeu de imediato.

— Autorizei a aproximação ao sistema. Não a entrada total.

— Ainda assim.

Ele apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Se recusássemos sem ouvir, estaríamos agindo como Roma agia.

Padameg virou-se para ele.

— Roma recusava por arrogância. Nós podemos recusar por prudência.

Marcus sustentou o olhar.

— Eles compartilharam a mesma origem do povo de Vastara.

— Origem não garante intenção.

O silêncio que se seguiu não era pesado.

Mas surgia como uma pequena ruptura.

A floresta ao redor permaneceu estável.

— Você sentiu algo quando ele tocou o cristal naquele dia. — disse Marcus.

Padameg hesitou.

— Senti.

— O quê?

— Que a visão não terminou completamente.

— Como assim?

— A Grande Matriarca queria mostrar algo mais para ele, talvez sobre o povo Zuur.

Marcus respirou fundo.

— Eles estão morrendo.

— Ou estão desesperados.

A palavra ficou suspensa entre eles.

Desespero mudava decisões.

Mudava ética.

Mudava limites.

Vashael aproximou-se lentamente.

— Eles estão com medo. — disse.

Os dois o encararam.

— Como você sabe? — perguntou Padameg.

O garoto deu de ombros.

— O planeta deles está silencioso demais.

Marcus trocou um olhar breve com ela.

A discussão não era sobre a origem do povo Zuur.

Era sobre risco.

O comunicador preso ao pulso de Marcus vibrou suavemente.

Um tom curto.

Contido.

Sael'Thir.

Marcus ativou o canal.

A projeção do arquiteto surgiu acima do dispositivo, em escala reduzida.

— Eles chegaram antes do previsto. — disse Sael'Thir.

Nenhuma urgência exagerada na voz.

Mas havia precisão.

— Estão na fronteira externa do sistema. Solicitando confirmação de entrada.

Padameg manteve os olhos fixos na projeção.

— Sozinhos? — perguntou.

— Um cruzador principal. Três escoltas menores. Assinaturas energéticas estáveis.

Marcus levantou-se lentamente.

— Mantêm formação ofensiva?

— Não. — respondeu Sael'Thir. — Formação de aproximação diplomática.

Vashael permaneceu imóvel.

— Eles estão cansados. — murmurou.

A projeção piscou uma vez.

— Precisamos de decisão imediata. — disse Sael'Thir.

A floresta ao redor continuava a pulsar suavemente.

Mas o ar havia mudado.

Não era medo.

Ainda não.

Era escolha.

Marcus manteve o olhar fixo na projeção de Sael'Thir por alguns segundos.

Não era hesitação.

Era cálculo.

— Autorize entrada controlada no sistema interno. — disse por fim. — Corredor orbital norte. Velocidade reduzida a cinquenta por cento da capacidade declarada.

Escaneamento completo ativo durante toda a aproximação.

Sael'Thir assentiu.

— Protocolos de contenção?

— Nível dois. — respondeu Marcus. — Nada ostensivo. Mas visível.

Padameg observava cada palavra.

— E limite de descida?

— Apenas o cruzador principal. — continuou Marcus. — Escoltas mantêm órbita alta até segunda autorização.

A projeção oscilou levemente.

— Confirmado. Transmitindo agora.

Vashael não parecia nervoso.

Mas estava atento demais.

— Eles aceitaram. — disse Sael'Thir.

Marcus ativou o canal aberto.

— Este é Marcus de Nova Vastara. Autorização concedida para descida controlada conforme protocolos enviados. Bem-vindos ao sistema.

— Confirmado. Iniciando descida orbital. — disse uma voz dura em tom militar.

A transmissão encerrou-se.

O comunicador escureceu.

Por um instante, só o som da água subindo na coluna cristalina permaneceu.

Padameg levantou-se.

— Espero que tenhamos feito a escolha certa.

Marcus segurou-lhe a mão.

— Escolhemos ouvir.

Ela apertou a mão dele.

— E proteger.

Ele olhou para Vashael.

— Sempre.

O céu sobre Nova Vastara estava limpo.

A primeira alteração foi quase imperceptível.

Um ponto de luz diferente das estrelas.

Não cintilava.

Movia-se.

Sael'Thir ajustou a projeção orbital diante deles.

— Entrada atmosférica iniciada.

O ponto expandiu-se rapidamente.

Não era uma nave construída para parecer leve.

Era ampla.

Triangular.

As três extremidades projetavam-se como lâminas voltadas para frente, formando uma estrutura única, contínua. O casco era claro, quase marfim sob a luz solar, mas não liso. Padrões geométricos percorriam toda a superfície — traços azuis, vermelhos e verdes, organizados em inscrições angulares que lembravam escrita ancestral gravada diretamente na estrutura.

Não eram pinturas.

Eram parte da nave.

Os motores embutidos nas asas brilharam em azul intenso enquanto a atmosfera envolvia o casco. Nenhuma manobra agressiva. Nenhuma variação brusca de curso.

Descida controlada.

Marcus manteve os braços cruzados atrás do corpo.

Ferrum Rex ajustou discretamente a posição da guarda, formando uma linha semicircular ao redor da plataforma principal. Bastões cristalinos ativaram-se em baixa frequência — visíveis, mas não ameaçadores.

Korr'Mak posicionou-se meio passo à frente de Vashael.

Não como escudo.

Como limite.

A nave cortou as camadas superiores da atmosfera com estabilidade impressionante. Nenhum tremor visível. Nenhuma emissão excessiva de energia.

Era uma nave militar.

— Eles respeitaram os corredores que definimos. — murmurou Sael'Thir.

Padameg observava cada detalhe do casco.

— Não parece uma nave improvisada.

— Não é. — respondeu Marcus.

O cruzador reduziu velocidade ao aproximar-se do espaço aéreo interno. As três extremidades ajustaram-se levemente, alterando a distribuição de empuxo com precisão cirúrgica.

Os padrões coloridos no casco capturavam a luz do sol vastariano e refletiam-na em ângulos quase cerimoniais.

Vashael inclinou a cabeça.

— Eles desenharam a história deles na nave.

Sael'Thir ouviu.

— Sim.

A nave pairou sobre a cidade por um breve instante.

Não como ameaça.

Como reconhecimento.

Então iniciou a descida final em direção à plataforma designada.

O ar ao redor deslocou-se, mas não houve explosão de vento. O controle gravitacional era refinado. O cruzador tocou a superfície do porto com firmeza calculada.

Pesado.

Mas estável.

As inscrições geométricas pareciam vibrar levemente à medida que os motores desaceleravam.

Silêncio.

Nenhuma escotilha se abriu imediatamente.

Marcus deu um passo à frente.

— Esperemos que tenhamos feito a escolha certa. — disse Padameg, baixo o suficiente para que apenas ele ouvisse.

— Ouvi-los parece ser a escolha correta. — respondeu ele.

Ela desviou o olhar para Vashael.

— Mas escolher ouvir não significa confiar.

Marcus acompanhou o olhar.

O garoto observava a nave com concentração incomum.

— Nós o manteremos protegido. — disse Marcus.

Padameg segurou a mão de Vashael.

— Sempre.

A lateral do cruzador começou a se abrir.

Não com ruído metálico.

Mas com deslocamento suave de placas estruturais que se reorganizavam como partes móveis de um mecanismo vivo.

Uma rampa triangular projetou-se para fora.

A sombra da nave alongou-se sobre a pedra clara do porto.

E, pela primeira vez desde a libertação de Vastara, outro mundo antigo voltava a tocar aquele solo.

Não como invasor.

Mas como visitante.

Ainda assim—

Vastara observava.

A rampa tocou a plataforma com um som grave e contido.

Durante dois segundos, nada aconteceu.

Então, quatro figuras desceram primeiro.

Guardas Zuur.

Altos, envoltos em peles claras que contrastavam com armaduras de metal escuro gravadas com símbolos semelhantes aos do casco da nave. Suas armas não eram exibidas como ameaça, mas como extensão natural do corpo — lâminas longas presas às cinturas, cabos ornamentados com inscrições angulares.

Moviam-se com disciplina.

Não olharam para os lados.

Formaram uma linha discreta ao pé da rampa.

Ferrum Rex observou cada passo.

Korr'Mak não desviou os olhos.

O silêncio no porto não era tensão.

Era avaliação mútua.

E então ela surgiu.

A líder desceu sem pressa.

A capa de peles claras repousava sobre os ombros largos, caindo até quase tocar o chão. A armadura sob as peles era intricada — placas escuras entrelaçadas com veios azulados que pulsavam em intensidade mínima. Marcas tribais azul-esverdeadas percorriam o rosto, partindo do centro da testa e descendo pelas maçãs do rosto em padrões simétricos.

— Rhae'Zuur. — disse Sael'Thir. — Se nossa base de dados estiverem corretas

Os olhos eram firmes.

Não agressivos.

Mas calculistas.

Na mão direita, apoiava um machado de lâmina dupla.

Não o empunhava como arma.

Apoiado ao chão, servia de suporte.

Ao dar o segundo passo fora da rampa, houve uma mínima diferença no movimento.

Quase imperceptível.

Um atraso leve no apoio da perna direita.

Marcus percebeu.

Padameg também.

Ela mancava.

Mas escondia com precisão militar.

Atrás dela, uma jovem desceu.

— Sae'Rha, irmã mais nova de Rhae'Zuur. — disse Sael'Thir.

Adolescente, postura ereta, armadura azul-escura com detalhes dourados mais leves que os de Rhae. Sobre o ombro esquerdo, uma ave branca com quatro olhos de um azul intenso observava o ambiente com inteligência incomum.

Vashael inclinou levemente a cabeça ao vê-la.

A ave fez o mesmo.

Por fim, um ancião desceu com passos lentos, apoiando-se em um cajado adornado com cabeça de lobo esculpida. Ossos pequenos e talismãs pendiam do manto azul pesado.

— Khur'Zael, xamã do povo Zuur. — disse Sael'Thir por fim.

Os olhos dele eram mais atentos do que frágeis.

Como uma raposa de Vastara.

A delegação formou-se diante da rampa.

Rhae avançou três passos.

O machado tocava o solo com leveza rítmica.

Marcus avançou na mesma medida.

— Sou Marcus de Nova Vastara. — disse, firme. — Sejam bem-vindos.

Rhae inclinou a cabeça.

Não o suficiente para submissão.

O suficiente para protocolo.

— Rhae'Zuur, Comandante das Tribos Unificadas de Zuur. — respondeu, voz grave, controlada, mas com um sotaque ainda mais característico do que o de Padameg. — Agradecemos a permissão de pisar em solo ancestral.

O olhar dela percorreu a cidade ao redor.

Os cristais.

A água ascendente.

A vegetação integrada à arquitetura.

Por um breve segundo, algo cruzou sua expressão.

Não inveja.

Não hostilidade.

Reconhecimento.

— Vastara floresceu. — disse.

Padameg respondeu.

— Ela escolheu viver.

Os olhos de Rhae pousaram nela.

Avaliação silenciosa.

Depois, deslocaram-se.

Para Vashael.

O tempo pareceu reduzir.

A ave no ombro de Sae'Rha abriu as asas levemente.

Khur'Zael apertou o cajado com força mínima.

Rhae não sorriu.

Mas o olhar tornou-se mais atento.

— E este? — perguntou.

Marcus manteve-se firme.

— Vashael.

Rhae observou o garoto por mais um segundo do que o protocolo exigia.

Vashael sustentou o olhar.

Não desafiador.

Não intimidado.

Curioso.

O machado apoiado ao solo deslocou-se ligeiramente enquanto Rhae ajustava o peso.

A leve mancada tornou-se novamente quase invisível.

— Ele carrega duas histórias. — disse ela, baixo.

Padameg sentiu o Aspecto vibrar em resposta.

Não ameaça.

Mas reconhecimento cruzado.

— E vocês carregam a de Vastara. — respondeu Marcus.

Rhae inclinou levemente o queixo.

— É por isso que estamos aqui.

O vento cruzou a plataforma.

Os cristais do porto pulsaram em ritmo constante.

Nada explodiu.

Nada acusou.

Mas algo havia sido descoberto.

E ambos os mundos sabiam.

Rhae voltou o olhar novamente para Vashael

Marcus percebeu outro detalhe agora que estavam próximos.

O olho direito dela era verde profundo.

O esquerdo… ligeiramente mais opaco.

Não cego completamente.

Padameg percebeu o mesmo.

E percebeu também algo mais sutil: a tatuagem ao redor daquele olho vibrava com frequência diferente, quase imperceptível.

Rhae estava parcialmente marcada pelo Aspecto.

Não em harmonia.

Em tensão.

Khur'Zael avançou meio passo, apoiando-se no cajado.

A voz dele era mais suave do que a aparência sugeria.

— Vastara floresce porque seu coração ainda pulsa inteiro. — disse, observando os cristais ao redor. — Zha'Ruun-Khaal… não pulsa mais como antes.

O nome não era conhecido ali.

Mas o peso era.

Sael'Thir inclinou levemente a cabeça.

— Zha'Ruun-Khaal é o nome original do mundo de vocês?

Khur'Zael assentiu.

— Sim. — respondeu. — Antes da geada longa. Antes da fome.

Marcus manteve postura firme.

— O que está acontecendo com seu mundo?

O xamã não desviou.

— Nosso sol enfraquece há gerações. Os ventos mudaram. As estepes congelam onde antes havia pasto. As bestas migraram para regiões profundas

Sae'Rha observava Vashael enquanto o ancião falava.

Não como rival.

Como alguém avaliando algo raro.

Khur'Zael continuou:

— O Aspecto nasceu em Vastara. Mas não pertence apenas a ela. Em Zha'Ruun-Khaal, ele resistiu. Adaptou-se. Tornou-se… diferente.

Rhae ajustou levemente o peso sobre o machado.

A leve mancada tornou-se quase invisível novamente.

— Nosso povo unificou tribos que lutaram por séculos. — disse ela. — Unificamos para sobreviver.

Ferrum Rex permaneceu imóvel.

Mas atento.

Khur'Zael ergueu o cajado.

— Antigos registros falam de uma época em que Vastara e Zha'Ruun-Khaal partilhavam mais do que origem. Partilhavam propósito. Protegiam juntas aquilo que não podia cair em mãos erradas.

A frase pairou.

Marcus respondeu com cautela.

— Que tipo de coisa?

O xamã não sorriu.

— Tesouros que não são feitos de cristal.

Silêncio.

O vento atravessou a plataforma.

Padameg sentiu o Aspecto vibrar levemente sob a pele.

— Nosso mundo está morrendo. — disse ela, direta. — E quando um mundo morre, segredos antigos despertam.

Vashael sentiu algo no peito.

Não medo.

Reconhecimento.

Ele deu um passo à frente, soltando a mão da mãe.

— Zha'Ruun-Khaal sente dor? — perguntou a Khur'Zael.

O ancião olhou para ele com mais interesse agora.

— Sente frio. — respondeu.

Sae'Rha aproximou-se um pouco mais.

A ave de quatro olhos inclinou a cabeça para Vashael.

— Você também escuta o mundo falar? — disse ela, pela primeira vez. — Eu ouço Zha'Ruun-Khaal pedir por ajuda.

A voz era mais leve que a de Rhae.

— Sim. — respondeu Vashael. — Eu escuto Vastara sorrir.

Sentiu felicidade por não ser o único a poder ouvir mundos.

Sae'Rha observou os cristais do porto pulsarem.

— Nossos cristais no gelo não respondem assim.

Vashael ergueu o olhar para ela.

— Talvez estejam cansados.

A ave soltou um som baixo, quase um eco cristalino.

Marcus observava a troca.

Não havia hostilidade.

Havia curiosidade.

Rhae aproximou-se mais um passo.

De perto, a diferença entre os olhos era mais evidente.

O direito refletia o ambiente.

O esquerdo parecia absorvê-lo.

Vashael sentiu o estômago apertar.

Ele já tinha visto aquilo.

Na visão.

O Grande Patriarca mudando de forma.

Um olho verde.

Um olho branco brilhante.

Ele piscou.

E afastou a sensação.

Rhae percebeu a mudança mínima na respiração dele.

Khur'Zael inclinou-se levemente.

— Não viemos em busca de conflito. — disse. — Viemos recordar. Se Vastara e Zha'Ruun-Khaal foram uma vez escudo conjunto, talvez possam ser novamente.

Sael'Thir interveio com voz diplomática.

— Talvez seja prudente que conheçam Vastara antes de discutirmos alianças antigas.

Rhae voltou-se para ele.

— Vocês nos mostrarão?

— Mostraremos. — respondeu Marcus.

Padameg sustentou o olhar da comandante Zuur.

— Vocês precisam saber que Vastara não é uma fortaleza. Mas também não é território disponível.

Um leve sorriso quase imperceptível surgiu no canto da boca de Rhae.

— Não buscamos conquista. — mentiu.

O machado tocou o solo.

— Buscamos sobrevivência.

Sael'Thir fez um gesto sutil em direção à cidade.

— Comecemos pelo que somos agora.

Rhae voltou-se para Vashael.

— E talvez, pelo que ainda podemos nos tornar.

O vento mudou novamente.

Não como alerta.

Como expectativa.

CAPÍTULO 4

A COMANDANTE DA GEADA ETERNA

A delegação caminhou para dentro de Nova Vastara.

Não houve escolta ostensiva.

Ferrum e Korr'Mak mantinham distância suficiente para parecer protocolo — não contenção.

As ruas curvas conduziam naturalmente o grupo pelo eixo central da cidade. Tecidos translúcidos filtravam a luz do entardecer em tons azulados. Jardins suspensos conectavam edifícios orgânicos. Colunas de água ascendiam suavemente ao lado das estruturas cristalinas.

Sae'Rha observava tudo com atenção quase infantil.

— Vocês reconstruíram sem apagar o antigo. — comentou ela maravilhada.

Sael'Thir respondeu:

— Não só reconstruímos, mas também reorganizamos.

Rhae passava a mão pela superfície de um cristal que emergia da base de uma arcada antiga. O contato foi breve demais.

Mas Padameg percebeu a leve contração no maxilar dela.

Dor.

Não física apenas.

Reação espiritual.

— O Aspecto responde diferente aqui. — disse Rhae, neutra.

— Ele responde de forma completa. — alfinetou Padameg.

Rhae percebeu o tom, mas resolveu ignorar.

Khur'Zael observava os mercados, os jovens treinando, os sistemas gravitacionais integrados às ruas.

— Vocês domesticaram o poder. — murmurou.

— Não. — disse Marcus. — Só aprendemos a ouvi-lo.

Vashael caminhava próximo a Sae'Rha.

— Seu mundo é todo de gelo? — perguntou ele.

— Quase. — respondeu ela. — Temos estepes quando o vento permite. Lagos que congelam por metade do ciclo.

— Vastara gosta de água. — disse Vashael, apontando para uma coluna líquida que subia entre dois prédios.

Sae'Rha tocou a superfície da água ascendente com a ponta dos dedos.

— As águas de Zha'Ruun-Khaal não sobem mais. Eles estão quase sempre presas no solo.

Rhae ouviu a troca.

Não interferiu.

Mas observou.

Sael'Thir interrompeu suavemente:

— Talvez possamos mostrar outra parte de Vastara. O porto marítimo foi concluído há pouco. É onde a cidade costeira encontra o oceano restaurado.

Rhae inclinou levemente o queixo.

— Oceano aberto?

— Sim, completamente. — respondeu Sael'Thir.

— Nossos oceanos congelaram há séculos — comentou Rhae com um tom de tristeza quase imperceptível.

Marcus assentiu.

— É melhor irmos de nave panorâmica. A vista explica melhor que palavras.

A nave que a delegação havia embarcado era diferente das militares.

Estrutura ampla, casco translúcido parcialmente, permitindo visão completa do exterior. As asas eram mais largas e planas, projetadas para voo estável e lento.

Sem armamentos visíveis.

Sem símbolos de poder.

Apenas transporte.

Rhae observou a estrutura com interesse.

— Vocês não temem exposição?

Marcus respondeu com calma:

— Não vivemos mais escondidos.

Então a nave panorâmica ergueu-se com suavidade quase silenciosa.

O casco translúcido permitia que o céu vastariano envolvesse o interior como se não houvesse separação entre voo e mundo.

Nova Vastara expandiu-se abaixo deles.

O antigo coliseu transformado em núcleo vivo.

As passarelas orgânicas conectando distritos.

Cristais emergindo como extensões naturais da pedra.

Rios verticais conectando reservatórios superiores.

Rhae manteve os olhos fixos na cidade enquanto a nave ganhava altitude.

— O Aspecto pulsa diferente aqui. — disse ela, sem desviar o olhar.

Padameg observou-a com atenção renovada.

— Vocês também o utilizam.

Não era uma pergunta.

Rhae apoiou o machado ao lado do assento, ajustando discretamente a perna que sustentava menos peso.

— O Aspecto não pertence só a Vastara. — respondeu ela. — Ele floresceu aqui. Mas não nasceu aqui sozinho.

Khur'Zael completou:

— Em Zha'Ruun-Khaal, ele se manifesta sob pressão. Como fogo sob gelo.

Marcus cruzou os braços.

— E qual é o custo?

Rhae não respondeu imediatamente.

Os olhos dela refletiam o horizonte azul que se aproximava.

— Todo poder tem custo. — disse por fim.

Padameg inclinou levemente a cabeça.

— Aqui aprendemos a não buscar poder a todo custo.

Rhae desviou o olhar para ela.

Por um segundo, o olho esquerdo pareceu captar a luz diferente do direito.

— Eu sinto mais aqui. — admitiu Rhae, quase contra a própria vontade. — A conexão é… mais estável.

— Porque Vastara renasceu. — respondeu Padameg.

Silêncio.

A nave ultrapassou os limites urbanos.

O verde expandiu-se.

Florestas cristalinas se espalhavam até onde a vista alcançava. Árvores de troncos espessos eram atravessadas por veios luminosos azulados que pulsavam lentamente, como artérias de um organismo vivo.

Entre elas, lagos de superfície espelhada refletiam o céu. Em suas margens, criaturas se moviam com elegância contida.

Sae'Rha aproximou-se do casco translúcido.

— O que são aquelas? — perguntou, apontando para um grupo de mamíferos robustos de pelagem azul com galhadas curvas feitas de cristal.

Sael'Thir respondeu:

— Vael'Mor. Guardiões das florestas. Não são domesticados. A presença deles indica uma floresta saudável, o vento atravessa as galhadas quando eles correm fazendo um som como se eles cantassem.

Rhae observou com interesse.

— Possuem predadores?

— Sim, os Suun'Kala. — respondeu Sael'Thir. — Mas só caçam o necessário.

— E como eles são? — disse Rhae sem conseguir conter o interesse.

— Felinos de médio porte, pelagem negra com manchas cinzas. — respondeu Sael'Thir em tom professoral — Possuem seis patas, quatro na frente e duas atrás.

— Uau! — exclamou Rhae.

A nave inclinou levemente.

Um lago abriu-se abaixo deles.

Uma forma reptiliana emergiu à superfície, placas translúcidas refratando a luz do sol.

Sae'Rha respirou fundo.

— Aquilo…

— Uruun'Sil. — disse Vashael, antes de Sael'Thir. — Eles vivem entre as águas e o solo. Gostam até de passear nas dunas quando o mundo está calmo.

Sae'Rha virou-se para ele.

— Você conversa com eles?

— Às vezes.

A ave de quatro olhos no ombro dela abriu as asas, inquieta.

— Em Zha'Ruun-Khaal… — Sae'Rha começou, então olhou para Vashael — … nós não escolhemos nossos animais.

Vashael virou-se imediatamente.

— Como assim?

A ave de quatro olhos ajustou-se no ombro dela, abrindo levemente as asas translúcidas.

— Quando nascemos — continuou Sae'Rha — uma criatura escolhe ficar conosco. Não é dominação. É vínculo.

Vashael arregalou os olhos.

— Desde bebê?

Ela assentiu.

— Algumas tribos dizem que o espírito do mundo decide qual criatura caminha ao seu lado. Minha Zhai'Thren estava comigo antes que eu aprendesse a andar.

A ave inclinou a cabeça para Vashael, observando-o com os quatro olhos azulados que refletiam camadas diferentes de luz.

Vashael aproximou-se um pouco mais.

— Você sente o que ela sente?

— Às vezes. — respondeu ela. — Não tudo. Só o suficiente.

Vashael ficou em silêncio, impressionado.

— Eu queria um animal assim.

A ave soltou um som baixo, quase cristalino.

Khur'Zael observava a troca com atenção contida.

— O vínculo molda nosso povo desde o nascimento. — disse ele. — É por isso que sobrevivemos tanto tempo.

Rhae não interferiu.

Mas os olhos dela alternavam entre Vashael e o horizonte.

— Nós também temos as Yhaar'Nek nas estepes congeladas. — disse Sae'Rha. — Elas sentem quando o gelo racha antes de nós.

— Legal. — respondeu Vashael. — O Aspecto diz para elas.

Khur'Zael observava o garoto com atenção crescente.

— Ele ouve como os antigos ouviam.

Marcus percebeu o tom.

— Ele é uma criança.

— Crianças escutam melhor que guerreiros. — respondeu o xamã.

A nave avançou sobre uma região onde a floresta dava lugar a campos abertos. No alto, uma sombra cruzou o céu.

Asas amplas.

Corpo esguio.

— Thaal'Riin. — explicou Sael'Thir. — Predadores do alto. Mantêm o equilíbrio das planícies.

Rhae observou a criatura planar.

— Em Zha'Ruun-Khaal, nossas Zai'Thren migraram para o norte. O gelo tomou seus territórios.

Padameg percebeu novamente a leve tensão no corpo de Rhae.

Não apenas física.

O Aspecto nela reagia ao excesso de vitalidade ao redor.

— Seu mundo devia ser lindo. — disse Padameg.

— Antes de perder o calor era sim. — disse Rhae. — Mas agora não sobrou muito...

O oceano ainda não era visível.

Mas o ar já mudava.

Mais úmido.

Mais aberto.

Vashael aproximou-se de Sae'Rha.

— Quando seu mundo fala, ele fala triste?

Ela demorou para responder.

— Ele fala como se estivesse pedindo para não ser esquecido.

Vashael fechou os olhos por um instante.

— Vastara também não quer ser esquecida.

Rhae ouviu.

E, pela primeira vez, o olhar dela suavizou minimamente.

Mas apenas por um segundo.

A nave continuava avançando.

À frente, o horizonte começava a abrir-se em linha azul profunda.

Sael'Thir ajustou a rota.

— Estamos nos aproximando da costa.

A nave ultrapassou as últimas elevações.

E então—

O oceano revelou-se.

Um azul profundo que parecia não ter fim.

Ondas quebravam contra formações cristalinas que emergiam como torres naturais da água. Algumas delas inclinavam-se como se crescessem do fundo do mar em direção ao céu.

Fragmentos menores espalhavam-se ao longe, como ilhas recém-nascidas.

A luz refletia-se em milhares de pontos.

Sae'Rha ficou em silêncio.

— Está… vivo. — murmurou então.

— Está. — respondeu Vashael.

No horizonte distante, grandes estruturas cristalinas emergiam parcialmente submersas, desviando correntes marítimas e canalizando energia para a costa.

O vento agora era constante.

O cheiro do sal misturava-se ao aroma mineral dos cristais.

Rhae apoiou-se mais firmemente no machado ao levantar-se.

A leve mancada tornou-se novamente quase invisível.

Mas não aos olhos atentos.

Ela observou o oceano por longos segundos.

Depois falou:

— Gostaria de solicitar… uma conversa privada após o passeio.

A voz era formal.

Controlada.

— Apenas entre líderes.

Marcus não respondeu de imediato.

— Podemos organizar isso. — disse por fim.

Padameg manteve o olhar fixo nela.

— Após conhecermos melhor o mar de Vastara.

Rhae inclinou levemente o queixo.

— Justo.

A nave começou a reduzir altitude.

À frente, estruturas costeiras tornavam-se visíveis — torres cristalinas que serviam como faróis

energéticos, plataformas que avançavam mar adentro, velas iridescentes captando correntes invisíveis.

Sael'Thir ajustou a nave para o pouso.

— Bem-vindos ao litoral restaurado.

A nave começou a descer em arco amplo sobre a costa.

De cima, o litoral revelava sua geometria recém-reaprendida.

Não era um porto construído sobre o mar.

Era um porto integrado a ele.

Plataformas de pedra clara avançavam como raízes sobre a água, sustentadas por colunas cristalinas que penetravam profundamente no oceano. Em suas extremidades, torres esguias sustentavam focos azulados — não faróis comuns, mas condutores energéticos que harmonizavam correntes marítimas e fluxos do Aspecto.

Entre as plataformas, embarcações moviam-se com elegância.

Velas translúcidas captavam não apenas o vento, mas variações sutis do campo gravitacional gerado pelos cristais costeiros. O tecido iridescente refletia tons verdes, lilases e dourados conforme se ajustava à corrente marítima.

Sae'Rha aproximou-se do vidro.

— Elas… brilham.

— São tecidas com filamentos cristalinos. — explicou Sael'Thir. — Respondem ao vento e ao campo energético da costa.

Rhae observava em silêncio.

No mar aberto, formações cristalinas emergiam como lanças gigantes, algumas inclinadas, outras verticais, desviando ondas maiores e fragmentando a

força das correntes profundas. Entre elas, a água parecia dançar.

— Vocês moldaram o oceano. — disse Khur'Zael, quase para si.

— Não exatamente. — respondeu Marcus. — Os cristais nos ajudaram nessa tarefa.

A nave reduziu ainda mais a velocidade.

Logo abaixo, um dos ecranoplanos vastarianos cruzou a superfície da água com agilidade. A estrutura lembrava uma arraia metálica, asas abertas quase tocando o mar, deixando apenas um rastro branco suave.

Sae'Rha arregalou os olhos.

— Ele voa ou nada?

— Os dois. — respondeu Vashael com orgulho involuntário.

A nave panorâmica pousou em uma das plataformas externas com suavidade absoluta.

Nenhum impacto brusco.

Apenas o som do casco tocando a superfície integrada.

Quando a rampa se abriu, o vento marítimo envolveu o grupo.

Sal.

Cristal.

Vida.

O oceano de Vastara não era selvagem.

Era poderoso.

Rhae desceu com cuidado controlado.

A leve diferença no apoio da perna foi mais perceptível ali, sobre a pedra úmida.

Sae'Rha respirou fundo.

— Nosso mar nunca teve essa cor.

Khur'Zael apoiou o cajado contra o solo.

— O gelo não permite.

Sael'Thir fez um gesto em direção a uma embarcação ancorada mais à frente.

Um barco de casco alongado, linhas elegantes e proa levemente curvada para cima como se quisesse cortar o horizonte. O corpo era entalhado com padrões fluidos, veios azulados correndo ao longo da madeira reforçada com cristal.

A vela principal, recolhida parcialmente, brilhava sob a luz do entardecer com tons que pareciam mudar conforme o ângulo de visão.

— Este nos levará para além da zona de ancoragem. — disse Sael'Thir. — Lá o mar é mais aberto.

Rhae analisou a embarcação.

— Sem escolta?

Marcus sustentou o olhar dela.

— Hospitalidade não combina com exibição de força.

Um breve silêncio.

Rhae assentiu.

— Em Zha'Ruun-Khaal, também honramos a hospitalidade sagrada.

A frase ficou suspensa no ar.

Não como ameaça.

Como lembrança de código.

O grupo embarcou.

O casco respondeu ao peso como se reconhecesse seus passageiros. Cristais embutidos ao longo da borda emitiram brilho suave quando o barco foi liberado das amarras.

A vela principal começou a se erguer lentamente.

O tecido captou o vento.

Mas não apenas isso.

Houve um leve deslocamento na água ao redor — como se o mar aceitasse a partida.

Vashael segurou a borda do barco, observando o movimento da água.

— O mar gosta quando navegamos.

Sae'Rha inclinou a cabeça.

— Ele gosta da gente.

Vashael sorriu.

O barco afastou-se do cais.

À medida que ganhava distância, o porto parecia crescer atrás deles, não diminuir — torres cristalinas refletindo o sol poente, plataformas conectadas como teias vivas sobre o oceano.

À frente, apenas mar aberto e as grandes formações cristalinas emergindo como sentinelas naturais.

Rhae permaneceu em pé, apoiada no machado.

Observava o horizonte.

Calculava.

O vento fazia a capa de peles ondular suavemente.

O Aspecto nela vibrava de forma irregular, como se estivesse tentando se sincronizar com o campo vastariano — e falhando parcialmente.

Padameg sentiu.

Não hostilidade.

Mas tensão.

Marcus aproximou-se levemente dela, sem quebrar o protocolo.

— O mar revela mais do que a terra. — disse, neutro.

Rhae respondeu sem olhar para ele:

— E esconde mais também.

O barco avançava.

E o oceano começava a engolir os sons do porto.

A conversa decisiva ainda não começara.
Mas estava próxima.

O barco avançava com estabilidade serena.

A vela principal ajustava-se quase imperceptivelmente, captando variações invisíveis no vento e no campo cristalino sob o mar. A água cortava o casco em ondas suaves que se desfaziam em luz.

Sael'Thir observou discretamente a delegação Zuur.

As peles espessas, os mantos sobrepostos, as camadas de tecido escuro entrelaçado com metal.

O ar ali era úmido e morno.

— Não estão sentindo calor? — perguntou ele, com genuína curiosidade.

Sae'Rha abriu um pequeno sorriso.

Mas foi Khur'Zael quem respondeu.

— Nossas vestes não são apenas proteção contra frio. — disse o xamã, tocando a própria manga. — São tecidos vivos, entrelaçados com minerais de Zha'Ruun-Khaal. Adaptam-se ao ambiente.

Ele pressionou levemente um ponto próximo ao ombro. Pequenos veios azulados sob a superfície do tecido pulsaram por um segundo.

— Em nosso mundo, armazenam calor e o distribuem lentamente pelo corpo. Aqui… dissipam.

Rhae completou, sem olhar para eles:

— Regulam temperatura, umidade e pressão. Sem isso, não sobreviveríamos às estepes congeladas.

Padameg inclinou levemente a cabeça.

— Então estão confortáveis aqui.

Rhae fitou o horizonte.

— Conforto é relativo.

O vento aumentou um pouco.

O barco inclinou-se suavemente antes de estabilizar.

Vashael permanecia próximo à borda, observando as formações cristalinas que emergiam do oceano como sentinelas.

Sae'Rha aproximou-se dele novamente.

— O mar fala com você? — perguntou, em tom quase conspiratório.

Vashael fechou os olhos por um segundo.

— Ele não fala como Vastara fala na floresta. Ele… empurra os sentimentos.

— O quê?

— Movimento. — respondeu ele. — Como se quisesse ir sempre mais longe.

Sae'Rha ficou pensativa.

— O nosso mar parou.

O comentário foi simples.

Mas pesado.

Rhae virou-se levemente.

— Nosso mundo está mudando rápido demais. — disse, com voz firme o suficiente para que todos ouvissem. — Quando um planeta entra em declínio, ele chama aquilo que pode salvá-lo.

Marcus observou-a com atenção.

— E vocês acreditam que Vastara é essa resposta?

Rhae demorou a responder.

— Acreditamos que Vastara lembra algo que nós esquecemos.

Padameg sentiu o Aspecto vibrar sob a pele.

Não era ameaça direta.

Mas havia intenção ali.

Khur'Zael apoiou o cajado contra o convés do barco.

— Há registros antigos em nossas tribos. Falam de uma época em que mundos-irmãos partilhavam mais do que origem. Partilhavam vigilância.

— Vigilância sobre o quê? — perguntou Marcus.

O xamã não respondeu de imediato.

O mar pareceu expandir-se ao redor deles.

— Sobre aquilo que desperta quando o equilíbrio se rompe.

Silêncio.

Vashael sentiu um arrepio leve.

Rhae desviou o olhar para ele.

— Alguns sinais… já começaram a ser percebidos. — disse ela, cuidadosamente escolhendo as palavras. — Não apenas em nosso mundo.

Marcus não quebrou o contato visual.

— Está insinuando algo?

— Estou dizendo — respondeu Rhae — que talvez Vastara não esteja tão isolada quanto acredita.

O vento soprou com mais força por um instante.

A vela reagiu, ajustando-se automaticamente.

Sael'Thir interveio com tom diplomático:

— É exatamente por isso que a conversa privada pode ser útil.

Rhae assentiu.

— Sim.

Ela apoiou o machado no convés.

O metal tocou a madeira cristalina com som seco.

— Não falaremos disso diante do mar aberto.

Padameg percebeu.

Aquilo não era improviso.

Eles haviam vindo com uma narrativa preparada.

Marcus aproximou-se levemente da borda do barco, ao lado de Vashael.

— Está bem? — perguntou em voz baixa.

— O mar está calmo. — respondeu o garoto. — Mas algo… está nós observando.

Marcus não reagiu externamente.

Mas ouviu.

O barco avançava cada vez mais distante do porto.

As torres cristalinas agora eram apenas linhas finas contra o horizonte.

O oceano vastariano cercava-os por todos os lados.

Hospitalidade sagrada ainda os protegia.

Mas a conversa verdadeira havia começado a emergir.

Vashael permaneceu imóvel por mais alguns segundos.

Então seus olhos se estreitaram.

— Ele está nos acompanhando.

Marcus seguiu a linha de visão do garoto.

No início, não viu nada além do azul profundo.

Depois—

Uma linha escura cortou a superfície.

Distante.

Rápida.

Desapareceu.

Silêncio.

Padameg sentiu o Aspecto vibrar levemente.

Não agressivo.

Alerta.

A água atrás do barco ondulou de forma diferente do padrão natural das correntes.

Uma forma longa, deslocando-se sob a superfície.

Então surgiu.

A barbatana dorsal.

Alta.

Irregular.

Com veios incandescentes pulsando sob a superfície da pele.

Sae'Rha deu meio passo atrás.

— O que é isso?

Sael'Thir ficou rígido.

— Koruun'zha.

O nome caiu como pedra.

A barbatana desapareceu novamente.

O mar voltou a parecer calmo.

Mas o barco agora cortava a água sabendo que algo grande demais se movia abaixo.

— Eles não se aproximam de embarcações. — murmurou Sael'Thir.

Padameg sentiu o estômago contrair.

— Nunca.

A água à direita do casco inflou de repente—

Impacto.

O barco foi atingido lateralmente com força brutal.

A madeira cristalina gemeu.

A vela perdeu tensão por um segundo.

Sae'Rha segurou-se no mastro.

Vashael quase caiu, mas Marcus o puxou para trás.

A água explodiu ao lado do casco.

Agora era impossível ignorar.

A criatura emergiu parcialmente.

Mandíbulas largas.

Dentes serrilhados em múltiplas fileiras.

Olhos ardendo em laranja profundo.

O corpo era colossal.

A pele parecia formada por placas espessas, como rocha vulcânica, atravessadas por fissuras luminosas que pulsavam em tons de lava incandescente. Cada movimento revelava veios de energia sob a superfície, como se o próprio mar estivesse tentando conter fogo vivo.

Suas nadadeiras eram largas demais para um predador comum — lâminas naturais capazes de cortar

água e madeira com igual facilidade. A cauda se dividia em múltiplas extensões afiadas, movendo-se como chicotes submersos.

Ao redor dele, a água fervilhava.

Não de calor real.

Mas de energia.

— Ele está agitado. — disse Vashael, em voz baixa. — Ele não está… normal.

O Koruun'zha mergulhou novamente.

Silêncio.

Apenas o rangido da estrutura.

Marcus e Padameg se posicionaram instintivamente.

O Aspecto começou a responder ao redor deles.

Não convocado.

Mas preparado.

A água à frente do barco explodiu.

O Koruun'zha emergiu inteiro.

Gigante.

Mais de duas vezes o comprimento da embarcação.

O corpo arqueado projetou sombra sobre o convés.

Mandíbulas abertas.

Dentes como estacas.

O salto foi direcionado ao centro do barco.

Marcus levou a mão até sua gladiu.

Padameg girou a mão em direção a sua adaga vastariana.

Mas antes que qualquer um dos dois pudesse agir—

Rhae moveu-se.

Não foi um passo.

Não foi um salto.

Foi um clarão.

Verde.

O convés pareceu vibrar.

O machado deixou o chão e descreveu um arco perfeito no ar.

O olho direito de Rhae brilhou intensamente.

O esquerdo—

Branco.

Incandescente.

O golpe atingiu o pescoço da criatura no ponto exato onde as placas se encontravam.

A lâmina atravessou carne, placa e energia como se fossem papel.

O som foi úmido.

Profundo.

O Koruun'zha soltou um rugido submarino que reverberou pelo casco.

A lâmina rasgou da base da mandíbula até metade do torso.

O corpo gigantesco foi lançado lateralmente.

Caiu no mar com uma explosão de água vermelha.

O sangue espalhou-se em espiral ao redor do barco.

A lateral da embarcação foi banhada por respingos escuros.

Silêncio.

Apenas o som das ondas.

O mar começou lentamente a se acalmar.

O corpo do Koruun'zha afundou, deixando atrás apenas uma mancha rubra que se diluía.

Rhae pousou de volta no convés.

Estável.

Respiração controlada.

O machado ainda vibrava levemente com energia residual.

O olho esquerdo voltou ao tom opaco.

Como se nada tivesse acontecido.

Marcus e Padameg não haviam sequer terminado o gesto que iniciaram.

O Aspecto ainda pulsava quando perceberam que não haviam sido os primeiros a agir.

Foram os últimos.

Mas o ataque terminara antes que qualquer defesa se consolidasse.

O barco balançou uma última vez.

Depois estabilizou.

O vento voltou a encher a vela.

Como se o oceano tivesse decidido que aquilo bastava.

A mancha vermelha espalhava-se lentamente na superfície.

Cristais submersos começaram a brilhar abaixo da água, reagindo à perturbação.

Sae'Rha olhava para a superfície tingida com expressão indecifrável.

Não medo.

Surpresa.

Khur'Zael apertava o cajado com força suficiente para embranquecer os nós dos dedos.

Ele não parecia surpreso.

Parecia atento demais.

Sael'Thir foi o primeiro a falar.

— Isso… não devia acontecer.

A frase saiu baixa.

Quase para si.

Marcus manteve os olhos em Rhae.

— Koruun'zha não atacam embarcações vastarianas.

Rhae limpou a lâmina do machado com um movimento preciso, deixando o sangue escorrer para o convés

— Esse atacou.

Padameg deu um passo à frente.

O Aspecto ainda vibrava sob sua pele.

— Eles só atacam quando o campo do Aspecto é perturbado.

Vashael caminhou lentamente até a borda do barco.

Olhou para a água vermelha.

Fechou os olhos.

O mar estava confuso.

Ferido.

Mas não faminto.

— Ele estava com medo. — disse o garoto.

Rhae virou-se para ele.

— Medo?

— Sim. — Vashael franziu o cenho. — Como se algo estivesse queimando dentro dele.

Padameg sentiu um arrepio.

O olhar dela foi direto para Rhae.

O olho esquerdo da comandante ainda parecia ligeiramente mais claro que o normal.

Não totalmente opaco.

Resíduo.

O Aspecto nela não era estável.

Era forçado.

Marcus percebeu o mesmo.

— Seu golpe foi… rápido. — disse ele, tentando ser neutro

Rhae sustentou o olhar.

— Koruun’zha são predadores de emboscada. Se hesita, morre.

— Conhece bem a anatomia deles para alguém de fora. — acrescentou Padameg.

Um segundo de pausa.

Breve.

Controlado.

— Predadores variam pouco entre mundos. — respondeu Rhae.

Khur’Zael quebrou a tensão.

— O mar reage quando energias distintas se encontram.

Sael’Thir voltou-se abruptamente para ele.

— Está sugerindo que a presença de vocês provocou isso?

— Estou sugerindo — disse o xamã com calma — que equilíbrios delicados sentem mudanças primeiro.

O vento soprou mais forte por um instante.

A vela estremeceu.

Vashael continuava olhando para o mar.

— Ele não queria nos comer.

Todos olharam para ele.

— Então o que queria? — perguntou Sae’Rha, quase num sussurro.

— Parar algo.

A palavra pairou no ar.

Padameg sentiu o estômago apertar.

Animais vastarianos nunca haviam reagido daquela forma.

Nem mesmo nos piores dias da reconstrução.

E agora — No mesmo dia em que os Zuur tocaram solo vastariano — Um Koruun’zha atacara.

Não aleatoriamente.

Agitado.

Queimando por dentro.

Ela olhou novamente para Rhae.

O machado ainda emitia vibração quase imperceptível.

O olho esquerdo da comandante parecia absorver a luz do entardecer.

Não refletir.

Rhae foi a primeira a romper o silêncio.

— O mar testou nossa presença.

— Ou reagiu a ela. — respondeu Padameg, sem suavidade.

Os olhares se cruzaram.

Duas mulheres que entendiam o poder.

Mas o viviam de formas diferentes.

Marcus interveio antes que a tensão ganhasse forma.

— A conversa privada realmente será necessária.

Rhae assentiu.

— Sim.

Sem hesitação agora.

O barco seguia adiante.

O sangue já se dissipava.

Mas algo havia mudado.

O mar vastariano não estava hostil.

Estava atento.

E Padameg sentia com crescente clareza:

A chegada dos Zuur não era apenas diplomacia.

Era interferência.

O vento encheu novamente a vela.

O barco avançou em direção às formações cristalinas maiores, onde o mar era mais profundo.

A reunião ainda não havia começado.

Mas a confiança—

Essa já estava ferida.

CAPÍTULO 5
A SOMBRA DA AMEAÇA

O barco seguiu por mais alguns minutos em silêncio.

À frente, uma formação começou a emergir da escuridão azul.

Não era apenas uma ilha.

Era um fenômeno.

Metade dela era tomada por um único cristal colossal, erguendo-se do centro rochoso como se o próprio núcleo de Vastara tivesse decidido romper a superfície. O cristal era translúcido, mas não totalmente claro — veios internos percorriam sua estrutura como relâmpagos congelados.

À medida que o sol descia, o cristal começou a brilhar.

Não com intensidade agressiva.

Mas com uma luz interna, azul-violeta, que pulsava em ciclos lentos.

A outra metade da ilha era viva.

Construções de pedra clara e madeira cristalina espalhavam-se ao redor da base do gigante luminoso. Pequenas docas circulares conectavam-se à água.

Lanternas suspensas flutuavam entre postes esguios, alimentadas por fragmentos do próprio cristal central.

Havia comércio.

Música distante.

Um bar aberto de frente para o mar, onde marinheiros vastarianos conversavam sob velas iridescentes recolhidas.

Nada parecia militar.

Nada parecia secreto.

E, ainda assim, era isolado.

Alto-mar.

Longe o suficiente do continente para que o oceano absorvesse qualquer palavra que não devesse viajar.

O barco atracou em uma das docas secundárias.

Sael'Thir foi o primeiro a falar.

— Se desejam uma conversa reservada… este é o melhor lugar.

Rhae observou o cristal gigante.

O olho direito refletia a luz azul.

O esquerdo absorvia.

— Ele pulsa como um coração. — disse.

— Ele regula correntes marítimas e fluxos do Aspecto na costa. — respondeu Sael'Thir. — E ao anoitecer… amplifica percepção.

Khur'Zael sorriu levemente.

— Um lugar adequado, então.

O grupo caminhou por uma rua curta de pedra polida.

O comércio já diminuía o ritmo com a chegada da noite.

Ao centro da ilha viva havia uma estrutura simples, circular, com janelas amplas voltadas para o mar.

Nada ornamental.

Mas sólida.

No interior, uma mesa oval de madeira cristalina refletia a luz azul que atravessava as paredes.

Sae'Rha hesitou por um segundo.

Rhae fez um gesto sutil.

— Fique.

Marcus tocou no ombro de Vashael.

— Faça companhia para Sae'Rha.

— Mas... — começou Vashael.

— Sem mais — interrompeu Padameg.

A delegação entrou.

A porta se fechou.

Silêncio.

O cristal ao fundo pulsava.

Lento.

Estável.

Rhae não se sentou imediatamente.

Caminhou até a janela.

Observou o mar.

Depois falou.

— Não viemos só por diplomacia ou comércio.

Marcus manteve postura firme.

— Isso já estava claro.

Rhae virou-se.

— Vimos sinais. Em nosso mundo primeiro. Depois… além dele.

Khur'Zael apoiou o cajado no chão.

— Antigas narrativas Zuur falam de "Herdeiros Vivos". Crianças que carregam fragmentos conscientes do Aspecto.

— Fragmentos que não deveriam existir isoladamente.

Padameg sentiu o ar pesar.

— Está dizendo que ele é um mito?

— Estou dizendo — respondeu o xamã — que ele possui o gene tanto do Grande Patriarca, quanto da Grande Matriarca.

Silêncio.

O cristal da ilha pulsou uma vez mais forte.

Sael'Thir falou pela primeira vez desde que entraram.

— Registros vastarianos antigos mencionam algo semelhante.

Marcus virou-se para ele.

— Você nunca mencionou isso.

— Porque eram fragmentos incompletos. Lendas sobre linhagens que mantinham o equilíbrio entre mundos.

Rhae continuou:

— Há forças que percebem distorções no campo do Aspecto. Forças antigas. Que também descendem de Vastara.

Ela não citou nomes.

Não mencionou o planeta de Uruk-Yek e seu Imperador imortal.

Mas o peso da palavra "forças" não era abstrato.

— Detectamos atividade crescente em regiões ligadas à antiga matriz de Vastara. — disse Khur'Zael. — Um padrão que antecedeu o colapso parcial de nosso mundo.

Padameg falou, controlada.

— Está insinuando que alguém procura por ele?

Rhae não respondeu imediatamente.

— Estou dizendo que Vastara não está pronta para o que vem.

A frase caiu firme.

Sem grito.

Sem ameaça.

Marcus sustentou o olhar dela.

— E Zha'Ruun-Khaal está?

O canto da boca de Rhae moveu-se quase imperceptivelmente.

— Não. Mas sabemos que eles não podem acha-lo lá.

Silêncio.

O cristal brilhou mais intensamente por um instante, como se reagisse à tensão.

Rhae finalmente sentou-se.

Apoiou o machado ao lado da cadeira.

— Não pedimos que decidam nada esta noite.

Padameg manteve os olhos nela.

— E não decidiremos.

Rhae não negou.

— Propomos que visitem nosso mundo.

Marcus não reagiu.

Rhae continuou:

— Para entender o padrão que estamos rastreando. Para ver o que vimos.

— E deixar Vastara vulnerável? — perguntou Padameg.

Sael'Thir interveio:

— Se houver mesmo atividade ligada à matriz ancestral… ignorar seria pior.

Khur'Zael completou:

— O que despertou em nosso mundo começou sutil. Depois tornou-se inevitável.

Não explicou mais.

Não falou de herdeiros usados como chaves para o renascimento de mundos.

Mas o sentimento estava ali.

Padameg sentiu o Aspecto vibrar.

Não como alerta.

Como confirmação.

Algo estava se movendo além de Vastara.

Marcus respirou fundo.

— Se formos… vamos por escolha própria.

— É o único modo aceitável. — respondeu Rhae.

Hospitalidade sagrada.

Agora aplicada à política.

O cristal da ilha atingiu seu pico de brilho.

O mar refletiu a luz como um campo de estrelas invertidas.

A conversa havia sido contida.

Sem coerção.

Sem exigência explícita.

Mas o caminho estava traçado.

Sael'Thir quebrou o silêncio final.

— Se as lendas são parcialmente verdadeiras… não podemos fingir que não ouvimos.

Marcus finalmente disse:

— Precisamos de mais tempo.

Rhae assentiu.

— Esperávamos isso.

O vento soprou contra as janelas.

O oceano ao redor da Ilha de Cristal parecia escutar.

Pela primeira vez desde a libertação de Vastara—

A escolha que se aproximava exigia sair de casa.

Não por guerra.

Mas por pressentimento de algo maior.

E isso tornava tudo mais perigoso.

O espaço-porto interno estava silencioso demais para o horário.

Não por ausência de vida.

Mas por escolha.

Os corredores cristalinos mantinham fluxo normal de trabalhadores, mas a área reservada para tráfego interplanetário estava isolada por marcadores luminosos sutis. Nada ostensivo. Apenas protocolo elevado.

O cruzador Zuur aguardava.

Imóvel.

Imenso.

Suas inscrições angulares percorriam o casco como memória viva.

Marcus, Padameg e Vashael caminhavam juntos.

Sem escolta formal.

Mas não sozinhos.

Sael'Thir aguardava próximo à plataforma elevada. Ferrum Rex mantinha postura firme alguns metros atrás. Korr'Mak observava o céu, os quatro braços cruzados sobre o peitoral da armadura vastariana.

O vento era leve.

Mas atento.

Marcus ajoelhou-se diante de Vashael antes da linha de embarque.

— Última chance. — disse, em tom calmo. — Se quiser ficar, ficamos.

Vashael balançou a cabeça.

— Eu preciso ver.

Padameg aproximou-se.

— Ainda sente?

O garoto assentiu.

— Sim.

— Onde? — perguntou ela.

Ele apontou para o céu.

Depois para o próprio peito.

— Lá fora. E aqui dentro.

Marcus manteve o olhar firme.

— São eles?

Vashael hesitou.

— Não. É algo mais longe.

Mas não explicou mais.

Não falou sobre o olho verde.

Nem sobre o branco incandescente que havia visto na visão.

Guardou aquilo.

Para si.

Padameg segurou o rosto do filho entre as mãos.

— Nós não vamos te entregar a ninguém.

— Eu sei.

Sael'Thir aproximou-se.

— O salto deles não é tão preciso quanto o romano. — disse, baixo o suficiente para que apenas Marcus ouvisse. — Pode haver instabilidade gravitacional leve durante a transição.

Marcus assentiu.

— A gente aguenta.

Sael'Thir pousou a mão no ombro de Vashael.

— Vastara não é um lugar. — disse. — É um vínculo. Onde você estiver, ela saberá.

Ferrum Rex deu dois passos à frente.

— Se houver qualquer sinal de coerção, enviaremos a frota.

Marcus sorriu de leve.

— Eu não esperaria nada menos de você.

Korr'Mak aproximou-se de Vashael.

Os quatro braços moveram-se com cuidado incomum.

Ela tocou brevemente o ombro dele com dois dedos.

— Volte mais forte. — disse.

Não era exigência.

Era confiança.

A rampa do cruzador Zuur abriu-se com deslocamento suave de placas estruturais.

Rhae aguardava no topo.

O machado apoiado ao lado.

O olho esquerdo mais opaco sob a luz do espaço-porto.

— Estão prontos? — perguntou.

— Estamos. — respondeu Marcus.

Sae'Rha inclinou levemente a cabeça para Vashael ao vê-lo subir.

Sorriu alegremente e acenou.

Vashael retribuiu o gesto amigável.

O interior da nave era diferente de qualquer estrutura vastariana.

Não orgânico como Vastara.

Não geométrico frio como Roma.

Era angular.

Denso.

Superfícies metálicas entrelaçadas com cristais opacos que pulsavam em frequência baixa.

O ar tinha cheiro mineral mais forte.

Mais seco.

Eles foram conduzidos a uma câmara principal de acomodação.

Nada luxuoso.

Nada hostil.

Funcional.

Rhae fez um gesto para que se acomodassem.

— A decolagem ocorrerá em dois minutos. E quando chegarmos na zona segura faremos a dobra.

Marcus manteve-se de pé por um momento.

— Vocês utilizam campo de compressão direta?

Khur'Zael respondeu:

— Nosso método é menos… elegante que o romano.

Rhae completou:

— Mas nos trouxe até aqui.

A nave decolou suave.

Então começou a acelerar, saindo da atmosfera de Vastara quase em um instante.

Bem diferente da velocidade controlada da descida.

Vashael caminhou até uma das aberturas translúcidas.

Vastara ocupava quase todo o campo de visão.

Azul.

Verde.

Cristal.

As florestas respiravam sob a luz solar.

As Dunas de Ashael apareciam como traços claros na borda do continente.

Ele pressionou a mão contra o painel.

— Eu vou voltar.

Não era promessa infantil.

Era declaração.

Padameg aproximou-se atrás dele.

Marcus colocou a mão no ombro do filho.

— A dobra já vai começar, se acomodem por favor — disse Rhae.

Os três se sentaram lado a lado.

Os assentos pareceram abraça-los.

Então cintos cruzados saíram automaticamente e os empurraram contra o assento.

O cruzador começou a vibrar.

Não suavemente como as naves romanas.

Houve uma oscilação mais intensa no chão.

Os cristais internos pulsaram em sequência irregular.

— Campo instável. — murmurou Marcus.

Rhae não desviou o olhar dos controles.

— Mantendo contenção.

A luz ao redor da nave começou a distorcer.

Não como dobra romana — que parecia deslizar pela realidade.

Aqui, o espaço parecia ser forçado.

Comprimido.

Rachado.

Vastara começou a se alongar na visão.

As estrelas tornaram-se linhas.

Marcus sentiu a diferença imediatamente.

— A tecnologia de Roma envolve o espaço. — disse, baixo. — A de vocês o atravessa.

Rhae respondeu sem virar-se:

— Sobrevivência raramente permite refinamento.

O campo intensificou-se.

Por um segundo, Vashael sentiu como se o olhar distante se aproximasse.

Mais atento.

Mais curioso.

O mundo azul desapareceu.

O som cessou.

E o cruzador Zuur rompeu o espaço conhecido.

Eles não foram levados.

Eles escolheram ir.

E, pela primeira vez desde a libertação de Vastara, o herdeiro deixava o próprio mundo.

Não por guerra.

Mas porque algo além das estrelas havia começado a observá-lo de volta.

CAPÍTULO 6
ZHA'RUUN-KHAAL

O impacto da dobra cessou como um estalo seco na estrutura da nave.

O silêncio que se seguiu não era vazio.

Era denso.

O painel translúcido diante deles reacendeu lentamente.

E então — O mundo Zuur revelou-se.

Zha'Ruun-Khaal não era azul.

Era branco.

Branco atravessado por veios escuros como cicatrizes geológicas.

Grandes massas de gelo cobriam continentes inteiros, mas não de forma uniforme — fendas colossais rasgavam a superfície, expondo regiões rochosas e cristais gigantes que emergiam como lanças presas no planeta.

Luzes douradas pontilhavam a escuridão.

Cidades.

Pequenas.

Espalhadas.

Isoladas umas das outras.

Marcus não disse nada por vários segundos.

Então:

— Se Vastara floresce...

Padameg completou em voz baixa:

— Aqui eles resistem.

Vashael sentiu algo diferente.

Não tristeza.

Resistência.

O planeta não parecia morto.

Parecia endurecido.

O cruzador iniciou descida.

A atmosfera de Zha'Ruun-Khaal não envolveu a nave como Vastara fazia.

Ela resistiu.

Ventos violentos sacudiram a estrutura.

Cristais nas montanhas refletiam auroras naturais que cruzavam o céu em tons violeta e verde-pálido.

Tempestades de neve moviam-se como muralhas vivas no horizonte.

Marcus apertou o braço do assento.

— Eles vivem nisso.

Rhae respondeu, já diferente.

Não usava mais o tom diplomático que havia adotado em Vastara.

Agora era mais rígida.

Mais comandante.

— Nós nascemos nisso.

A nave atravessou uma camada de nuvens congeladas.

Abaixo — Montanhas serrilhadas.

Vales cobertos por gelo azul-escuro.

Cristais colossais cravados nas encostas, irradiando energia térmica controlada.

Não decorativos. Essenciais.

Vael’Zuur-Thraan surgiu como uma fortaleza viva.

Não havia elegância orgânica como Vastara.

Havia funcionalidade.

Estruturas circulares semi-enterradas no gelo para preservar calor.

Cúpulas reforçadas com cristal térmico.

Torres angulares que serviam como amplificadores energéticos e vigias naturais.

No centro — Um grande salão abobadado, coroado por um cristal vertical que brilhava azul profundo, funcionando como coração energético da cidade.

Ao redor da capital, rebanhos enormes moviam-se lentamente sob supervisão.

Vashael estreitou os olhos.

— São Yhaar'Nek?

Sae’Rha assentiu.

— Sem elas, morremos.

As criaturas eram massivas, pelagem espessa branca, chifres largos, respiração visível no ar congelado. Seus corpos emanavam calor leve — fruto do vínculo antigo entre espécie e mundo.

Padameg observou atentamente.

— Vocês domesticam a natureza.

— Não. — respondeu Khur’Zael. — Nós só negociamos com ela.

A nave pousou sobre uma plataforma cristalina parcialmente enterrada no gelo.

Portões pesados se abriram.

O vento entrou como lâmina.

Frio verdadeiro.

Mesmo com as roupas vastarianas adaptativas que Sael'Thir havia os dados, Marcus sentiu a diferença.

O vento não foi o primeiro som que os recebeu.

Foi o canto.

Grave.

Profundo.

Ressonante.

Não vinha de um único ponto.

Vinha do chão.

Homens e mulheres Zuur estavam alinhados ao longo da plataforma cristalina. Não em fileiras militares — em semicírculo ritualístico.

Seus peitos vibravam enquanto produziam sons impossíveis de separar em notas claras.

Um tom base gutural, profundo como gelo se partindo sob um lago congelado.

Sobre ele, harmônicos surgiam — agudos e metálicos — como o próprio vento atravessando cavernas térmicas.

Marcus sentiu o som no esterno antes de ouvi-lo nos ouvidos.

Padameg percebeu o padrão.

Não era música.

Era ritual.

— Thra'Kuun Veth. — Khur'Zael murmurou.

— Canto de recepção aos que cruzam mundos. — traduziu Sae'Rha para Vashael.

Os cantores alternavam respirações profundas com vibrações sustentadas que pareciam sair da base da garganta e ecoar pelo gelo ao redor. Cristais na plataforma reagiam, amplificando a frequência.

O som não celebrava.

Testava.

Como se o mundo estivesse escutando junto.

Quando Rhae desceu da nave, o tom mudou levemente.

Mais agudo.

Mais tenso.

E alguns dos Zuur abriram os olhos durante o canto — olhando diretamente para ela.

Como reconhecimento.

E ali, em seu mundo — Ela não parecia visitante.

Parecia eixo.

Guerreiros Zuur também aguardavam na plataforma.

Arcos de Lúmen repousavam em suas costas — estruturas curvas feitas de metal escuro e cristal central brilhante. A corda não era corda: era feixe energético estabilizado.

Cada arco carregava energia suficiente para perfurar placas blindadas.

Não exibiam ameaça.

Mas estavam prontos.

Padameg percebeu.

Hospitalidade não significava vulnerabilidade.

Ao redor da plataforma, várias figuras Zuur estavam acompanhadas por uma única criatura.

Alguns caminhavam ao lado de um Zai'Thren — grandes aves de plumagem branca e olhos azulados brilhantes, asas amplas adaptadas para correntes

geladas. Eram maiores que a ave que Sae'Rha levava em seu ombro.

Outros estavam ligados a felinos massivos de presas longas, pelagem espessa e marcas luminescentes sob o couro.

Sempre uma.

Nunca duas.

Vashael observava.

— O que são aqueles gatos gigantes?

— São os Khaer'Thuun, são os guerreiros das montanhas. — respondeu Sae'Rha.

— Vocês escolhem eles?

Sae'Rha aproximou-se dele.

— Não. A escolha é feita pelo mundo quando nascemos. — respondeu. — E em algum momento da vida eles nos encontram.

— E ninguém tem mais de uma?

Ela hesitou apenas o suficiente para ser notado.

— Isso não acontece.

O canto cessou lentamente.

O silêncio que se seguiu foi mais pesado que o vento.

E então ele surgiu.

Das laterais da plataforma, entre as formações cristalinas.

Um Khaer'Thuun maior que os demais.

Pelagem não branca — mas acinzentada, quase prateada sob a aurora.

O lado esquerdo do rosto era marcado por uma cicatriz profunda que atravessava o olho e desaparecia sob o maxilar. O olho cicatrizado era opaco. O direito brilhava azul intenso.

Ele caminhou direto até Rhae.

Sem pressa.

Sem submissão.

Parou ao lado dela.

Rhae não se ajoelhou.

Não tocou primeiro.

Apenas estendeu a mão.

O felino inclinou levemente a cabeça — não como obediência, mas como vínculo.

— Esse é Vael'Khaarn. — murmurou Sae'Rha.

— Ele é um dos Khaer'Thuun mais poderosos que já existiu. — complementou Khur'Zael

Marcus percebeu algo importante:

Rhae não era apenas comandante.

Era ligada ao planeta.

E sua ligação não era fraca.

Era antiga.

Então Padameg viu o olhar que alguns guerreiros lançaram a seu filho.

Demorado demais.

Tambores graves ecoaram pela capital.

Mas não eram tambores comuns.

Cristais de som estavam dispostos ao redor da praça central — grandes estruturas facetadas que vibravam ao serem tocadas por bastões de metal rúnico.

O som não era apenas auditivo.

Era físico.

Vibrava no peito.

Celebratório.

Mas solene.

Guerreiros de elite montados — atravessaram a praça em formação.

Suas montarias eram Khael'Zha'Ruun, cavalos treinados para guerra, adornadas com placas cristalinas de proteção. Eram animais robustos com pelagem

branca pesada e crinas longas, veios azuis iluminavam a pele em padrões únicos.

O povo Zuur não aplaudia.

Observava.

Avaliação silenciosa.

Marcus sentiu.

Eles não eram iguais.

Eram convidados ali.

No salão principal, o calor não era confortável.

Era necessário.

No centro da grande tenda abobadada — construída com ossatura metálica escura e placas cristalinas translúcidas — erguia-se um cristal maciço cravado diretamente no solo. Não era tão alto quanto o da capital externa, mas era espesso, facetado de forma irregular, como se tivesse sido domado à força. Veios internos brilhavam em azul profundo, e sob sua base um anel de runas metálicas conduzia o calor que irradiava em ondas visíveis no ar gelado.

O calor não queimava.

Sustentava.

Ao redor do cristal, os assentos estavam dispostos em formato circular, respeitando o costume Zuur de que decisões importantes jamais fossem tomadas de costas para o centro — o coração térmico que simbolizava a sobrevivência coletiva.

No extremo norte do círculo, sobre uma plataforma levemente elevada, encontrava-se o trono.

Não era ornamentado como os tronos romanos.

Era tribal.

Pesado.

Esculpido em madeira escura reforçada com metal bruto e incrustações cristalinas. Pinturas geométricas azul-acinzentadas percorriam seus braços largos, representando montanhas, auroras e bestas ancestrais. Presas curvas de Khaer'Thuun estavam fixadas nas laterais, não como troféus, mas como símbolo de vínculo.

Rhae'Zuur subiu os dois degraus e sentou-se.

Ali, não havia dúvida.

Ela não era visitante.

Era comandante.

À frente do trono, abaixo do degrau principal, o Khaer’Thuun acinzentado deitou-se.

Não relaxado.

Alerta.

O olho azul acompanhava cada movimento no círculo de assentos.

À direita do trono, em um assento ligeiramente inferior, acomodou-se Khur’Zael, o cajado apoiado verticalmente ao lado do joelho. À esquerda, Sae’Rha tomou seu lugar, postura ereta, a ave Zai’Thren empoleirada atrás dela, observando tudo em silêncio atento.

O círculo fechou-se.

Marcus e Padameg receberam assentos diretamente voltados para o trono — posição de honra.

Ou de análise.

Comida foi trazida em recipientes metálicos espessos.

Carne de Yhaar'Nek, densa e rica, ainda liberando vapor.

Raízes subterrâneas cultivadas sob cristais térmicos, cortadas em tiras grossas.

Bebidas fermentadas escuras, servidas em taças pesadas que retinham calor.

Nada era excessivo.

Tudo era funcional.

Khur’Zael falou sobre as tribos.

— Somos unidos. Mas não homogêneos.

A voz dele ecoava levemente sob a cúpula cristalina.

Rhae acrescentou, do trono:

— Casamentos selam alianças entre clãs. Fortalecem linhas de sobrevivência.

A palavra ecoou diferente ali.

Linhas.

Não românticas.

Genéticas.

Marcus registrou.

Padameg não gostou.

Ao sinal discreto de Rhae, dois guerreiros avançaram até a entrada da tenda. Um deles ergueu o Arco de Lúmen.

O cristal central do arco brilhou.

A corda energética materializou-se como fio azul tensionado.

O disparo atravessou o céu noturno ao sair pela abertura superior da tenda, cortando a aurora em um traço luminoso antes de dissolver-se em partículas cintilantes.

Ritual.

Poder contido.

Não exibido.

Demonstração cultural suficiente.

Vashael sentiu olhares.

Muitos.

Alguns reverentes.

Outros calculistas.

O círculo não piscava.

Um homem mais velho, exageradamente grande, com ombros largos demais até para o padrão Zuur, permanecia à esquerda do círculo exterior. Sua armadura era verde-escura, diferente do azul predominante — placas angulares com marcas rúnicas que não estavam presentes nas demais.

Ele não escondia o olhar.

Não sorria.

Não inclinava a cabeça.

Apenas observava Vashael como se estivesse medindo não o garoto —

Mas o que ele poderia se tornar.

Padameg percebeu primeiro.

E não desviou o olhar de volta.

Padameg aproximou-se de Marcus.

— Eles estão medindo ele.

Marcus respondeu:

— Ou esperando algo.

— Não gosto disso.

Rhae agora falava com autoridade natural.

Não precisava erguer a voz.

Ela pertencia ali.

Marcus percebeu algo desconfortável:

Aqui, o plano dela fazia sentido.

Se Vastara florescia, Zuur congelava.

Se um herdeiro pudesse alterar equilíbrio…

O desespero não era teatral.

Era estrutural.

E isso tornava tudo mais perigoso.

A aurora dançava sobre a capital.

Cristais nas montanhas refletiam luz violeta.

O cristal central da cidade pulsava.

Vashael fechou os olhos por um instante.

Sentiu o frio.

Sentiu o mundo.

E sentiu — Que algo ali também o reconhecia.

Padameg observava.

Desconfiada.

Marcus analisava.

Rhae comandava.

E Zha'Ruun-Khaal sobrevivia.

O salão estava em silêncio quando Khur'Zael se levantou.

Khur'Zael apoiou o cajado no chão.

— Vastara floresce porque renasceu. — disse ele, voz grave ecoando pelo cristal. — Zha'Ruun-Khaal apenas sobrevive ao inverno seguinte.

Ele caminhou lentamente ao redor do cristal.

— Nossos ancestrais aprenderam cedo que o mundo não é generoso. Ele testa. Ele quebra. Ele observa quem permanece.

O olhar dele recaiu sobre Vashael.

— Há eras, quando a matriz ancestral ainda vibrava mais forte, surgiram relatos de crianças que carregavam mais do que sangue. Carregavam eco. Carregavam uma semente. E devem ser protegidos.

Silêncio absoluto.

— Esses ecos atraem atenção.

Marcus cruzou os braços.

— Atenção de quem?

Khur'Zael não respondeu diretamente.

— De nossos ancestrais em comum, de Uruk-Yek.

Padameg sentiu o ar pesar.

Antes que pudessem continuar falando sobre Uruk-Yek o som metálico de botas ecoou pelo salão.

Tor'Khaan Zuurveth levantou-se.

Ele era maior que qualquer outro guerreiro ali — ombros largos demais para parecer natural. Sua armadura verde escura refletia a luz do cristal com tons quase musgosos. Placas angulares marcadas por runas de clã percorriam seu peitoral. Pelagem branca espessa forrava os ombros.

Quando Tor'Khaan se levantou para confrontar Rhae, o felino não rosnou.

Mas levantou-se lentamente.

O peso de sua presença alterou a tensão da sala.

Tor'Khaan olhou para ele por um segundo a mais do que o necessário.

Mas não se curvou ao falar.

— Histórias são belas, Khur'Zael. — disse, voz firme. — Mas alianças são concretas.

O salão ficou tenso.

Ele encarou Vashael abertamente.

— O casamento entre Rhae'Zuur e meu clã foi selado há dois invernos. Nada o altera.

Padameg sentiu o estômago gelar.

Casamento.

Selado.

Marcus ficou imóvel.

Rhae não se levantou.

— Tor'Khaan — disse ela, fria como o vento exterior. — Você está aqui como convidado.

— Como futuro consorte da comandante.

Um murmúrio percorreu o círculo.

Padameg se perguntou imediatamente:

O que Vashael realmente representava ali?

Ele não era apenas convidado.

Ele é variável política.

E Rhae'Zuur escondia algo maior deles.

Tor'Khaan continuou.

— O mundo não precisa de mitos estrangeiros. Precisa de continuidade. E esse casamento acontecerá. Com ou sem presságios.

O cristal central pulsou.

Rhae levantou-se lentamente.

— Você confunde agressividade com direito.

Vael'Khaarn rugiu.

Agora não era agora apenas símbolo.

Era aviso.

Ela desceu um único degrau do trono.

— Nenhum vínculo é imposto enquanto eu liderar este povo.

Os olhares se chocaram.

Tor'Khaan inclinou levemente a cabeça — mas não em submissão.

— O inverno vai decidir, então.

Ele virou-se abruptamente e saiu do salão.

Vários guerreiros de armadura verde levantaram-se e o seguiram.

O som de suas botas ecoou até desaparecer.

O silêncio que restou era mais pesado que antes.

Padameg sussurrou para Marcus.

— Isso não foi só sobre tradição.

Marcus respondeu baixo.

— Foi sobre controle.

A noite caiu.

Auroras cruzavam o céu como veias abertas no firmamento.

Mais tarde, em uma tenda lateral aquecida por cristais menores, Rhae e Khur'Zael encontraram Marcus, Padameg e Vashael.

Sobre uma mesa baixa repousavam vestes dobradas.

Rhae agora usava o traje tradicional Zuur — tecido espesso azul profundo, bordados em vermelho e dourado representando linhagens tribais, mangas forradas de pele branca, colares com cristais térmicos que pulsavam suavemente.

Sem armadura.

Sem machado.

Parecia menos comandante.

Mais mulher.

Khur'Zael ergueu a primeira peça.

— Se permanecerem esta noite sob nossa aurora, devem vestir-se como nós.

Ele entregou a Marcus um traje azul escuro com bordados geométricos robustos e faixa larga na cintura. Estrutural. Formal. Masculino, mas sem ostentação militar.

Padameg recebeu vestes claras com padrões em azul e dourado, capa de plumas leves e joias discretas de cristal térmico.

Vashael recebeu uma versão simplificada, mas ricamente detalhada na faixa peitoral — símbolos antigos entrelaçados que Khur'Zael tocou com cuidado.

— Esses símbolos representam quem foi testado e sobreviveu.

Rhae aproximou-se de Vashael.

— Aqui, sobreviver é rito de passagem.

Vashael segurou o tecido.

— E quem não sobrevive?

Sae'Rha respondeu, suave:

— É lembrado no cristal.

Padameg observava cada detalhe.

Cada gesto.

Cada palavra.

Desconfiança não diminuíra.

Apenas mudara de forma.

Marcus vestiu o traje e percebeu algo curioso:

Ele não se sentia convidado.

Sentia-se observado de dentro do tecido.

Como se a cultura ali envolvesse — mas também medisse.

Khur'Zael olhou para Rhae por um segundo longo demais.

— A noite será silenciosa.

Rhae respondeu:

— Espero que sim.

Mas seus olhos diziam o contrário.

Ao longe, fora da capital, uma aurora oscilou de maneira irregular.

E, muito distante, entre montanhas onde o gelo era mais espesso — armaduras verdes moviam-se na escuridão.

CAPÍTULO 7
O ATAQUE DO CLÃ RIVAL

A aurora tremia.

Não dançava.

Tremia.

Marcus foi o primeiro a perceber que o som não vinha do vento.

Era rítmico.

Profundo.

Cristais de som na periferia da capital começaram a vibrar fora de compasso.

Então — Um clarão verde cruzou o céu.

Não festivo.

Arco de Lúmen.

Um disparo real.

A explosão atingiu uma das torres amplificadoras externas.

Gelo fragmentou-se.

O som seguinte foi pior.

Chifres de guerra soando.

Padameg já estava de pé antes da segunda detonação.

— Eles voltaram.

Marcus não respondeu.

Ele já estava andando em direção da entrada da tenda.

Gladius de energia e escudo de energia dourados já em mãos.

Portões externos ruíram sob impacto coordenado.

Guerreiros de armadura verde avançaram em formação — o clã de Tor'Khaan Zuurveth.

Bestas urravam.

Khaer'Thuun de guerra foram soltos intencionalmente para gerar caos.

Zai'Thren alçaram voo em círculos desorganizados.

O cristal central da capital pulsava rápido demais.

Marcus sentiu imediatamente.

O Aspecto ali era diferente.

Instável.

Fraco.

Como se estivesse filtrado por gelo espesso.

Ele tentou acessá-lo.

Nada respondeu.

Ou respondeu… distante.

Padameg sentiu o mesmo.

— Algo está errado aqui.

— Estamos fora do eixo natural do Aspecto. — Marcus respondeu.

Então um impacto lateral derrubou parte da muralha térmica.

Gelo quebrou sob os pés de civis.

O caos começou.

A primeira onda atingiu como avalanche coordenada.

Cinco guerreiros verdes avançaram em cunha.

Arcos de Lúmen dispararam acima deles, forçando Marcus a erguer o escudo dourado em ângulo alto. O impacto fez o campo vibrar e empurrou-o meio passo para trás.

Pesado demais.

O gelo sob seus pés estalou.

Ele mudou o peso do seu apoio imediatamente.

— À direita! — gritou para Padameg.

Dois guerreiros romperam a formação e avançaram por flanco aberto.

Marcus partiu para o centro antes que fechassem o cerco.

A gladius descreveu um arco horizontal baixo, atingindo a articulação do joelho do primeiro atacante. A lâmina de energia cortou metal e tecido térmico, mas não atravessou completamente — a armadura verde era mais espessa que parecia.

O guerreiro não caiu.

Apenas vacilou.

O segundo veio por cima.

Golpe descendente com lâmina serrilhada.

Marcus ergueu o escudo.

Impacto.

Centelhas douradas espalharam-se no ar congelado.

O frio intensificava a vibração do campo — drenava energia mais rápido.

Ele girou o pulso, desviando a lâmina lateralmente, e avançou o ombro contra o peito do adversário. O impacto os fez deslizar sobre o gelo.

O primeiro já estava de volta.

Marcus recuou dois passos curtos, medindo distância.

Sem Aspecto para amplificar reflexo.

Apenas treinamento.

O primeiro investiu em estocada direta.

Marcus inclinou o corpo milímetros suficientes para a lâmina passar por sua lateral e respondeu com corte vertical ascendente.

Agora atravessou.

A armadura abriu.

Sangue quente vaporizou no ar gelado.

O guerreiro caiu.

Mas o segundo já estava atacando novamente.

E agora havia um terceiro.

Do outro lado — Padameg movia-se diferente.

Menos direta.

Mais ágil.

Mais precisa.

Um guerreiro tentou agarrá-la pelo ombro.

Ela girou sob o braço dele, usando o próprio impulso do adversário para projetá-lo contra o gelo rachado.

A superfície cedeu parcialmente.

A perna dele afundou.

Padameg não hesitou.

A adaga vastariana entrou sob o braço, atingindo o ponto exato onde a placa peitoral encontrava a proteção lateral.

O homem caiu.

Ela puxou a lâmina e girou antes que o sangue respingasse.

Outro veio correndo.

Ela deslizou sobre o gelo, usando a instabilidade como vantagem, e cortou os tendões da perna exposta.

Mas havia mais.

Guerreiros de armadura verde não paravam de aparecer.

— Marcus! — ela chamou.

Ele estava recuando.

Não por medo.

Por cálculo.

Três à frente.

Dois vindo pelo flanco.

Um Arco de Lúmen preparando disparo a longa distância.

Ele ergueu o escudo.

Mas escolheu errado o ângulo.

O disparo ricocheteou parcialmente no campo e explodiu próximo demais.

O impacto lançou gelo fragmentado contra civis atrás dele.

Marcus virou-se instintivamente para protegê-los.

Erro pequeno.

Mas suficiente.

Um guerreiro aproveitou a distração e acertou o escudo de lado, empurrando Marcus contra uma estrutura térmica.

A coluna rachou.

Cristais internos começaram a vibrar.

Padameg percebeu antes dele.

— A estrutura vai ceder!

Marcus avaliou rápido demais.

Se recuasse, abriria espaço para o avanço direto ao salão central.

Se avançasse, deixaria civis expostos.

Ele escolheu conter os agressores mais próximos.

Avançou com agressividade inesperada.

Escudo projetado à frente como aríete.

Derrubou dois homens.

A gladius perfurou um terceiro.

Mas o terreno já estava comprometido.

Uma fissura se abriu sob o pé esquerdo dele.

Marcus perdeu meio segundo recuperando equilíbrio.

O suficiente para que dois guerreiros escapassem do cerco.

Direção?

A tenda lateral.

Onde Vashael estava.

Padameg viu.

Marcus viu.

Mas havia outro problema — um disparo de Arco de Lúmen já estava sendo preparado.

Direcionado para Padameg.

Ele tinha uma escolha.

Avançar para impedir os dois que corriam.

Ou interceptar o disparo.

Ele ainda não decidiu.

Mas o erro já estava sendo construído.

Tor'Khaan atravessou a praça central como avalanche encarnada.

A armadura verde refletia a aurora em tons de musgo e guerra.

A lança pesada em sua mão parecia pequena diante da largura de seus ombros.

— RHAE! — ele bradou, a voz rompendo o caos.

Ela já estava no centro da praça.

Sem armadura.

Apenas o traje tradicional azul profundo.

O vento arrancava as franjas de pele branca de seus ombros.

Ela não ergueu o machado ainda.

Fechou os olhos.

O mundo pareceu encolher.

O gelo sob seus pés vibrou.

O cristal central da cidade respondeu com pulso irregular.

Dentro dela — um eco.

Não claro como o de Vastara.

Não ordenado.

Vozes distantes.

Fragmentadas.

Ancestrais Zuur.

Sussurrando através de tempestades.

"Resista."

"Suporte."

"Não ceda."

Dor.

A primeira veio na perna direita.

Como gelo penetrando os ossos.

Depois no peito.

— Vael'Zuur Khaan — sussurrou Rhae em transe.

O Vael'Zuur Khaan não fluía.

Ele despedaçava.

As tatuagens verdes em seu rosto começaram a brilhar.

Veios de luz espalharam-se pela pele.

Seu olho direito tornou-se verde intenso.

O esquerdo — branco absoluto.

O vento parou por um segundo.

Os cabelos negros ganharam mechas brancas que se espalharam como neve tocando carvão.

Ela abriu os olhos.

E o gelo ao redor estilhaçou.

Tor'Khaan sorriu.

— Finalmente.

Ele avançou.

O primeiro impacto foi brutal.

Machado contra lâmina.

A onda de choque arremessou três guerreiros para trás.

Um deles caiu com o braço deslocado.

O gelo sob os pés dos dois rachou em círculos concêntricos.

Tor'Khaan girou o corpo com força absurda.

O segundo golpe passou raspando pela lateral do rosto de Rhae.

Um corte abriu sua bochecha.

Sangue escuro contrastando com o frio branco.

Ela respondeu com golpe diagonal.

Tor'Khaan bloqueou com o cabo reforçado da arma.

A força fez ambos deslizarem metros sobre o gelo.

Ela sentiu.

Ele era quase pareo.

Sem Aspecto.

Apenas físico.

Ele avançou com sequência brutal.

Golpe alto.

Golpe lateral.

Joelhada direta no abdômen.

Rhae absorveu o impacto com dificuldade.

O ar fugiu de seus pulmões.

Ele tentou empurrá-la para a fissura aberta no gelo.

Ela girou no último segundo.

O machado descreveu arco curto.

Abriu a lateral da armadura dele.

Não profundo.

Mas suficiente para arrancar sangue.

Tor'Khaan rugiu.

O contra-ataque veio rápido demais.

A lâmina verde raspou sua coxa.

Outro corte superficial.

Ela não usava armadura.

Cada erro custava demais.

Em determinado momento, dois guerreiros tentaram alcançar Rhae enquanto ela enfrentava Tor'Khaan.

Vael'Khaarn surgiu como uma avalanche no centro da praça.

O Khaer'Thuun interceptou.

Um foi derrubado com pancada lateral de ombro.

O outro teve o braço esmagado entre as presas.

Sangue manchou a pelagem cinza.

Ele permaneceu ao redor da luta principal — mas nunca interferiu diretamente no duelo.

Como se entendesse que aquilo era entre líderes.

Então Rhae avançou novamente.

Ela golpeou três vezes em sequência.

Primeiro na articulação do ombro.

Segundo na lateral do peitoral.
Terceiro em estocada curta na costela.
Tor'Khaan absorveu dois.
O terceiro atravessou parcialmente.
Ele recuou um passo.
Sangue escorrendo pela armadura verde.
Mas não caiu.
Ele sorriu de novo.
— Você está cansando.
E ela estava.
A perna direita falhou por meio segundo.
O Aspecto sugava.
Não oferecia energia, mas sim drenava.
O olho esquerdo piscou.
A visão falhou.
Metade do mundo virou sombras.
Tor'Khaan percebeu.
Avançou com fúria.
Uma sequência brutal.
Golpe descendente.
Rhae bloqueou.
O impacto a forçou a ajoelhar brevemente.
O gelo quebrou sob seu joelho.
Ele girou a lâmina para golpe lateral.
Ela inclinou o tronco no último instante.
A lâmina abriu seu ombro.
Profundo.
O frio entrou na carne.
Ela quase caiu.
O mundo oscilou.
Vozes ancestrais borradas.
"Levante."
"Levante."
"Levante."

Tor’Khaan ergueu a lança para golpe final.

— O inverno escolheu.

Rhae respirou.

Não pediu força.

Tomou.

Colocou tudo.

Tudo que restava naquele golpe.

O Vael’Zuur Khaan explodiu em torno dela.

O gelo sob seus pés se pulverizou.

O machado dela subiu em arco diagonal absoluto.

A lâmina atravessou a defesa.

Rasgou a armadura verde.

Cortou o peitoral.

Abriu o tórax de Tor’Khaan do abdômen até a clavícula.

O impacto o lançou para trás.

Ele caiu de joelhos.

O sangue explodiu manchando o gelo.

Ele tentou erguer-se.

Ela não permitiu.

Caminhou até ele.

Cada passo custava.

O olho esquerdo quase apagado.

A perna direita tremendo.

Ela ergueu o machado uma última vez.

— O inverno não decide por mim.

E desceu a lâmina.

O corte separou carne e osso.

A cabeça de Tor’Khaan tombou.

O corpo caiu.

Silêncio.

A aurora voltou a dançar.

Mas a cidade ainda queimava.

O silêncio após a queda de Tor'Khaan durou menos de um segundo.

Porque a batalha não havia terminado.

Marcus viu tudo ao mesmo tempo.

À esquerda, dois guerreiros verdes que haviam escapado do cerco avançavam em corrida baixa, usando a fumaça e os destroços como cobertura. Eles não iam para o centro. Não iam para Rhae.

Iam para a tenda lateral.

Onde Vashael estava.

À direita, um arqueiro ajoelhado estabilizava um Arco de Lúmen, buscando linha limpa de disparo.

E à sua frente — Padameg estava exposta.

Ela havia acabado de girar após derrubar um atacante, mas o terreno sob seus pés estava comprometido. Uma fissura larga corria atrás dela, gelo fino sustentando apenas aparência de solidez.

O disparo do Arco começou a se formar.

Energia verde comprimida.

Focada.

Direcionada.

Marcus fez o cálculo.

Se avançasse agora, poderia talvez alcançar os dois guerreiros antes que chegassem à tenda.

Talvez.

Mas o disparo contra Padameg era certo.

Imediato.

Fatal.

Ele não hesitou.

Girou o escudo e projetou o campo dourado à frente dela.

— ABAIXA!

O disparo explodiu contra o escudo.

O impacto foi diferente dos anteriores.

Mais concentrado.

O campo vibrou violentamente.

O gelo sob Marcus cedeu meio passo.

O rebote do impacto espalhou fragmentos congelados como lâminas secundárias.

Um deles atravessou o tecido da manga de Padameg e cortou sua pele profundamente.

Mas ela estava viva.

O arqueiro foi derrubado por um guerreiro leal a Rhae segundos depois.

Marcus virou o rosto.

Tarde demais.

Os dois guerreiros verdes já estavam prestes a alcançar a tenda.

Sae'Rha viu antes de todos.

Ela não estava lutando no centro.

Estava protegendo a periferia.

E conhecia o padrão de caça do próprio povo.

Eles não corriam em linha reta.

Corriam em silêncio.

Como predadores.

Ela viu as sombras se movendo em direção à tenda.

— NÃO! — gritou.

Seu Zai'Thren reagiu antes da palavra terminar.

A ave lançou-se dos céus.

As asas cortaram o ar congelado.

O mergulho foi perfeito.

As garras atingiram o ombro de um dos guerreiros, arrancando-o da corrida e lançando-o contra o gelo.

O segundo tentou reagir.

A ave girou no ar e golpeou com a asa reforçada, desestabilizando-o.

Não era para matar.

Era para atrasar.

E atrasou.

Sae'Rha já corria.

O frio queimava seus pulmões.

Ela atravessou o rasgo da tenda com violência.

Vashael estava de pé, assustado — mas não em pânico.

— Vem! — ela segurou a mão dele.

Não explicou.

Não pediu.

Puxou.

O primeiro guerreiro já se levantava do impacto do Zai'Thren.

O segundo retomava a corrida.

Sae'Rha puxou Vashael para fora da capital.

Não para o centro.

Para o norte.

Para as montanhas.

— Para onde estamos indo? — ele perguntou, tentando acompanhar o ritmo.

— Para onde eles não querem ir.

O gelo ali era irregular.

Fendas naturais.

Terreno instável.

Perfeito para alguém que cresceu correndo sobre aquilo.

Atrás deles, gritos.

Guerreiros verdes retomando perseguição.

O Zai'Thren sobrevoava acima, gritando alerta.

Marcus viu a silhueta dos dois apenas quando eles já estavam além da muralha externa.

Um segundo.

Apenas um segundo.

Ele percebeu.

O erro.

Ele havia escolhido certo por Padameg.

Mas errado para Vashael.

— NÃO! — ele avançou.

Mas o gelo à frente cedeu sob o impacto de outra explosão.

Uma estrutura térmica desabou lateralmente, bloqueando a rota direta.

Padameg agarrou o braço dele.

— Marcus!

Ele puxou o braço com força demais.

— Eu devia ter—

Mas não terminou.

Porque agora a batalha ainda exigia contenção.

E Rhae estava de pé sozinha no centro do caos.

Enquanto, nas montanhas, duas pequenas silhuetas corriam sob auroras instáveis.

E atrás delas, a armadura verde não havia desistido.

O vento nas montanhas não soprava.

Ele cortava.

Sae'Rha puxava Vashael por trilhas que não eram trilhas — apenas memória do terreno. Fendas naturais marcavam o gelo como cicatrizes antigas. Rochas negras emergiam da neve em ângulos irregulares.

Atrás deles, gritos ecoavam.

Os guerreiros verdes haviam se reorganizado.

Não gritavam mais ordens.

Caçavam.

O Zai'Thren sobrevoava acima, mergulhando ocasionalmente para forçar distância, mas agora havia mais perseguidores. Um disparo de Arco de Lúmen cruzou o céu e obrigou a ave a subir abruptamente, desviando por pouco.

— Eles estão fechando o cerco! — Sae'Rha gritou.

Vashael escorregou em uma placa de gelo fino, mas se recuperou antes de cair. O frio ali era diferente do da capital.

Mais cru.

Mais profundo.

O ar queimava os pulmões.

Eles atravessaram um desfiladeiro estreito onde o vento se amplificava em uivos constantes. O gelo sob os pés vibrava com a pressão das explosões distantes.

Um guerreiro surgiu pela lateral.

Mais rápido do que os outros.

Ele saltou de uma saliência rochosa, tentando interceptá-los.

Sae'Rha reagiu primeiro, puxando Vashael para trás, mas o guerreiro já estava quase sobre eles.

Uma sombra branca cruzou o campo de visão.

O Zai'Thren atingiu o atacante no ar.

Ambos rolaram pela encosta congelada.

O som de ossos e metal contra rocha ecoou pelo vale.

Mas isso apenas atrasava.

Mais três surgiram pela borda superior da crista.

Eles conheciam o terreno também.

Sae'Rha puxou Vashael novamente.

— Mais alto! Se alcançarmos as encostas externas, eles vão hesitar!

— Por quê?

— Porque o gelo lá não é estável!

Uma explosão de Lúmen atingiu a rocha ao lado deles.

Fragmentos de cristal congelado voaram como lâminas.

Um atingiu o ombro de Sae'Rha.

Ela não caiu.

Mas o sangue começou a marcar o branco.

Vashael viu.

E algo dentro dele começou a se acender.

Eles alcançaram uma plataforma natural elevada — mas foi um erro.

Sem saída visível.

O vento ali era mais forte.

A aurora acima parecia pulsar em ritmo irregular.

Os guerreiros verdes os cercaram.

Quatro à frente.

Dois atrás.

Fechando o cerco.

— Acabou — disse um deles, levantando a lâmina.

Sae'Rha posicionou-se à frente de Vashael.

Mas ele segurou o braço dela.

— Não.

Ela olhou para ele, surpresa.

Vashael avançou um passo.

O vento parou.

Não completamente.

Mas ao redor dele.

O frio não desapareceu.

Mas deixou de machucar.

Ele sentiu.

O mesmo eco distante que havia sentido na capital.

Mais fraco que em Vastara.

Mas presente.

Como se o mundo estivesse ouvindo através de gelo espesso.

As pupilas dele dilataram.

A respiração desacelerou.

O gelo sob seus pés começou a vibrar levemente.

Os guerreiros hesitaram.

— O que ele está fazendo? — murmurou um deles.

Vashael ergueu a mão.

Não como comando.

Como instinto.

O Aspecto respondeu.

Não pleno.

Não como tempestade.

Mas como centelha.

Veios finos de luz percorreram o gelo ao redor.

A aurora acima intensificou-se por um segundo.

Os guerreiros avançaram mesmo assim.

E então — o rugido veio da lateral da montanha.

Grave.

Primordial.

Um Khaer'Thuun emergiu da neve como avalanche viva.

Pelagem branca espessa.

Presas curvas brilhando sob a aurora.

Veios azulados pulsando sob a pele.

Ele atingiu o primeiro guerreiro com impacto suficiente para quebrar armadura e gelo ao mesmo tempo.

Outro salto.

Garras rasgando metal.

O terceiro foi lançado contra uma rocha.

Acima, o Zai'Thren voltou.

Mas não sozinho.

Uma segunda ave mergulhou junto.

As duas cortaram o ar como lâminas vivas, obrigando os arqueiros a disparar sem estabilidade.

Um disparo errático atingiu o próprio gelo sob um guerreiro verde.

A superfície cedeu.

Ele desapareceu na fenda.

O Khaer'Thuun posicionou-se entre Vashael e os restantes.

Rosnou.

Não como animal.

Como julgamento.

Os dois guerreiros restantes recuaram.

Não por medo simples.

Mas por reconhecimento.

Algo ali não estava natural.

O Khaer'Thuun virou a cabeça lentamente.

Seus olhos azuis encontraram os de Vashael.

Não havia agressividade.

Apenas conexão.

O Zai'Thren pousou ao lado deles.

A ave inclinou a cabeça.

Sae'Rha estava imóvel.

— Isso… não é possível — ela sussurrou.

Vashael ainda sentia o eco.

Duas presenças.

Duas respostas.

O mundo não havia enviado apenas uma besta.

Enviara duas.

O Khaer'Thuun abaixou-se.

Oferecendo as costas.

Sae'Rha subiu primeiro, puxando Vashael logo atrás.

O felino levantou-se com potência controlada.

O Zai'Thren alçou voo acima deles.

Quando os guerreiros verdes tentaram reagrupar, já era tarde.

O Khaer'Thuun avançava montanha abaixo com velocidade absurda, garras encontrando aderência onde não parecia haver.

A aurora refletia nos veios azuis sob sua pele.

Vashael olhou ao longe.

A capital ardia.

E ele sabia.

Algo ali havia mudado para sempre.

CAPÍTULO 8
O HERDEIRO DO ASPECTO

O caos na capital diminuía.

Não porque a guerra tivesse terminado.

Mas porque um lado havia tido sua motivação decapitada.

O corpo de Tor'Khaan ainda jazia no gelo rachado, cercado por guerreiros verdes desorientados, alguns recuando, outros sendo contidos pelos leais a Rhae.

Cristais térmicos voltavam a estabilizar o perímetro.

Feridos eram arrastados.

O gelo ainda estava machado de sangue.

Rhae permanecia de pé no centro da praça.

Sem armadura.

Ferida.

O traje azul agora marcado de vermelho.

O olho esquerdo já quase opaco novamente.

A perna direita tremendo sob o peso do próprio corpo.

Marcus atravessava o campo congelado em direção ao centro quando Padameg passou por ele.

Rápida.

Direta.

Sem hesitação.

Ela alcançou Rhae antes que qualquer guarda pudesse reagir.

E a agarrou pelo colarinho do traje.

O tecido azul enrugou sob seus dedos.

Rhae recuou meio passo.

Quase caiu.

E só então ficou claro o quanto estava esgotada.

— Você trouxe ele aqui como parte de um plano. — Padameg não gritou. A voz era mais perigosa que isso. — Isso estava ligado ao casamento com Tor'Khaan. Não com uma ameaça externa.

Rhae sustentou o olhar.

Mas havia algo novo ali.

Cansaço real.

— Solte-me.

Vael'Khaarn iniciou uma investida até o local onde as duas estavam.

Rhae fez um gesto com a mão e o felino gigantesco parou, mas continuou em posição de alerta.

Padameg aproximou o rosto.

— Onde está meu filho?

O silêncio ao redor era tenso demais.

Marcus não interferiu.

Ele queria ouvir.

Rhae respirou com dificuldade.

— Eu nunca quis que isso acontecesse assim.

— Assim como? — Padameg apertou mais o tecido. — Você queria que ele se tornasse parte de um arranjo político?

A aurora oscilava acima.

Rhae fechou os olhos por um segundo.

E então disse.

— Eu precisava de um herdeiro.

O silêncio congelou mais do que o vento.

— Um herdeiro com o Aspecto Zuur. — ela continuou. — Não quebrado. Não instável. Natural. Nascido aqui. Moldado por este mundo.

Marcus sentiu o peso da revelação antes mesmo de Padameg responder.

— Você pretendia que Vashael—

— Se unisse a mim no futuro. — Rhae completou. — E gerássemos alguém que pudesse levar o Aspecto até a Árvore Sagrada. Alguém que crescesse sob o frio, que entendesse o gelo, que não precisasse lutar contra ele.

Padameg soltou-a abruptamente.

— Então por que não disse isso antes? Vashael não precisa ser parte de um arranjo político para ajudar.

— Porque vocês não ficariam. — a resposta veio imediata.

Khur'Zael aproximou-se lentamente.

O cajado afundando no gelo.

— O renascimento de Zha'Ruun-Khaal não seria como o de Vastara. — disse ele. — Aqui o Aspecto não corre livre. Ele precisa ser cultivado. Enraizado. Isso pode levar décadas.

Marcus virou-se para ele.

— Décadas?

— Uma vida inteira. — o xamã respondeu. — Talvez mais.

Padameg entendeu.

Eles não queriam apenas ajuda.

Queriam permanência.

— Vocês pretendiam nos convencer a ficar. — ela disse. — Até que o casamento fosse inevitável.

Khur'Zael não negou.

Rhae voltou a erguer o queixo, apesar da fraqueza.

— Nosso mundo está morrendo.

— Isso não dá a você direito sobre meu filho. — Padameg respondeu.

Os olhos de Rhae escureceram.

— Se ele for a única chance… — disse Rhae. — Por bem ou por mal...

— Hospitalidade sagrada. — Padameg interrompeu, fria. — Você quebrou isso esta noite.

O vento soprou mais forte.

Por um segundo, a tensão parecia prestes a romper novamente.

E então — um rugido distante ecoou pela encosta.

Todos se viraram.

Silhuetas emergiam da montanha.

Um Khaer'Thuun branco avançando pela neve.

E acima dele, dois Zai'Thren voando em círculos de proteção.

Sae'Rha segurava-se firme.

E atrás dela — Vashael.

O Khaer'Thuun deslizou até a praça central com potência controlada.

O silêncio que se seguiu foi absoluto.

Khur'Zael sentiu primeiro.

Ele não olhou para as pessoas.

Olhou para o gelo.

Para os veios sob a superfície.

Para as duas bestas.

— Não… — ele murmurou.

O Khaer'Thuun inclinou a cabeça para Vashael.

O Zai'Thren pousou ao lado.

Duas presenças.

Duas ligações.

— Ele foi escolhido duas vezes. — o xamã disse, agora sem dúvida.

Murmúrios se espalharam entre os Zuur.

Isso não acontecia.

Não em gerações.

Rhae deu um passo à frente.

O desespero que antes era político agora era pessoal.

— O mundo o reconhece.

Padameg posicionou-se imediatamente entre Rhae e o filho.

— O mundo pode reconhecer. Ele continua sendo meu filho.

O silêncio tornou-se pesado.

Mas não hostil.

Transformado.

Rhae respirou fundo.

E pela primeira vez desde que Marcus a conhecera ela parecia perdida.

— Se não houver herdeiro… — ela começou.

Padameg cortou-a:

— Então iremos até sua Árvore Sagrada. Tentaremos ajudar. Mas não ficaremos.

Rhae cambaleou.

— Melhor nós recolhermos. — disse. — Isso é conversa para uma outra hora.

A sala do trono Zuur não era ornamentada como palácios romanos.

Era ancestral.

Circular.

Paredes formadas por cristal opaco e gelo comprimido, atravessadas por veios térmicos que pulsavam como artérias lentas. Pelos de Khaer'Thuun cobriam partes do chão, não como luxo — mas como memória de caça e sobrevivência.

Runas tribais marcavam o arco acima do trono central.

Não glorificavam vitórias.

Registravam invernos superados.

O trono em si era quase bruto — esculpido de madeira e metal profundo com entalhes que representavam linhagens antigas. Ao lado dele, suportes para armas. Atrás, o símbolo ancestral da matriz Zuur.

Rhae estava sentada ali.

Mas não vestia armadura.

O traje tradicional azul profundo moldava-lhe os ombros e a cintura com linhas tribais em vermelho e dourado, agora estava levemente aberto em um decote. A pele branca forrava os braços. O cabelo, ainda marcado por mechas pálidas do Vael'Zuur Khaan, caía solto sobre os ombros.

Ela não estava ali como comandante.

Estava ali como mulher.

Marcus entrou sozinho.

A porta fechou-se atrás dele com som grave.

— Você me chamou.

Ela não respondeu imediatamente.

Observava o cristal central da sala pulsar lentamente.

— Os clãs estão mais fraturados a cada inverno. — disse por fim. — Tor'Khaan representava uma solução desesperada. O casamento selaria a paz por pelo menos uma geração.

Marcus cruzou os braços.

— E o que mudou?

— Tudo mudou… — ela olhou para ele — surgiu algo em seu mundo que não pode ser ignorado.

Ela levantou-se.

Desceu os degraus do trono lentamente.

Não com imponência.

Com cansaço.

— A geada não pode ser combatida com força. — disse. — Já tentamos. — Fez um gesto sutil em direção às cicatrizes nas paredes. — Não pode ser contida com guerra.

Ela aproximou-se mais.

— Apenas vida nova pode inverter o ciclo.

Marcus não se moveu.

— Um filho. — ela disse claramente. — Com sangue de Vastara. Gene Patriarcal. E gene Matriarcal, ainda que incompleto.

Ela não falava como comandate.

Falava como alguém que já aceitara o peso do próprio sacrifício.

— Vashael é diferente demais para este mundo. Ele não foi moldado pelo frio. Ele floresce onde há abundância.

— Então você queria prendê-lo aqui até que fosse tarde demais para sair. — Marcus respondeu.

— Eu queria dar a ele propósito. — ela rebateu. — E dar ao meu povo futuro.

Silêncio.

O cristal atrás deles pulsou.

O tom dela mudou.

Não suavizou.

Se tornou sedutor.

Rhae deixou seu traje cair.

Revelando seu corpo completamente nu.

Pele branca como a neve, músculos torneados como os de um Khaer'Thuun, seu corpo brilhava banhado em óleo aromático, mas suas feridas recém costuradas davam um contraste brutal em sua beleza.

— Dizem que os romanos não conseguem resistir a isso.

— Eu não sou mais romano — respondeu Marcus.

Não sentia desejo.

Mas se impressionou pelo porte físico de Rhae.

Rhae aproximou-se até ficar a poucos passos de Marcus.

Marcus pelo primeira vez percebeu que ela era quase tão alta quanto ele.

— Você também carrega o sangue do Grande Patriarca.

Ela tocou levemente o ombro dele.

Sua mão deslizou por seu tórax.

Com desejo.

Com reconhecimento.

— Não precisa me amar. — disse. — Não gosto de romance. Mas talvez possa abrir uma exceção para você.

Marcus sentiu o peso daquela proposta.

Não era só sobre prazer.

Era sobre o destino de um mundo.

— Se gerarmos um herdeiro aqui… — ela continuou — talvez Vashael não precise ficar. Talvez o futuro possa nascer sem arrancá-lo de vocês.

A sala ficou menor.

Mais densa.

Marcus não vacilou por desejo.

Vacilou pela responsabilidade.

E foi exatamente nesse instante que a porta se abriu.

Padameg entrou.

Silenciosa.

Mas absoluta.

O frio pareceu mudar de direção.

Ela não gritou.

Não acusou.

Apenas olhou para Rhae.

E sentiu.

O Aspecto incompleto.

A drenagem.

A falha estrutural.

— Não vai funcionar. — Padameg disse, simplesmente.

Rhae não se afastou de Marcus.

Mas o olhar mudou.

— Você não pode gerar o herdeiro que precisa com a ajuda de Marcus. — Padameg continuou. — Seu Aspecto é fraco demais. Instável demais. Ele consome você.

Rhae sustentou o olhar.

— Marcus não pode compensar isso. Nem com o gene Patriarcal.

Silêncio.

Marcus sentiu o peso da verdade antes mesmo de Rhae responder.

Padameg deu um passo à frente.

— Você não quer um filho. — disse. — Você quer um instrumento.

A palavra ecoou como lâmina.

Rhae não negou.

Não fingiu.

Não desviou.

— Sim. — ela respondeu.

Sem orgulho.

Sem vergonha.

Apenas verdade.

— Porque o meu mundo está morrendo.

Rhae recuou um passo.

Recolheu seu traje no chão.

E o vestiu sem cerimonia.

O trono atrás dela parecia maior agora.

Mais pesado.

— Eu já aceitei que talvez eu não sobreviva para ver o futuro de Vael'Zuur Khaan. — disse ela. — Já aceitei que talvez minha linhagem termine comigo. Sae'Rha não herdou o poder do Vael'Zuur Khaan.

Ela olhou para Marcus.

Depois para Padameg.

— Mas se houver uma chance de que Zha'Ruun-Khaal sobreviva… eu tomaria qualquer decisão.

Padameg respondeu firme:

— Nós iremos até a Árvore Sagrada. Tentaremos ajudar. Mas não ficaremos. E não entregaremos nosso filho.

Rhae fechou os olhos por um instante.

Quando os abriu, não havia sedução.

Não havia manipulação.

Apenas dever.

— Então resta apenas uma coisa.

— Qual? — Marcus perguntou.

— Testar se o mundo ainda pode responder.

A aurora tremia do lado de fora.

E a geada parecia escutar.

CAPÍTULO 9
JORNADA A ÁRVORE SAGRADA

O cheiro de gelo queimado ainda pairava no ar.

A capital Zuur não estava em silêncio — mas não era o mesmo som da noite anterior.

Não havia mais gritos.

Havia trabalho.

Homens e mulheres moviam blocos de gelo rachado para fora da praça central. Cristais térmicos quebrados eram removidos com cuidado ritualístico, como se ainda contivessem algo sagrado. Guerreiros que haviam lutado lado a lado horas antes agora carregavam juntos vigas cristalinas, substituindo estruturas danificadas.

O corpo de Tor'Khaan não estava mais ali.

Mas as marcas de sua queda permaneciam.

Veios de sangue congelado riscavam o gelo como uma lembrança deliberada.

Rhae não estava no centro.

Desta vez, ela observava de longe.

Sem armadura.

Sem machado.

Apenas o traje azul profundo, agora limpo, mas ainda com a costura recém-reforçada onde fora rasgado.

Ela não dava ordens.

O povo Zuur reconstruía sem precisar delas.

Sobrevivência era reflexo.

A alguns metros da muralha externa, onde o gelo ainda não havia sido totalmente restaurado, Sae'Rha girava sob o vento leve, enquanto seu Zai'Thren descia em mergulho controlado.

Vashael ria.

O som destoava do cenário branco.

A ave mergulhava em direção a ele e, no último instante, batia as asas com força, levantando uma nuvem de neve que o fazia tropeçar para trás.

— Isso não é justo! — ele protestou, rindo.

Sae'Rha cruzou os braços.

— Ele está pegando leve com você.

O Zai'Thren inclinou a cabeça, como se confirmasse.

— Eu sei que você entende! — Vashael apontou para a ave.

A criatura emitiu um som curto, quase divertido.

Khur'Zael observava à distância.

Não com temor.

Com reverência.

Duas bestas haviam respondido ao garoto.

Isso não era apenas sinal.

Era deslocamento de equilíbrio.

Do outro lado da praça, o cenário era menos gracioso.

O Khael'Zha'Ruun que fora designado a Marcus parecia absolutamente decidido a não cooperar.

A criatura era imponente — pelagem branca espessa, veios azulados sob a pele, crina pesada como

neve acumulada. Seus olhos, porém, carregavam julgamento.

Marcus tentou aproximar-se pelo flanco esquerdo.

O animal moveu-se dois passos para o lado.

Marcus tentou pelo direito.

O Khael'Zha'Ruun bufou vapor gelado diretamente em seu rosto.

Alguns guerreiros Zuur fingiram não observar.

Falharam.

Marcus colocou a mão sobre a crina.

O cavalo simplesmente deu dois passos bruscos para trás.

Marcus caiu.

De novo.

A neve não era macia.

Padameg assistia.

Não sorria.

Mas a expressão séria quase se quebrava de tempos em tempos.

— Ele não respeita você ainda — disse ela, finalmente.

Marcus levantou-se, limpando o gelo do traje.

— Ele é um cavalo.

— Não. — Khur'Zael corrigiu, aproximando-se. — Ele é um Khael'Zha'Ruun.

Como se a diferença fosse óbvia.

Marcus respirou fundo.

Tentou novamente.

Desta vez montou.

Por três segundos.

O animal empinou com potência controlada e o lançou para trás com precisão quase pedagógica.

Vashael riu alto.

Padameg sorriu.

Desviou o olhar para o filho.
E então para Marcus.
E então para o gelo.
O riso diminuía a culpa.
Mas não a apagava.

Rhae observava.
Marcus sendo derrubado.
Levantando.
Tentando novamente.
Ela viu algo ali que não era político.
Resiliência.
Proteção.
Fracasso aceito.
Ele caiu.
Levantou.
Caiu.
Levantou.
Ela desviou o olhar quando percebeu Padameg observando-a.
Padameg não disse nada.
Mas registrou.
Não como ameaça.
Como variável.

Quando Marcus finalmente conseguiu permanecer montado — não por domínio, mas porque o animal pareceu aceitar que a jornada precisaria começar — ele cavalgou até onde Padameg já estava.
Ela havia conseguido em minutos.
Sem quedas.
Sem disputa.
A relação dela com o Khael'Zha'Ruun era firme.
Direta.

Sem confronto.

— Está tudo bem? — Marcus perguntou.

— Está.

Silêncio.

Ele queria dizer:

Eu fiz o que precisava fazer. Você também é importante para mim. Por isso eu tomei aquela decisão.

Ela sabia que ele queria dizer isso.

Ela apenas assentiu.

Não era acusação.

Mas não era absolvição.

Ao fundo, guerreiros vestidos de verde capturados eram escoltados para contenção ritualística.

Nenhum era executado.

A hospitalidade sagrada havia sido quebrada.

Mas não pela comandante.

O cristal central da capital pulsava novamente, mais estável.

Crianças carregavam pequenos fragmentos térmicos sob supervisão.

Mulheres reparavam tecidos rasgados.

Bestas circulavam novamente.

A cidade sobreviveria.

Mas não estava intacta.

Khur'Zael ergueu o cajado.

— Partiremos ao amanhecer. A aurora será mais estável.

Rhae aproximou-se do grupo.

— Não haverá escolta numerosa. — disse ela. — A Árvore não respeita exércitos.

O olhar dela passou por Marcus.

Por Vashael.

Por Padameg.

E permaneceu meio segundo além do necessário em Marcus.

Não desejo.

Não ainda.

Mas cálculo misturado com algo novo.

Ela se conteve.

— Preparem-se.

A aurora começou a surgir no horizonte.

A capital Zuur reconstruía-se atrás deles.

Vashael ainda ria com Sae'Rha.

Marcus ajustava a sela.

Padameg observava.

E Rhae — pela primeira vez — não sabia se temia mais perder seu mundo…

Ou perder a única chance de salvá-lo.

O amanhecer em Vael'Zuur-Thraan não trazia calor.

Trazia apenas claridade.

Uma luz fria que refletia em cada cristal incrustado nas muralhas parcialmente reconstruídas. O ataque do clã de Tor'Khaan deixara marcas profundas — estruturas térmicas remendadas às pressas, torres amplificadoras com veios ainda instáveis, trechos de gelo escurecidos onde o sangue havia sido raspado durante a madrugada.

O povo Zuur já trabalhava.

Homens e mulheres erguiam placas cristalinas com as próprias mãos. Jovens guiavam Yhaar'Nek para compactar neve e estabilizar terreno. Cristais de som eram reposicionados, reafinados com batidas secas e precisas.

Não havia lamento público.

Havia reconstrução.

Antes da partida para a Árvore Sagrada, o Khaer'Thuun aproximou-se de Rhae.

Ela tocou a cicatriz sobre o olho opaco.

— Fique.

Não foi ordem.

Foi pedido.

O felino olhou para as muralhas parcialmente reconstruídas.

Depois para os portões externos.

E permaneceu.

A cidade precisava dele.

E Rhae sabia que não poderia arriscar deixar a capital sem sua presença enquanto o clã de Tor ainda respirava vingança.

Marcus observava a interação enquanto ajustava as tiras do traje Zuur. O tecido azul escuro parecia

absorver o frio, mas não o eliminava. Nada ali eliminava o frio. Apenas o tornava suportável.

Padameg montava seu Khael'Zha'Ruun com naturalidade surpreendente.

O animal — alto, robusto, veios azulados correndo sob a pelagem branca — aceitava sua presença com poucos movimentos de resistência. Ela ajustou a postura, segurou as rédeas com firmeza e o fez dar um círculo curto para testar equilíbrio.

Controle.

Marcus tentou fazer o mesmo.

Seu cavalo respondeu com indiferença.

Depois com teimosia.

O animal deu dois passos laterais bruscos, ignorando o comando sutil que Marcus tentara aplicar com as pernas.

— Não é força — disse Sae'Rha, segurando o riso enquanto ajustava o próprio Khael'Zha'Ruun. — Eles sentem quando você tenta se impor.

Marcus lançou-lhe um olhar sério.

O cavalo aproveitou para girar meio corpo inesperadamente.

Marcus quase caiu.

Padameg não riu.

Mas os olhos dela suavizaram por um instante.

— Ele não confia em você ainda — ela disse. — Você está tentando conduzir como se estivesse numa montaria romana.

Marcus respirou fundo.

Aproximou o rosto da crina espessa do animal.

Baixou o tom.

— Eu não estou tentando dominar. Estou tentando aprender.

O Khael'Zha'Ruun bufou vapor quente no ar gelado.

Depois deu um único passo firme à frente.

Pequeno avanço.

Sae'Rha já estava alguns metros adiante com Vashael.

O garoto mantinha o corpo levemente inclinado, atento ao equilíbrio, mas sem tensão. Seu Zai'Thren sobrevoava em círculos lentos acima do grupo, enquanto a segunda ave, de Sae'Rha, pairava mais distante.

Seu Khaer'Thuun o acompanhava com postura sempre vigilante.

Rhae montava por último.

A armadura substituíra o traje tradicional azul profundo. A capa de pele branca movia-se ao vento matinal. O machado estava preso às costas, mas ela mantinha postura ereta demais para alguém que havia lutado até o limite na noite anterior.

Marcus notou o leve deslocamento de peso para o lado esquerdo.

A perna direita ainda doía.

Ela também percebeu o olhar dele.

E sustentou.

Sem hostilidade.

Sem convite.

Apenas consciência.

O portão externo da capital foi aberto.

Cristais térmicos ao redor da estrutura brilharam brevemente para estabilizar o solo enquanto os cavalos atravessavam a última muralha.

Ao longe, o cristal central da cidade pulsava lento.

Estável novamente.

Mas não tão forte quanto antes.

Khur'Zael saiu ao lado do grupo, apoiando o cajado nas pernas enquanto cavalgava.

— A Árvore não é apenas símbolo — disse ele. — É raiz. E as raízes estão profundas.

— E enfraquecidas — completou Padameg.

O xamã não negou.

O grupo começou a avançar.

A capital ficou para trás.

Pequena.

Branca.

Resistente.

O vento ganhou força à medida que se afastavam das proteções cristalinas.

O terreno tornou-se irregular.

Placas de gelo variavam de espessura.

Rochas negras emergiam da neve como dentes antigos.

Marcus tentou ajustar o ritmo do cavalo.

O animal ignorou a primeira ordem.

Depois a segunda.

Finalmente, decidiu avançar num trote próprio.

— Ele não te obedece — disse Padameg, sem provocação.

— Eu percebi.

Silêncio.

A aurora pálida ainda era visível mesmo sob o sol fraco da manhã.

Vashael olhou para trás.

Para a cidade.

Depois para frente.

Para as montanhas.

— Ela está nós observando — ele murmurou.

— Quem? — perguntou Sae'Rha.

— A Árvore.

Rhae ouviu.

E seu coração apertou de forma que não demonstrou.

Marcus também ouviu.

Mas o que ele sentia era diferente.

Não esperança.

Peso.

Eles avançavam rumo a algo que poderia salvar um mundo.

Ou condená-lo a uma espera de décadas.

E entre o vento cortante e o ranger dos arreios, havia outra coisa se movendo junto com eles.

Distância.

Entre marido e esposa.

Entre líder e convidado.

Entre mundo e herdeiro.

E ainda estavam apenas começando a travessia.

A capital desapareceu atrás de uma elevação de gelo azul-escuro.

Ali, o vento não apenas soprava — ele empurrava.

Rajadas laterais obrigavam os Khael'Zha'Ruun a inclinarem o corpo para manter equilíbrio. As crinas longas chicoteavam o ar como bandeiras brancas rasgadas.

Marcus finalmente conseguiu manter o ritmo do animal.

Por quase trinta segundos.

Então o cavalo decidiu saltar uma fissura estreita sem aviso.

Marcus não estava preparado.

O impacto do outro lado o lançou meio corpo à frente. Ele se agarrou à crina por reflexo puro, escorregando lateralmente antes de conseguir se recompor.

Sae'Rha riu abertamente dessa vez.

Até Vashael soltou um sorriso breve.

Padameg não riu.

Mas virou o rosto.

Marcus suspirou.

Tentou novamente.

Menos controle.

Mais escuta.

O cavalo reduziu o ritmo por conta própria.

Um pequeno ajuste de confiança.

O terreno começou a subir.

Montanhas não eram picos pontiagudos ali — eram massas onduladas de gelo comprimido, intercaladas por rochas negras que absorviam o pouco calor do sol.

Veios cristalinos cortavam o chão como nervuras expostas.

Khur'Zael ergueu o cajado, indicando um desvio.

— Não sigam pela linha mais reta — disse ele. — O gelo ali parece oco.

Marcus franziu o cenho.

— Oco?

Sae'Rha respondeu:

— Cavernas térmicas abaixo. O peso combinado pode quebrar a camada superior.

Padameg observou o solo com atenção redobrada.

Ela já havia aprendido algo naquele mundo:

O perigo raramente anunciava sua chegada.

Vashael inclinou a cabeça.

— Ele está mais forte aqui.

— O que? — perguntou Marcus.

— O frio.

Não era reclamação.

Era constatação.

O vento trouxe um som diferente.

Baixo.

Arrastado.

Rhae ergueu a mão.

Todos pararam.

Ao longe, na encosta lateral de um penhasco, diversas silhuetas verdes se moviam contra o branco.

Distantes demais para ataque direto.

Próximas o suficiente para serem vistas.

— Eles não aceitaram a derrota — murmurou Padameg.

Rhae não respondeu imediatamente.

— O clã de Tor não tem mais liderança formal. — disse por fim. — Mas isso não significa que não vão querer vingança.

Marcus ajustou a gladius na cintura.

— Eles estão nos seguindo.

— Estão medindo a distância — corrigiu Khur'Zael.

Vashael olhava fixamente para as montanhas à frente.

— A Árvore está… inquieta.

Sae'Rha estreitou os olhos.

— Inquieta como?

— Como se soubesse o que vai acontecer.

O vento mudou de direção de repente.

Não mais lateral.

Frontal.

Frio mais intenso.

Os cavalos começaram a bufar vapor mais denso.

O Khael'Zha'Ruun de Marcus resistiu por um segundo.

Depois tentou virar o corpo contra o vento.

Marcus quase perdeu o controle novamente.

Padameg aproximou-se o suficiente para que seus cavalos quase se tocassem.

— Incline o peso para o lado do vento — ela disse. — Não lute contra ele.

Marcus fez.

O cavalo estabilizou.

Pequena vitória.

Mas o silêncio entre os dois permaneceu.

Ela não o olhava da mesma forma que antes.

Não havia acusação direta.

Mas havia memória.

Ele havia escolhido.

E a escolha ainda ecoava.

Rhae cavalgava alguns metros à frente.

Sem virar-se.

Mas consciente da tensão atrás dela.

Ela não tentou intervir.

Não dessa vez.

A subida tornou-se mais íngreme.

As marcas dos guerreiros verdes na neve tornaram-se visíveis.

Não estavam mais apenas observando.

Estavam acompanhando.

O Zai'Thren de Vashael desceu um pouco mais baixo no voo.

Em alerta.

A ave de Sae'Rha fez o mesmo.

O Khaer'Thuun rugiu.

Três sombras cruzando o gelo.

Khur'Zael murmurou algo em língua antiga Zuur.

Padameg entendeu apenas fragmentos:

"Equilíbrio… escolha… raiz…"

Marcus sentiu algo diferente.

O Aspecto ali ainda era fraco.

Mas não completamente ausente.

Era como tentar ouvir através de uma parede grossa.

A resposta existia.

Distante.

A montanha seguinte revelou algo diferente.

No horizonte ao longe, parcialmente oculto pela névoa gelada, uma formação gigantesca emergia da encosta.

Não era rocha.

Não era gelo.

Era cristal.

Mas diferente dos da capital.

Mais antigo.

Mais escuro.

E no centro daquela formação — uma silhueta que lembrava tronco.

Ramos petrificados.

Raízes atravessando o gelo como veias fossilizadas.

Vashael inspirou fundo.

— Ela está ali.

Rhae finalmente virou o rosto.

O olhar dela não era político naquele momento.

Era quase reverente.

— Kha'Ruun — ela murmurou.

A Árvore Sagrada.

O vento pareceu mudar ao redor deles.

Não mais agressivo.

Mas atento.

E, atrás do grupo, as silhuetas verdes desapareceram da crista.

Haviam escolhido o caminho da vingança.

A jornada ainda não havia terminado.

Ela apenas estava entrando em território onde o mundo faria o julgamento.

CAPÍTULO 10
EMBOSCADA NA MONTANHA

O primeiro disparo veio de cima.

Não houve grito de aviso.

Apenas um clarão verde cortando o céu branco.

Rhae sentiu antes de ver.

— ABAIXEM!

O disparo de lúmen atingiu a encosta logo atrás de Marcus.

O gelo explodiu.

O Khael'Zha'Ruun dele empinou violentamente.

Marcus quase foi lançado para trás, mas segurou a sela com força bruta e puxou as rédeas para estabilizar o animal.

Outro disparo.

Desta vez mirando Padameg.

Ela não tentou bloquear.

Deslizou o cavalo lateralmente, usando a própria inclinação da montanha como cobertura. O feixe atravessou o ar onde ela estivera um segundo antes e atingiu uma formação cristalina, fragmentando-a em lâminas naturais.

— No flanco alto! — gritou Marcus.

As silhuetas verdes surgiram do topo do penhasco.

Não três.

Não cinco.

Oito.

Guerreiros espalhados em arco, aproveitando a altitude.

Tor'Khaan estava morto.

Mas o clã ainda sabia caçar.

— Sae'Rha! — gritou Rhae. — Se esconda com Vashael.

— C-Certo! — respondeu Sae'Rha. — Vamos!

Se inclinou para o lado e puxou as rédeas do Khael'Zha'Ruun de Vashael.

Se esconderam atrás de uma grande formação de pedras e cristais no canto da passagem.

O Khaer'Thuun de Vashael já estava em movimento. A grande fera branca não esperou comando. Saltou da posição mais baixa da encosta e posicionou-se instintivamente no flanco onde Sae'Rha e Vashael haviam se escondido.

Rhae puxou as rédeas e girou o cavalo para enfrentar os inimigos.

— Eles querem nos empurrar para as cavernas térmicas — disse ela. — O solo ali é instável!

Como resposta, duas figuras verdes surgiram pela lateral esquerda, subindo por uma fissura natural para interceptar a rota de fuga.

A emboscada estava bem posicionada.

Marcus desceu do cavalo antes que o animal fosse forçado a manobrar em terreno estreito.

— Sigam para a direita! Eu seguro os que estão no alto!

— Não sozinho — disse Padameg, já desmontando também.

Um terceiro disparo cruzou entre eles.

O gelo abaixo do grupo rachou.

Uma fissura se abriu sob o Khael'Zha'Ruun de Khur'Zael.

O xamã caiu parcialmente da sela, mas conseguiu rolar para longe antes que a borda cedesse completamente.

O cavalo deslizou alguns metros, relinchando, até encontrar apoio mais firme.

O vento aumentou.

Não natural.

Induzido pelos impactos.

Marcus avançou encosta acima, usando as rochas negras como cobertura.

Um guerreiro verde saltou do alto com lâmina curta em punho.

Marcus não teve tempo para rebater o golpe com escudo completamente.

Ambos rolaram sobre o gelo.

A lâmina raspou seu antebraço, abrindo o tecido térmico.

O frio entrou imediatamente na pele exposta.

Marcus segurou o pulso do adversário e golpeou com a testa.

Impacto seco.

Depois a gladius entrou sob a placa lateral da armadura verde.

O homem caiu.

Mas outro já vinha descendo em investida direta.

Padameg interceptou antes que alcançasse Marcus.

Ela não enfrentou força com força.

Deixou o adversário avançar em velocidade.

Deslizou lateralmente e avançou com precisão cirúrgica.

Adaga sob a clavícula.

Giro.

Retirada limpa.

Mas um disparo de Lúmen veio do alto.

Ela demorou a percebe-lo.

Marcus viu primeiro.

Empurrou-a.

O feixe atingiu o gelo ao lado deles.

A explosão abriu uma fenda que os separou por quase dois metros.

Padameg caiu de joelhos na borda.

O gelo cedeu sob o peso.

Marcus estendeu o braço completamente.

Segurou o pulso dela.

Por um segundo, o mundo reduziu-se àquele ponto de contato.

Ele puxou.

Ela subiu.

Mas o olhar que trocou com ele não foi só de gratidão.

Foi de reconciliação.

Acima deles, Rhae avançava montada.

Não ativara o Aspecto.

Não ainda.

Ela usava apenas habilidade e brutalidade controlada.

O machado descreveu um arco horizontal que arrancou o escudo de um guerreiro e o lançou encosta abaixo.

Outro tentou atingir o flanco do cavalo.

Rhae inclinou o corpo e golpeou com a parte traseira do machado no capacete do homem.

O som foi oco.

Ele caiu.

Mas um disparo de Lúmen atingiu o solo sob o cavalo dela.

A perna direita falhou por meio segundo.

Dor.

Ela manteve-se na sela por pura força de vontade.

— Avancem! — gritou Rhae.

— Para a borda da passagem!

Mas foi nesse momento que o perigo real se aproximou.

Um dos guerreiros verdes não seguiu a linha principal de combate.

Desceu pela lateral inferior.

Silencioso.

Aproveitando a cobertura das rochas.

Sae'Rha estava concentrada nos disparos de cima.

Vashael observava a Árvore à distância.

Nenhum dos dois viu o homem até que ele estivesse a poucos passos.

A lâmina verde ergueu-se.

O Khaer'Thuun surgiu como avalanche.

Não correu.

Explodiu.

O impacto contra o guerreiro foi tão violento que ambos deslizaram metros sobre o gelo.

A armadura verde rangeu sob as presas.

O homem tentou cravar a lâmina na lateral da fera.

O Khaer'Thuun girou o corpo, esmagando-o contra a rocha.

Um estalo seco.

Silêncio breve.

O felino ergueu-se novamente, posicionando-se à frente de Vashael.

Não atacava indiscriminadamente.

Protegia.

Marcus viu então a formação rochosa da encosta.

Se alcançassem a linha mais alta da encosta, os arqueiros perderiam o ângulo de disparo.

Mas o caminho exigia atravessar uma zona de gelo fino.

E os guerreiros verdes sabiam.

Dois deles correram pela lateral, tentando forçar o grupo para a área instável.

Padameg percebeu.

— Eles querem que a gente quebre o solo!

— Então não deixem eles te guiarem — respondeu Rhae.

Ela desmontou de um salto controlado e avançou a pé.

O machado atingiu o gelo à frente.

Não como ataque.

Como teste.

O som retornou sólido.

Ela indicou o ponto seguro.

O gelo estalou.

Mas não cedeu.

Um guerreiro verde saltou atrás deles.

No local errado.

O gelo sob ele partiu.

O homem desapareceu na fissura.

O grupo alcançou a borda.

Os arqueiros recuaram automaticamente.

Agora estavam em terreno que favorecia o grupo de Rhae.

E a Árvore Sagrada erguia-se logo adiante.

Mas antes que pudessem respirar — um último disparo foi feito, mirando ao longe.

Não contra Marcus.

Não contra Padameg.

Não contra Rhae.

Contra Vashael.

Sae'Rha puxou o garoto que havia saído da cobertura, de volta para dentro.

O feixe passou raspando por seus cabelos.

E atingiu o gelo logo atrás.

Tentativa real de matar.

Marcus percebeu.

Padameg também percebeu.

— Querem provar que podem alcançá-lo.

O vento diminuiu.

Os guerreiros verdes começaram a recuar.

Não em fuga.

Em cálculo.

A emboscada havia falhado.

Mas a mensagem fora entregue.

A jornada não era apenas espiritual.

Era política.

E agora — à frente deles — a silhueta gigantesca da Árvore Sagrada dominava a encosta final.

Ramos cristalizados contra a aurora.

Raízes mergulhando no gelo ancestral.

Vashael sentiu antes mesmo de chegar.

A inquietação.

E algo mais.

Expectativa.

O vento mudou ao se aproximarem.

Não cessou.

Mas deixou de empurrar.

Passou a circular.

Como se estivesse orbitando algo invisível.

A formação que sustentava a Árvore não era uma simples encosta cristalina. Era um anfiteatro natural de gelo antigo, comprimido por eras. Cristais escuros cresciam em ângulos irregulares ao redor, inclinados como sentinelas fossilizadas.

E no centro — Kha'Ruun.

O tronco não era madeira.

Era cristal vivo.

Espesso.

Translúcido apenas nas bordas.

O núcleo era opaco, quase negro, com veios internos azul-esverdeados que pulsavam em ritmo lento demais para parecer saudável.

Os ramos não se estendiam para o céu como em Vastara.

Eram arqueados.

Pesados.

Como se carregassem o peso da própria geada.

As raízes desapareciam sob o gelo, mas em alguns pontos rompiam a superfície, grossas como colunas, atravessando rochas e se perdendo nas profundezas congeladas.

Rhae desmontou primeiro.

Não como comandante.

Como devota.

A perna direita tocou o solo com rigidez contida.

Ela não disfarçou.

Ali não precisava.

Khur'Zael aproximou-se lentamente, apoiando o cajado na neve endurecida.

— Não a toque de imediato — disse em voz baixa. — Ela precisa escutar antes de responder.

Marcus sentiu.

O Aspecto ali era diferente do que sentira em Vastara.

Não estava ausente.

Mas estava soterrado.

Como se estivesse sob camadas de gelo acumuladas por séculos.

Padameg caminhou alguns passos à frente.

O frio ali era mais intenso.

Não físico.

Estrutural.

Como se o mundo estivesse economizando energia.

Sae'Rha soltou as rédeas do cavalo e aproximou-se de Vashael.

As duas Zai'Thren pousaram em arcos opostos da formação, asas parcialmente abertas, como guardiãs.

O Khaer'Thuun ficou mais abaixo, observando a encosta por onde vieram.

Em silêncio vigilante.

Vashael deu o primeiro passo.

O gelo sob seus pés não rachou.

Mas vibrou.

Sutil.

Rhae prendeu a respiração.

Marcus sentiu o impulso de chamar o filho de volta.

Não chamou.

Padameg não desviou os olhos.

Não por medo.

Mas por decisão.

Vashael aproximou-se do tronco.
A superfície não era lisa.
Era texturizada.
Como se cada centímetro guardasse memória.
Ele estendeu a mão.
Hesitou.
O vento pareceu prender o próprio fôlego.
Então tocou.
O contato não foi explosivo.
Não houve luz cegante.
Houve silêncio.
Um silêncio tão profundo que abafou até o vento.
O pulso interno da Árvore acelerou.
Uma vez.
Duas.
Veios azulados espalharam-se pelo tronco como sangue retornando às extremidades.
O gelo ao redor da base estalou.
Não quebrando.
Expandindo.
Vashael fechou os olhos.
E viu.
Não imagens claras.
Mas sensações.
Raízes adormecidas.
Territórios congelados há gerações.
Cristais que haviam deixado de cantar.
E sob tudo isso — cansaço.
Não morte.
Cansaço.
Ele respirou fundo.
Tentou puxar mais.
Como fizera em Vastara.
Nada veio.

Não como antes.

A resposta que recebeu foi diferente.

Não resistência.

Mas limite.

Khur'Zael caiu de joelhos na neve.

— Ela respondeu… — murmurou.

Rhae deu um passo involuntário à frente.

— O que você vê? — perguntou.

Vashael abriu os olhos lentamente.

O brilho neles era fraco.

Não esgotamento.

Compreensão.

— Ela acordou — disse ele. — Mas não pode florescer ainda.

O silêncio caiu pesado.

Padameg aproximou-se.

— O que isso significa?

Vashael tocou novamente o tronco.

Os veios internos brilharam mais uma vez.

— Eu posso ajudar ela a lembrar como era. — disse. — Posso fazer ela sentir o que Vastara sentiu.

Ele retirou a mão.

O brilho diminuiu.

Mas não desapareceu completamente.

— Mas eu teria que ficar.

Rhae não piscou.

Marcus também não.

— Quanto tempo? — perguntou Khur'Zael.

Vashael hesitou.

O frio ao redor pareceu aumentar.

— Muito tempo — disse ele. — Anos.

A palavra ecoou como golpe.

— Muitos anos.

O vento voltou a circular.

Rhae fechou os olhos por um segundo.

Não surpresa.

Confirmação.

Padameg colocou a mão no ombro do filho.

— E se você fosse embora?

Vashael olhou para a Árvore.

Os veios já estavam desacelerando.

— Ela não morre.

— Mas volta a dormir.

Marcus soltou o ar devagar.

Ele entendeu antes de qualquer explicação.

Não era uma cura instantânea.

Era um processo.

Um cultivo.

Uma vida inteira de dedicação.

Khur'Zael ergueu o olhar para Rhae.

— Como suspeitávamos.

Rhae não respondeu.

Ela apenas observava o ponto onde Vashael tocara.

Como se calculasse não apenas o tempo.

Mas o custo.

Sae'Rha aproximou-se da base do tronco e tocou a superfície com reverência.

Nenhuma resposta.

Ela olhou para Vashael.

Não com inveja.

Com reconhecimento.

— Ela ouviu você — disse.

Vashael assentiu.

— Mas não pode florescer ainda.

O vento ganhou força novamente.

E lá embaixo, na encosta distante, pequenas silhuetas verdes reapareceram por um instante.

Observando.

Sempre observando.

A Árvore Sagrada estava desperta.

Mas o mundo ainda estava congelado.

E a decisão que se aproximava agora era mais pesada do que qualquer combate travado até ali.

CAPÍTULO 11

ULTIMATO

O retorno à capital foi silencioso.

Ninguém comemorou o despertar parcial da Árvore.

Ninguém falou da emboscada.

A neve caía fina quando atravessaram os portões de Vael'Zuur-Thraan. O povo já sabia. Olhares acompanhavam o grupo sem palavras. A reconstrução continuava — placas cristalinas sendo recolocadas, fissuras preenchidas, Yhaar'Nek compactando o solo com passos pesados.

Mas agora havia algo diferente.

Esperança contida.

E medo renovado.

O salão central estava novamente aquecido pelo grande cristal térmico no centro da tenda abobadada. O trono tribal de Rhae — entalhado em madeira cristalizada, marcado por pinturas verdes e vermelhas representando as linhagens Zuur — aguardava.

Rhae não entrou como mulher.

Entrou como comandante.

A armadura fora removida.

O traje tradicional azul profundo retornara.
Mas não havia suavidade nela.
Ela sentou-se no trono.
Khur'Zael à direita.
Sae'Rha à esquerda.
Marcus, Padameg e Vashael permaneceram de pé diante do círculo de assentos.
O silêncio era absoluto.
Rhae foi a primeira a falar.
— Respeitarei a hospitalidade sagrada.
Sem hesitação.
Sem teatralidade.
— Dou um ciclo lunar.
Um único prazo.
Dois meses.
— Decidam.
O cristal central pulsou uma vez.
Ninguém respondeu imediatamente.
Padameg manteve o queixo erguido.
Marcus não desviou o olhar.
Vashael sentiu o peso do que aquilo significava.
Rhae continuou.
— Se recusarem…
Ela não elevou a voz.
— Não tomarei apenas o herdeiro.
O silêncio tornou-se físico.
— Tomarei Vastara.
Nenhuma ameaça inflamável.
Nenhum ódio.
Era cálculo.
Estratégia.
Sobrevivência.
Padameg foi quem respondeu.
— Então você terá guerra.

Rhae sustentou o olhar.

— Eu já estou em guerra desde que nasci.

Nenhum orgulho na frase.

Apenas constatação.

Marcus percebeu algo naquele momento:

Ela não via aquilo como agressão.

Via como continuidade. Sobrevivência.

Khur'Zael não interveio.

Sae'Rha abaixou o olhar.

Vashael deu um passo à frente, mas Padameg tocou seu ombro.

Ainda não.

Rhae levantou-se.

— Vocês partirão amanhã ao amanhecer.

A decisão estava selada.

O cruzador Zuur aguardava na plataforma cristalina.

O céu estava claro demais.

Frio demais.

O povo Zuur observava à distância.

Não como inimigos.

Nem como aliados.

Como testemunhas.

Sae'Rha foi a primeira a quebrar a contenção.

Ela correu até Vashael antes que ele cruzasse a linha de embarque.

Abraçou-o com força inesperada.

O Zai'Thren dela pousou atrás, asas abertas.

— Eu não queria que fosse assim — ela disse, a voz falhando.

Vashael segurou os ombros dela.

Não parecia criança.

— Nós vamos nos encontrar de novo.

Ela balançou a cabeça.

— Você não sabe disso.

Ele sorriu levemente.

— Eu sei.

Ela fechou os olhos e o abraçou novamente.

O Khaer'Thuun e o Zai'Thren de Vashael observavam alguns metros atrás.

Quando Vashael se afastou, o felino inclinou a cabeça e o Zai'Thren abriu suas asas o máximo que pôde.

Reconhecimento.

Não posse.

Ficariam no planeta.

Até que um dia Vashael voltasse.

E ele sabia que um dia iria voltar.

Mais atrás, imóvel como uma estátua talhada em gelo ancestral, Vael'Khaarn permanecia ao lado de Rhae.

A pelagem acinzentada contrastava com a neve branca. A cicatriz que cruzava o olho esquerdo parecia ainda mais profunda sob a luz fria da manhã. O olho direito azul seguia cada movimento de Vashael — não com hostilidade, mas com cálculo silencioso.

Quando o garoto passou pela linha de embarque, Vael'Khaarn ergueu-se lentamente.

Não avançou.

Apenas firmou as patas no gelo.

Como se marcasse território.

Como se memorizasse o cheiro.

Marcus assistia.

Padameg também.

O olhar dela estava diferente agora.

Menos ferido.

Mais feroz.

Quando Rhae se aproximou da rampa de embarque, Marcus deu meio passo à frente.

Os dois se encararam.

Não havia mais ambiguidade.

Não havia sedução.

Não havia diplomacia.

Apenas dois líderes.

— Um ciclo lunar — disse Rhae.

— Use-o bem — respondeu Marcus. — Você vai precisar.

Padameg sustentou o olhar da comandante.

Sem desviar.

Sem medo.

Rhae não demonstrou nada.

Mas o silêncio entre elas era mais afiado que qualquer lâmina.

A rampa fechou-se.

O cruzador elevou-se da plataforma.

Sae'Rha permaneceu ali até que o brilho da nave desaparecesse entre as nuvens congeladas.

E, por um segundo breve — Vashael sentiu que algo naquele mundo realmente o deixava ir.

Não sem expectativa.

Mas sem ruptura.

Dentro da nave, o silêncio era diferente.

Não tenso.

Não imediato.

Pesado.

Marcus permaneceu olhando o vazio estelar enquanto o cruzador iniciava a preparação para a dobra.

Padameg aproximou-se.

— Você escolheu certo.

Ele não virou imediatamente.

— Escolhi você.

Ela assentiu.

— E ele quase morreu.

Silêncio.

Não acusação.

Verdade.

Marcus finalmente a encarou.

— Eu errei.

Ela sustentou o olhar.

— Não. — corrigiu Padameg. — Nós erramos. Ao confiar demais. Ao ir longe demais sem saber o preço.

A tensão entre eles começou a ceder.

Não apagada.

Mas compreendida.

— O que fazemos agora? — perguntou Padameg.

Marcus olhou para as estrelas.

— Se Rhae cumprir a palavra, temos dois meses.

— E se não cumprir?

Ele não hesitou.

— Mesmo que não cumpra... — disse. — Vamos precisar da ajuda de Roma.

A dobra começou.

E, pela primeira vez desde que deixaram Vastara, não era apenas outro mundo que estava em risco.

Era uma guerra entre mundos-irmãos.

E agora ela tinha prazo pra acontecer.

CAPÍTULO 12
ROMA EM RECONSTRUÇÃO

A dobra se desfez sem violência.

Não houve o tranco bruto do cruzador Zuur comprimindo o espaço.

Não houve oscilação agressiva.

A transição romana era diferente.

O campo de envolvimento gravitacional estabilizou-se em camadas concêntricas ao redor da nave, como se o próprio espaço tivesse sido convencido a ceder passagem.

Marcus sentiu a diferença imediatamente.

Roma não atravessava o tecido do universo.

Ela o dobrava com precisão matemática.

O painel frontal clareou.

E Roma surgiu.

Não gloriosa.

Controlada.

A órbita estava densamente ocupada.

Plataformas defensivas giravam em sincronização perfeita. Frotas de contenção mantinham posição em

arcos estratégicos ao redor da atmosfera superior. Não eram formações de ataque.

Eram muralhas.

Ainda haviam águias douradas.

Ainda haviam bandeiras imperiais.

O selo continuava gravado nas superfícies externas:

SENATUS POPULUSQUE ROMANUS

Roma estava contida.

Mas não deixava de ser Roma.

Marcus respirou fundo.

Ele estava sozinho.

Padameg ficara em Vastara.

Vashael também.

E isso fazia diferença.

A nave recebeu autorização de atracagem antes mesmo do pedido formal ser concluído.

A Plataforma Interplanetária emergiu da órbita baixa como uma estrutura branca e austera.

Metal claro.

Linhas simétricas.

Campos gravitacionais visíveis como distorções suaves.

Nada orgânico.

Nada improvisado.

Nada tribal.

Roma era arquitetura da intenção.

O acoplamento foi preciso.

Sem ruído.

Sem celebração.

A rampa se abriu.

Marcus desceu.

Sozinho.

Soldados romanos posicionados ao longo da plataforma mantiveram postura formal. Nenhum gesto teatral. Nenhum anúncio cerimonial.

Protocolo elevado.

Nada mais.

O som de suas botas ecoou na superfície metálica polida.

Ele sentiu.

Não era recepção de herói.

Era recepção de risco político.

Lucius aguardava ao final da rampa.

Sem armadura cerimonial.

Sem manto imperial.

Apenas o uniforme simples de comandante.

Os dois se encararam.

Longo o suficiente para que anos de história passassem entre eles sem palavra.

Lucius falou primeiro.

— Você voltou antes do esperado.

Marcus respondeu, direto:

— E com menos tempo do que imaginava.

O silêncio que se seguiu não foi desconfortável.

Foi calculado.

Lucius avaliou rapidamente o fato mais importante:

— Veio sozinho.

— Padameg ficou em Vastara. Preparando o povo. — E protegendo Vashael.

Um pequeno movimento no maxilar de Lucius.

Ele entendeu.

Não era visita diplomática.

Era mobilização.

Eles começaram a caminhar lado a lado pela plataforma.

Ao redor, técnicos e oficiais mantinham distância estratégica. A conversa não era pública.

— Você havia me informado sobre a visita do povo Zuur. — começou Lucius. — O que mais preciso saber?

— Zha'Ruun-Khaal está morrendo. — disse Marcus. — Rhae confirmou o que suspeitávamos.

— A Árvore Sagrada respondeu a Vashael. Mas precisa de décadas para reflorescer. — continuou — E ela nos deu dois meses.

Lucius não interrompeu.

— Dois meses para entregar meu filho.

Marcus olhou sério para Lucius.

— Ou enfrentar a guerra.

Lucius parou.

Olhou diretamente para Marcus.

— Ela disse isso formalmente?

— Oficialmente. — respondeu Marcus. — No trono.

Lucius soltou o ar devagar.

— Então ela não está blefando.

Marcus sustentou o olhar.

— Não.

Eles atravessaram uma galeria elevada com vista para o espaço.

Uma frota de contenção realizava manobra sincronizada abaixo.

Perfeição.

Controle absoluto.

Marcus observou.

— Se Roma intervier… — ele começou.

Lucius completou:

— Não será sutil.

Silêncio.

Marcus virou-se levemente.

— Eu não vim pedir a conquista do povo Zuur.

— Eu sei.

Lucius continuou andando.

— Mas você vai precisar pedir apoio.

Marcus sabia.

E odiava saber.

— O Senado está dividido — disse Lucius. — Reconstrução interna ainda é prioridade. Distritos externos continuam instáveis.

— E há quem prefira que Vastara resolva seus próprios problemas.

— E você? — perguntou Marcus.

Lucius não hesitou.

— Eu posso abrir caminhos. — respondeu. — Mas não posso forçar alianças.

A honestidade não era política.

Era pessoal.

Marcus absorveu.

— Então eu preciso convencer o Senado.

Lucius assentiu.

— Sim.

Uma pausa.

— E Marcus…

Ele parou antes da saída da plataforma principal.

— Alguns não vão apenas discordar. — disse. — Vão usar isso contra você.

— Já estão tramando? — perguntou Marcus.

Lucius não respondeu.

O silêncio foi suficiente.

Uma sirene distante marcou a mudança de turno orbital.

Roma continuava funcionando.

Sem drama.

Sem emoção.

Sem urgência aparente.

Marcus percebeu algo inquietante:

Roma era estável.

Mas estabilidade não é sinônimo de lealdade.

Ele olhou uma última vez para a frota.

Se Roma escolhesse intervir, não seria só para salvar Vastara.

Seria para manter equilíbrio estratégico.

E equilíbrio nem sempre significa justiça.

Lucius colocou a mão brevemente no ombro de Marcus.

— Convencer o Senado é inevitável.

Marcus assentiu.

— Então vamos convencê-los.

A porta automática se abriu.

Roma Aeterna aguardava abaixo.

E, pela primeira vez desde a libertação de Vastara, Marcus caminhava para uma batalha que não seria vencida com lâminas.

Mas com decisões.

E escolhas ali custavam mundos.

A nave não pousou no centro.

Roma não permitia isso desde a última crise orbital.

Marcus desceu sozinho por uma cápsula de transferência atmosférica. Transparente apenas o suficiente para que se visse a cidade sem tocá-la. Campos gravitacionais desaceleravam a descida em camadas sucessivas.

Roma não fazia entradas dramáticas.

Fazia entradas calculadas.

A cidade surgiu sob ele como um organismo geométrico.

A antiga arquitetura clássica ainda existia — colunas, arcos, mármore branco — mas agora entrelaçada com estruturas metálicas e painéis energéticos embutidos nas superfícies.

Reconstrução.

Mas disciplinada.

Os distritos centrais estavam intactos. Polidos. Ordenados.

Os distritos externos eram outra história.

Quando a cápsula cruzou para além da zona administrativa, Marcus viu andaimes metálicos, fileiras de alojamentos temporários e filas organizadas diante de centros de racionamento.

Nenhum tumulto.

Nenhum saque.

Mas também nenhum entusiasmo.

Roma funcionava.

Mas ainda cicatrizava.

A cápsula pousou em uma plataforma elevada conectada ao Distrito Central. Guardas não o saudaram como herói.

Fizeram continência protocolar.

Formal.

Distante.

Marcus caminhou pela passarela suspensa. O vento ali não era natural. Era redirecionado por campos de controle climático.

Ele percebeu os telões.

Não propaganda aberta.

Mas mensagens sutis:

“ESTABILIDADE É FORÇA.”

“ROMA PERMANECE.”

“ORDEM É PROTEÇÃO.”

Nada sobre expansão.

Nada sobre glória.

A narrativa havia mudado.

Mas não completamente.

Um grupo de trabalhadores interrompeu o movimento ao reconhecê-lo. Não aplaudiram. Não vaiaram.

Apenas observaram.

Um homem mais velho, vestindo uniforme civil de manutenção, ergueu a voz.

— Vastara está segura? — perguntou ele.

Marcus parou.

Não havia assessoria ali.

Não havia palco.

— Por enquanto sim. — respondeu Marcus.

O homem assentiu.

— Então tudo isso ainda valeu a pena. — disse ele.

Não havia entusiasmo na frase.

Havia necessidade de acreditar.

Marcus seguiu.

O solo do Fórum Central ainda exibia marcas recentes de reforço estrutural. Partes do piso original haviam sido substituídas por placas mais resistentes, discretamente marcadas com o selo imperial.

Soldados cruzavam o espaço em formações menores que as antigas.

Defensivas.

Marcus percebeu outra mudança:

Menos bandeiras imperiais gigantescas.

Mais símbolos simplificados.

Roma estava tentando parecer menos império ditatorial.

Mas o poder continuava concentrado.

Ao atravessar uma arcada principal, ouviu dois senadores conversando em tom baixo.

— Se ele trouxer guerra para cá… — disse um.

— Ele já trouxe. — respondeu o outro. — Só ainda não chegou fisicamente.

Marcus não reagiu.

Mas registrou.

Lucius aguardava próximo ao acesso interno do complexo senatorial.

Não como comandante agora.

Mas como mediador.

— Eles sabem que você chegou. — disse Lucius.

— Já decidiram? — perguntou Marcus.

— Não oficialmente. — respondeu Lucius. — Extraoficialmente… alguns já escolheram lado.

Eles começaram a caminhar por um corredor revestido de mármore branco com linhas metálicas finas correndo pelo teto como veias energéticas.

— A fome foi contida. — disse Lucius. — A revolta nos distritos externos diminuiu. Mas o medo permanece.

— Medo de quê? — perguntou Marcus.

Lucius o encarou de lado.

— De que Roma volte a ser o que fora com o antigo Imperador.

Silêncio.

Marcus sabia o peso disso.

— E agora eu apareço pedindo intervenção militar fora do sistema. — disse ele.

— Exatamente. — respondeu Lucius.

Eles atravessaram uma galeria com vista para a Câmara do Senado abaixo. O espaço ainda impressionava. Circular. Monumental. Frio.

Mas diferente.

Menos vozes exaltadas.

Mais tensão contida.

— Lyra Cassian está do seu lado. — disse Lucius. — Ela vê alianças como evolução política.

— E os outros? — perguntou Marcus.

— Varon Dex diz apoiar diálogo. — respondeu Lucius. — O que significa que ele vai esperar para ver para onde o vento sopra.

— E Gaius? — perguntou Marcus.

Lucius parou antes de responder.

— Gaius Severian Korr não acredita em exceções. — disse ele. — Para ele, Vastara é uma anomalia que precisa ser regulada, não protegida.

Marcus sentiu o peso dessa frase.

— Ele vai tentar usar isso contra mim. — disse Marcus.

— Ele já está usando isso contra você. — respondeu Lucius.

Silêncio.

Marcus apoiou as mãos no parapeito e observou a cidade mais uma vez.

Roma ainda estava de pé.

Mas não estava unida.

— Eles falam de ordem. — disse Marcus. — Mas ordem sem humanidade é só contenção com nome bonito.

Lucius não sorriu.

— Diga isso dentro do Senado. — respondeu ele. — E esteja preparado para o preço.

Uma sirene leve anunciou a convocação da próxima sessão extraordinária.

— A sessão de votação começa em duas horas. — disse Lucius. — Use esse tempo. Converse. Lembre-os do que está em jogo.

Marcus assentiu.

— Não é apenas Vastara. — disse ele.

— Eu sei. — respondeu Lucius. — Mas para convencê-los, precisa ser.

Eles se encararam por um segundo.

Amigos.

Líderes.

Homens que sabiam que qualquer decisão ali alteraria o equilíbrio entre mundos.

Marcus virou-se em direção aos corredores que levavam ao salão principal.

Roma não precisava ser conquistada.

Precisava ser convencida.

E isso era mais difícil.

A guerra em Zha'Ruun-Khaal era aberta.

Aqui, ela seria silenciosa.

E talvez mais perigosa.

A Câmara estava cheia.

Não barulhenta.

Cheia.

O silêncio ali não era respeito.

Era cálculo.

Marcus caminhou até o centro do círculo de mármore branco. O teto alto projetava ecos mínimos, como se o espaço tivesse sido projetado para amplificar não a voz — mas a responsabilidade.

Lyra Cassian estava à esquerda do eixo central. Varon Dex mantinha postura relaxada demais. E Gaius Severian Korr observava com as mãos cruzadas sobre a mesa semicircular, expressão neutra demais para ser sincera.

O Senador responsável pela sessão ergueu a mão.

— Marcus Valerius de Vastara, convidado extraordinário desta sessão. — disse ele. — O Senado ouvirá sua exposição.

Sem aplausos.

Sem formalidades adicionais.

Marcus respirou uma vez.

E começou.

— Eu estive em Zha'Ruun-Khaal. — disse ele. — Eu vi o que resta do mundo deles.

Alguns senadores inclinaram levemente o corpo para frente.

— Eles não estão prosperando. — continuou Marcus. — Estão sobrevivendo. Montanhas congeladas. Cidades enterradas sob gelo. Recursos limitados. Um planeta que perdeu seu ciclo natural.

Ele fez uma pausa curta.

— E ainda assim, são fortes.

Um murmúrio leve percorreu o círculo.

— O povo Zuur não é fraco. Não é instável. Não é primitivo. São disciplinados. Adaptados. Militarmente organizados. E agora — desesperados.

Ele deixou a palavra repousar.

— Desespero não enfraquece um império. — continuou. — Ele o radicaliza.

Gaius não piscou.

Marcus manteve o tom controlado.

— Se Zha'Ruun-Khaal tomar Vastara… — disse ele. — Eles não apenas prolongam a própria existência. Eles ganham acesso a um mundo fértil. Recursos. Energia. Base estratégica.

Ele girou lentamente, olhando para o círculo completo.

— Vastara está sob proteção de Roma.

Agora o murmúrio aumentou.

— Se Vastara cair, não será apenas uma derrota local. Será uma mensagem. — disse Marcus. — Uma potência desesperada pode expandir. Pode consolidar. Pode transformar sobrevivência em campanha.

Um senador à direita ergueu a voz.

— Está sugerindo que os Zuur atacariam Roma?

Marcus não desviou.

— Estou dizendo que um império que aprende que pode vencer Roma em território sob tutela romana… não vai parar ali.

Silêncio.

Ele continuou.

— Eles são estratégicos. Se tomarem Vastara, podem fortalecer sua matriz energética. Expandir influência. Reorganizar tribos sob vitória comum. E então — quando estiverem prontos — poderão testar outros mundos sob proteção romana.

Ele deixou a última frase cair com peso suficiente.

— Roma não pode permitir que a primeira peça caia.

Varon Dex inclinou-se para frente.

— Ou Roma poderia permitir que Vastara resolvesse seus próprios conflitos. — disse ele. — Afinal, foi sob sua liderança que Roma se envolveu diretamente naquele mundo.

A palavra liderança carregava acusação.

Outro senador aproveitou.

— Roma se enfraqueceu ao intervir. — disse ele. — Recursos desviados. Frotas deslocadas. Autoridade fragmentada.

— E agora estamos discutindo nova intervenção. — completou outro.

Marcus ouviu.

Sem reagir.

— Se Roma estivesse forte como antes, isso não estaria acontecendo. — disse um terceiro. — O enfraquecimento começou quando abrimos mão do modelo imperial tradicional.

Agora os olhares se voltaram para ele.

Não apenas como aliado.

Como causa.

Lyra Cassian ergueu-se antes que o murmúrio crescesse demais.

— O modelo imperial tradicional estava nos levando à implosão. — disse ela, firme. — Distritos internos à beira da revolta. Concentração excessiva de poder. Campanhas externas insustentáveis.

Ela percorreu o círculo com o olhar.

— O antigo imperador não estava fortalecendo Roma. Estava drenando-a.

Alguns assentiram discretamente.

Gaius finalmente falou.

A voz dele era controlada demais para a situação.

— O que Roma perdeu foi previsibilidade. — disse ele. — Quando abrimos exceções, criamos precedentes. Vastara foi uma exceção.

Ele olhou diretamente para Marcus.

— E agora estamos sendo convidados a pagar o custo dessa exceção.

Marcus respondeu antes que o Senador da sessão interviesse.

— Vastara não foi exceção. — disse ele. — Foi correção de um erro.

Gaius não sorriu.

— Correções não devem comprometer a estabilidade do sistema. — disse ele. — Roma não pode reagir a cada crise emocionalmente.

A palavra emocional foi escolhida.

Marcus sentiu.

— Minha esposa e meus filhos vivem sob essa ameaça. — disse Marcus, sem elevar o tom. — E sei que cada um de vocês também tem família.

Alguns se moveram desconfortáveis.

— Se Zha'Ruun-Khaal cruzar a fronteira de Vastara, não estarão atacando apenas um planeta. Estarão testando a promessa de Roma.

Ele girou levemente.

— A promessa de que Roma protege o que reconhece como parte de sua esfera.

Ele respirou fundo.

— Hoje é Vastara. Amanhã pode ser outro mundo. Outro distrito.

Silêncio.

— E quando o medo atravessa sistemas estelares… ele não escolhe alvos. Ele se espalha.

Lyra manteve o olhar fixo em Gaius.

— A questão não é se ajudaremos Vastara por afeição pessoal. — disse ela. — A questão é se Roma mantém coerência estratégica.

Gaius inclinou a cabeça.

— Estratégia exige cálculo, não impulso. — disse ele. — Não estou convencido de que a ameaça descrita justifique mobilização imediata.

Varon Dex interveio, tentando suavizar.

— Talvez devamos considerar uma comissão de avaliação. — disse ele. — Informações adicionais. Relatórios militares independentes.

O Senador que presidia a sessão ergueu a mão.

— Ordem.

O murmúrio cessou.

— O Senado reconhece a gravidade da situação. — disse ele. — Mas não decidirá sob pressão temporal externa.

Marcus percebeu o peso da frase.

Pressão externa.

— Precisamos de mais tempo. — continuou o Senador. — Avaliação estratégica. Impacto interno. Recursos disponíveis.

Ele olhou para Marcus.

— A decisão será adiada até a próxima sessão extraordinária.

Não era rejeição.

Mas também não era apoio.

O martelo cerimonial tocou a superfície de mármore.

A sessão foi suspensa.

Os senadores começaram a se dispersar.

Alguns evitaram contato visual.

Outros se aproximaram brevemente.

— Estou com você. — murmurou um.

— Precisamos de garantias. — disse outro.

Gaius permaneceu sentado por mais alguns segundos, observando Marcus como quem mede variável incômoda.

Depois se levantou.

E saiu.

Marcus ficou parado no centro por um instante.

Ele não havia perdido.

Mas também não havia vencido.

E dois meses começavam a parecer menos tempo do que imaginava.

CAPÍTULO 13
SENADO FRAGMENTADO

Outros senadores levantavam-se em pequenos grupos, túnicas claras cruzando o mármore polido como ondas contidas. Projeções de dados estratégicos ainda flutuavam no ar, girando lentamente sobre o centro da câmara — mapas estelares, rotas comerciais, zonas sob tutela romana.

Marcus permaneceu imóvel por alguns segundos.

Ele já havia enfrentado exércitos inteiros.

Mas ali, entre colunas de mármore branco e ecos de discursos calculados, a batalha era mais lenta. E talvez mais perigosa.

— Seu discurso foi necessário. — disse uma voz feminina atrás dele.

Marcus virou-se.

Lyra Cassian aproximava-se com passos firmes, a toga branca marcada por bordas douradas que refletiam a luz do domo superior. A faixa cruzada sobre o ombro esquerdo indicava sua posição no conselho estratégico. O tecido caía com elegância disciplinada, sem excessos. O cabelo castanho estava preso com simplicidade

refinada, adornado apenas por uma coroa discreta de louros dourados.

Ela não sorria.

Mas havia inteligência viva nos olhos.

— Necessário não significa suficiente. — respondeu Marcus.

— Não. — disse Lyra. — Mas deslocou o eixo da discussão.

Ela parou diante dele, baixa o suficiente para que a conversa não ecoasse pelos corredores.

— Gaius está se movendo antes mesmo da votação. — continuou. — E Varon não é neutro. Ele apenas prefere parecer assim.

Marcus assentiu levemente.

— Eu esperava resistência. Não coordenação contra mim.

Lyra inclinou a cabeça.

— Roma está fraturada, Marcus. Não publicamente. Mas estruturalmente. Há quem veja Vastara como distração. E há quem veja oportunidade.

— Oportunidade de quê?

— De provar que você errou ao desafiar o modelo antigo.

O silêncio entre eles carregava mais que política.

Carregava história.

Antes que Marcus respondesse, uma voz masculina cortou o ar com familiaridade inesperada.

— Se é para falar de modelos antigos, eu prefiro pelo menos aqueles que envolvem menos toga e mais armadura.

Marcus virou-se.

Titus descia pela galeria lateral, vindo de uma área reservada aos comandantes e observadores militares. O uniforme que vestia era escuro, com detalhes azul-

profundo e insígnias recém-gravadas no peitoral — marcas da reestruturação do exército romano.

Os cabelos continuavam negros como antes. A barba curta, bem delineada. O rosto ainda firme, ainda jovem, mas com traços mais duros do que Marcus lembrava.

Seis anos não passam sem cobrar algo.

Eles se encararam por um segundo longo.

Então Titus abriu um meio sorriso.

— Você está pior do que eu lembrava.

Marcus respondeu com o mesmo tom.

— E você está em uma posição alta demais para alguém que cometia tantos erros no campo de batalha.

Titus soltou uma breve risada nasal.

— Eu sabia que não deviam ter me colocado como comandante da reestruturação. Ainda não descobri se foi mérito… ou punição.

Marcus inclinou a cabeça.

— Eu soube da sua nomeação. Só não entendi por quê.

— Eu também não. — respondeu Titus. — Mas estou tentando não estragar tudo.

Lyra observava os dois com expressão contida.

— Comandante Titus. — disse ela, formal.

Ele virou-se para ela.

— Senadora Cassian.

Um breve silêncio.

— Ainda reorganizando o mundo? — perguntou Titus.

— Alguém precisa fazer isso enquanto outros tentam quebrar tudo. — respondeu Lyra, com polidez quase cortante.

Titus arqueou uma sobrancelha.

— Fico feliz em ver que sua capacidade diplomática continua… afiada.

Lyra sustentou o olhar por meio segundo.

— E fico satisfeita em saber que sua capacidade de planejamento de batalha finalmente encontrou utilidade institucional.

Marcus interveio antes que a tensão crescesse.

— Vocês dois já se conhecem.

— Infelizmente. — disse Lyra.

— Brevemente. — corrigiu Titus.

— O suficiente. — finalizou ela.

Houve um momento de silêncio constrangedor que durou exatamente o tempo necessário para se tornar cômico.

Marcus quase sorriu.

— Isso explica algumas coisas. — murmurou.

— Não explica nada. — disse Lyra, seca.

Titus cruzou os braços.

— Para registro oficial, eu continuo acreditando que sair naquela noite foi a decisão estratégica correta.

— Você saiu durante a sobremesa. — respondeu Lyra.

— A sobremesa era vinho.

— Vinho barato. — respondeu ela em tom debochado.

— Exatamente. — disse Titus. — Eu fui buscar um vinho melhor.

— E não voltou mais...

Marcus finalmente deixou escapar um riso baixo.

O peso da sessão aliviou por um instante.

Lyra respirou fundo e voltou ao foco.

— Marcus, precisamos conversar novamente. Fora da câmara. Há votos que podem ser persuadidos. Mas exigirão garantias formais.

— Quando? — perguntou ele.

— Amanhã à noite. Ala leste do conselho estratégico.

Titus inclinou-se levemente.

— Posso acompanha-los?

Lyra o avaliou por um segundo.

Depois respondeu:

— Não me importo se for.

O tom não era caloroso.

Mas também não era hostil.

Era… controlado.

— Ótimo. — disse Titus. — Eu prometo não sair antes do vinho acabar dessa vez.

Lyra virou-se para partir.

— Faça isso. Pelo bem de Roma.

Ela afastou-se pelos corredores do Senado, túnica branca desaparecendo entre colunas e luz dourada.

Titus observou até que ela sumisse de vista.

— Será que ela ainda odeia vinho barato? — perguntou ele.

— Acho que ela odeia mais você. — respondeu Marcus.

Titus assentiu lentamente.

— Justo.

O humor esvaneceu aos poucos.

Titus voltou o olhar para o centro da câmara, onde as projeções estelares ainda giravam.

— Você realmente acha que eles vão atacar Vastara? — perguntou, agora sério.

Marcus não hesitou.

— Sim.

Titus assentiu uma única vez.

— Então temos trabalho a fazer.

Eles começaram a caminhar lado a lado em direção à saída do Senado.

Lá fora, Roma Aeterna continuava sua reconstrução silenciosa.

E, pela primeira vez em anos, Marcus não estava apenas lutando por um mundo.

Estava tentando impedir que dois colidissem.

As portas monumentais do Senado fecharam-se atrás deles com um som surdo.

Do lado de fora, Roma Aeterna pulsava.

O céu estava limpo, cortado por corredores aéreos onde naves militares cruzavam em formação disciplinada. Cúpulas translúcidas refletiam o sol em tons dourados. Colunas de mármore branco sustentavam varandas largas onde cidadãos observavam o fluxo constante da capital.

Águias douradas coroavam pilares altos, asas abertas sobre a cidade como se ainda a protegessem.

Mas, ao nível do solo, a reconstrução era visível.

Blocos inteiros exibiam andaimes metálicos integrados a estruturas clássicas. Drones de engenharia flutuavam entre arcos monumentais, soldando fissuras abertas durante os conflitos recentes. Praças que antes serviam a celebrações imperiais agora abrigavam filas organizadas para distribuição de suprimentos.

Roma estava de pé.

Mas ainda tentava se curar.

Titus caminhava ao lado de Marcus com passos seguros, capa azul-escura movendo-se ao vento urbano.

— Você escolheu um momento interessante para voltar. — disse ele.

— Não tive escolha. — respondeu Marcus.

Desceram uma escadaria larga que conectava o complexo senatorial ao distrito central. À esquerda, um mural digital substituía uma antiga estátua derrubada do antigo Imperador. A nova imagem mostrava legionários reconstruindo pontes ao invés de marchando para guerra.

Mudança simbólica.

— Você queria saber por que me colocaram na reestruturação. — disse Titus.

Marcus olhou para ele de lado.

— Eu imaginei que isso fosse uma punição pra você.

Titus soltou um sopro breve pelo nariz.

— Quase foi.

Eles atravessaram uma galeria aberta onde trabalhadores reforçavam vigas internas de um arco colapsado meses antes. O cheiro de metal aquecido misturava-se ao perfume limpo das fontes centrais.

— Enquanto você estava caçando células leais ao antigo Imperador nos distritos externos… — continuou Titus — eu estava dentro do quartel-general.

Marcus manteve o olhar à frente.

— Eu sei.

— Não, você sabe parte. — corrigiu Titus. — Eu vi o que estava acontecendo com o exército. Promoções compradas. Ordens ambíguas. Operações que não tinham mais objetivo estratégico, só demonstração de força.

Eles passaram por um grupo de jovens recrutas treinando em formação. A disciplina estava lá. Mas havia menos rigidez cega.

— Muitos de nós percebíamos que algo estava errado. — disse Titus. — Mas poucos tinham coragem de dizer.

Marcus finalmente virou o rosto para ele.

— Você teve.

Titus deu de ombros.

— Eu tive medo. — respondeu. — Mas tive mais medo ainda de ver Roma virar o que combatíamos.

O som distante de um martelo ecoou pelas ruas.

— Quando você derrubou o Imperador… — continuou Titus — não foi surpresa para quem estava atento. Foi alívio.

Ele fez uma pausa.

— Mas nem todos viam assim.

Marcus sabia.

— Há quem ainda me culpe. — disse ele.

— Muitos. — confirmou Titus. — Para alguns, você não salvou Roma. Você a enfraqueceu. Expôs rachaduras que eles preferiam ignorar.

Eles atravessaram a Ponte Aurea, restaurada recentemente. Abaixo, canais artificiais conduziam água limpa entre distritos reconstruídos. Crianças brincavam nas margens sob supervisão de guardas.

Vida.

— E agora você aparece dizendo que outro mundo pode nos atacar. — disse Titus. — Isso alimenta a narrativa deles.

Marcus parou por um instante.

O vento soprava mais frio ali.

— Não é apenas Vastara. — disse ele, baixo.

Titus franziu o cenho.

— O que mais?

Marcus sustentou o olhar do amigo.

— É meu filho.

O ruído da cidade pareceu diminuir por um segundo.

— Vashael herdou o Aspecto. Naturalmente. Não fragmentado. Não artificial.

Titus ficou em silêncio.

— E o povo Zuur acredita que ele é a chave para salvar o mundo deles. — completou Marcus. — Ou para dominar outros mundos.

Titus soltou o ar lentamente.

— Isso muda tudo.

— Eu sei.

— Não é só política interplanetária, então. — disse Titus. — É sucessão de poder.

Marcus assentiu.

— E se isso se tornar público, haverá quem queira controlar essa variável.

Titus olhou para as naves cruzando o céu.

— Então a reunião com Lyra é mais urgente do que eu imaginava.

— Sim.

Continuaram descendo para os distritos da cidade baixa.

Ali, a arquitetura era menos grandiosa, mais funcional. Mercados estavam sendo reabertos. Oficinas improvisadas surgiam sob arcadas restauradas. Cidadãos comuns reconstruíam suas casas com materiais reaproveitados. O bar Cortes de Lúmen ainda permanecia de pé, suas cortesãs encantadoras esperavam por clientes na entrada.

Roma não era apenas o Senado.

Era vida pulsante.

— Lembra daqui? — perguntou Titus, apontando para o bar.

Marcus observou.

— Lembro.

— Quer relembrar os velhos tempos? — perguntou Titus, com meio sorriso.

Marcus balançou a cabeça.

— Esse tempo já passou.

Titus o estudou por um momento.

— É. — disse por fim. — Passou mesmo.

Eles caminharam mais alguns metros até uma bifurcação.

— Você mudou. — disse Titus.

— Todos mudamos.

Titus assentiu.

— Você realmente é um homem honrado, Marcus.

Não era elogio vazio.

Era constatação.

Marcus colocou a mão no ombro do amigo.

— Continue mantendo o exército limpo.

— Continue lutando pelo o que é justo. — respondeu Titus.

Eles se separaram ali.

Titus seguiu em direção ao distrito militar.

Marcus virou-se para um caminho mais silencioso, afastando-se da agitação do centro.

À frente, entre prédios restaurados e fachadas ainda marcadas pelo tempo, estava a rua onde sua antiga casa romana permanecia.

Roma continuava grandiosa.

Mas agora ele a via com outros olhos.

Não como centro do universo.

Mas como um mundo entre mundos.

E o próximo passo não seria travado com espada.

Seria travado com escolha.

O gabinete privado de Lyra ficava em uma ala lateral do complexo senatorial, longe do fluxo principal.

Quando Marcus entrou, encontrou Lyra e Titus já sentados.

Não era ostentoso.

Era elegante.

Paredes revestidas em mármore claro, veios dourados discretos. Uma estante com rolos digitais organizados por temas legislativos. Uma mesa baixa de madeira escura no centro, com três poltronas voltadas umas para as outras — não para impressionar, mas para negociar.

Taças de vinho repousavam sobre a mesa.

E eles estavam rindo.

Não alto.

Mas de um jeito que denunciava memória compartilhada.

Lyra estava com o traje senatorial branco, tecido leve caindo em dobras precisas, adornos dourados discretos nos ombros e nos pulsos. Os cabelos presos com uma faixa metálica em formato de louros. Postura impecável, mas relaxada naquele ambiente privado.

Titus tinha a capa pousada no encosto da cadeira, armadura parcialmente aberta no pescoço, expressão mais solta do que no plenário.

Lyra ergueu o olhar primeiro.

— Espero que não esteja arrependido de nos deixar sozinhos por alguns minutos. — disse ela, com um leve sorriso.

— Depende do que já foi decidido sem mim. — respondeu Marcus.

Titus levantou a taça.

— Nada que envolva seu futuro político imediato. Ainda.

Marcus sentou-se.

Lyra serviu vinho para ele antes que ele pedisse.

— Vamos ser objetivos. — disse ela, cruzando as mãos sobre o colo. — A sessão foi tensa, mas não inesperada.

— Quantos votos eu tenho? — perguntou Marcus.

Lyra não respondeu de imediato.

— Declaradamente? — disse ela. — Poucos.

Titus inclinou-se na cadeira.

— Simpatizantes você tem. Comprometidos, ainda não.

Lyra continuou.

— Há três blocos principais. Os que veem Vastara como aliada estratégica legítima. Os que acreditam que Roma deve se concentrar exclusivamente na reconstrução interna. E os que enxergam qualquer conflito externo como oportunidade.

Marcus sabia qual era o mais perigoso.

— Gaius. — disse ele.

Lyra assentiu.

— Ele é o mais influente entre os que defendem estabilidade acima de tudo. E estabilidade, para ele, significa controle rígido.

— Ele votará contra. — disse Marcus.

— Ele não apenas votará contra. — corrigiu Lyra. — Ele trabalhará para que outros votem contra.

Titus tomou um gole de vinho.

— Há senadores indecisos que só querem garantias. — disse ele. — Garantias de que Roma não será arrastada para uma guerra longa.

— Além disso, quais outras garantias? — perguntou Marcus.

Lyra respondeu.

— Limitação de envolvimento militar. Apenas defesa, sem ataques ao mundo Zuur. Transparência nas alianças com Vastara. Compromisso de que o Aspecto não será instrumentalizado por Roma.

Marcus manteve o rosto neutro.

— Isso é negociável?

— Algumas coisas são. — disse Lyra. — Outras não.

Ela inclinou-se levemente para frente.

— Há senadores que jamais votarão a favor. Eles acreditam que você já alterou demais o equilíbrio de Roma ao derrubar o Imperador.

— E acreditam que eu enfraqueci o mito. — disse Marcus.

— Exato.

Titus apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Para alguns, você abriu a porta para que o povo questionasse demais.

Marcus ficou em silêncio por um instante.

Depois pousou a taça na mesa.

— Há algo mais. — disse ele.

Titus olhou para Marcus.

— Você pode confiar nela.

Lyra sustentou o olhar para Marcus.

— Se estamos aqui, já estamos comprometidos. Fale.

Marcus respirou fundo.

— O ataque não é apenas por Vastara.

Eles esperaram.

— É por meu filho.

O gabinete pareceu encolher.

Lyra não demonstrou surpresa teatral.

Mas o olhar dela mudou.

— Continue. — disse ela.

— Vashael herdou o Aspecto de forma natural. — explicou Marcus. — O povo Zuur acredita que ele pode regenerar o mundo deles. Ou torná-lo forte o suficiente para se expandir.

Titus passou a mão pelo rosto.

— Foi como eu disse, isso não é só disputa territorial. — murmurou.

— É sobre sucessão de poder. — completou Lyra.

Marcus assentiu.

— Se Roma não apoiar Vastara, o conflito não termina ali. Um império desesperado pode se tornar expansionista.

Lyra ficou alguns segundos em silêncio, avaliando.

— Isso torna a questão mais urgente. — disse ela, por fim. — Mas também mais delicada.

— Porque agora envolve um herdeiro. — disse Titus.

Lyra assentiu.

— Se isso se tornar público antes da votação, haverá senadores que defenderão controle direto sobre seu filho.

Marcus já havia considerado isso.

— Por isso estou dizendo a vocês dois primeiro.

Lyra levantou-se e caminhou até a janela alta do gabinete.

A cidade brilhava lá fora.

— Eu preciso de uma semana. — disse ela.

— O que? Uma semana é muito tempo — disse Marcus.

— Preciso desse tempo para conversar individualmente com os indecisos. — respondeu. — Para medir até onde estão dispostos a ir. Para garantir que Gaius não consolide maioria antes de nós.

Ela voltou a encará-lo.

— Dentro de sete dias, nos reunimos novamente. Com números reais.

Marcus assentiu.

— Eu estarei aqui.

Ele se levantou.

— Seja discreto. — disse Lyra. — Quanto menos ruído, melhor.

Marcus inclinou a cabeça.

— Eu aprendi isso tarde demais da última vez.

Um leve sorriso surgiu nos lábios dela.

— Então aprendeu.

Marcus levantou e saiu.

A porta fechou-se com suavidade.

CAPÍTULO 14
NÚCLEO DA CONSPIRAÇÃO

O prédio não constava nos mapas públicos.

Era um dos antigos centros de comando da era imperial — abandonado oficialmente após a queda do antigo regime, mas nunca completamente esvaziado. Corredores subterrâneos revestidos em aço escuro. Iluminação baixa. Símbolos antigos ainda gravados nas paredes — águias romanas estilizadas sob a inscrição:

ORDO ANTE OMNIA

Ordem acima de tudo.

Gaius estava parado diante de uma mesa holográfica circular.

A cicatriz no lado direito de seu rosto era impossível de ignorar. Começava acima da sobrancelha, atravessava o olho morto — opaco, leitoso — e descia até a linha do maxilar. A pele ali era mais rígida, retraída. Um mapa permanente de guerra.

Ele não usava tapa-olho.

Nunca usara.

E nunca teve interesse em usar uma prótese.

O uniforme escuro era simples, mas as medalhas no peito não eram decorativas. Eram reais. Conquistadas em campanhas que muitos dos atuais senadores só conheciam por relatórios. Mesmo após se tornar Senador nunca abandonou seu uniforme militar.

Varos estava sentado ao lado, vestindo túnica branca com faixa dourada de senador. Mais elegante. Menos marcado. Mas os olhos denunciavam cálculo constante. Era um Senador experiente, havia passado por diversas crises intacto, sempre manipulando das sombras.

Entre eles, projetada sobre a mesa, uma sequência de símbolos piscava em azul e verde.

Códigos.

Transmissões cifradas.

Gaius falou primeiro.

— Ele realmente acredita que pode arrastar Roma para outra guerra por causa de um planeta congelado.

Varos entrelaçou os dedos.

— Ele acredita que está salvando mundos.

— Ele sempre acreditou nisso. — respondeu Gaius. — E é por isso que é perigoso.

Um terceiro vulto permanecia parcialmente nas sombras do recinto.

Armadura verde.

Desgastada.

Sem insígnias claras.

O guerreiro não se apresentara formalmente. Não havia necessidade. Sua presença ali já era suficiente.

A luz refletiu brevemente nas placas do ombro. O padrão lembrava o clã de Tor'Khaan.

Gaius virou o rosto levemente na direção dele.

— Seus homens estão posicionados?

A voz do guerreiro era grave. Contida.

— Sim.

— E os planos? — perguntou Varos.

— Já iniciados.

A projeção mudou.

Mostrou relatórios fabricados.

Assinaturas energéticas Vastarianas misturadas a padrões romanos modificados.

Explosivos híbridos.

Provas falsas plantadas com cuidado cirúrgico.

Varos sorriu discretamente.

— Quando a próxima escaramuça ocorrer, parecerá que Vastara já está sendo usada para atacar quem a protege.

Gaius aproximou-se da mesa.

— Não queremos guerra total. — disse ele. — Queremos justificativa.

O guerreiro verde inclinou a cabeça.

— Justificativa para intervenção.

— Exatamente. — respondeu Varos.

Gaius apoiou as mãos na superfície metálica da mesa.

— Roma não pode permitir que uma criança com poder desconhecido se torne centro gravitacional da política interplanetária.

Ele virou o rosto para Varos.

— Se o Senado hesitar, nós criaremos a urgência.

Varos assentiu.

— Marcus precisa parecer irresponsável. Impulsivo. Incapaz de prever consequências.

— Ele já é. — disse Gaius, seco.

O guerreiro deu um passo à frente.

— E se Roma não reagir como esperam?

Gaius finalmente olhou diretamente para ele.

O olho esquerdo — vivo — era frio.

O direito, opaco, imóvel.

— Roma sempre reage quando a estabilidade é ameaçada.

Ele tocou levemente a cicatriz que cruzava o lado direito do rosto.

— Eu não dei meu olho direito em guerras para ver um oficial meia-boca desfazer o que construímos.

Silêncio.

Varos completou:

— Se Vastara parecer instável, Roma "corrigirá" a situação.

— Se o povo Zuur parecer agressor, Roma assumirá controle diplomático.

— Em ambos os cenários, Marcus perde influência.

Gaius voltou-se para a projeção.

— E o garoto?

O guerreiro respondeu:

— Nossos aliados no clã o consideram o motivo da traição de Rhae'Zuur.

— Morto, vira mártir. — disse Varos. — Vivo e desacreditado, vira instrumento.

Gaius pensou por um momento.

— Por enquanto, mantemos a narrativa no nível estratégico.

— Pequenos conflitos.

— Incidentes controlados.

— Dúvidas suficientes.

Ele ergueu o olhar.

— Roma precisa acreditar que está agindo por prudência.

O guerreiro fez um gesto mínimo com a cabeça.

— Tudo está correndo conforme o plano.

Gaius respondeu:

— Não. — a voz ficou ainda mais baixa. — O plano só começou.

A projeção foi desligada.

As luzes diminuíram ainda mais.

Acima deles, Roma brilhava — organizada, estável, confiante.

Mas, sob seus alicerces, a guerra já estava sendo escrita.

Sem declaração formal.

Sem estandartes levantados.

Com cálculo.

A casa de Lyra não era luxuosa.

Era precisa.

Arquitetura clássica restaurada, paredes claras, iluminação indireta em tons quentes. Grandes janelas arqueadas deixavam a cidade visível ao longe — cúpulas iluminadas, corredores aéreos cruzando o céu noturno.

O quarto estava em silêncio.

As cortinas semicerradas deixavam entrar o brilho distante das torres senatórias.

Lyra estava deitada sobre os lençóis claros, parcialmente coberta. O cabelo solto agora, sem a faixa de louros. Sem postura pública. Sem discurso calculado.

Titus estava ao lado, o lençol cobrindo parte do corpo. O olhar fixo no teto por alguns segundos.

O silêncio permaneceu.

Titus foi o primeiro a quebrá-lo.

— Ele não mudou tanto quanto diz.

Lyra virou o rosto na direção dele.

— Mudou o suficiente.

Titus soltou um sopro leve.

— Ele ainda entra em salas como se estivesse no campo de batalha.

— Porque, para ele, está. — respondeu Lyra.

A cidade murmurava ao longe.

Um transporte orbital cruzou o céu, projetando sombra breve sobre a janela.

— Você acha que ele consegue os votos? — perguntou Titus.

Lyra ficou alguns segundos sem responder.

— As chances são baixas.

— Mas não inexistentes. — Titus respondeu.

Ela ergueu uma sobrancelha leve.

— Você sempre foi otimista demais.

— E você sempre foi calculista demais. — disse ele.

Um silêncio diferente agora.

Menos político.

Titus virou-se de lado, passando o braço por Lyra.

— Nós também mudamos. — disse ele.

Lyra sustentou o olhar.

— Tentamos uma vez e falhamos.

— Tentamos enquanto Roma estava ruindo por dentro. — respondeu Titus. — Eu estava no quartel-general. Você no Senado. Nós não tínhamos espaço para nada além de sobrevivência.

Lyra observou o rosto dele com mais atenção agora.

Não havia mais o impulso juvenil. Não havia necessidade de provar nada.

— E agora? — perguntou ela.

Titus não desviou o olhar.

— Agora sabemos o que está em jogo.

Ela respirou devagar.

— Marcus pode ser preso.

— Pode.

— Se Gaius avançar com o plano, ele não hesitará.

— Eu sei.

O silêncio voltou.

Mas não era desconfortável.

Era escolha consciente.

— E você? — perguntou Lyra. — Está pronto para isso?

Titus demorou um segundo.

— Eu passei anos reorganizando o exército para que ele servisse Roma. Não homens como Gaius.

Ele virou o rosto para ela.

— Se isso escalar, eu não ficarei neutro.

Lyra assentiu.

— Então você vai perder aliados.

— Já perdi antes.

Um leve sorriso surgiu no canto da boca dela.

— Você continua imprudente.

— Só quando vale a pena.

O olhar entre eles mudou.

Não era mais sobre Senado.

Nem sobre Marcus.

Era sobre decisão.

Lyra aproximou-se um pouco mais.

— Eu não quero mais tentar enquanto o mundo desmorona. — disse Lyra, mais baixa.

Titus aproximou a mão da dela, entre os lençóis.

— Então não vamos tentar.

Ela o encarou.

— Vamos fazer dar certo. — disse ele.

Ela sustentou o olhar.

— De verdade?

— Sim. — respondeu Titus.

Lá fora, Roma continuava viva.

Drones cruzavam as avenidas elevadas. Trabalhadores noturnos ainda reforçavam estruturas. O Senado descansava antes da próxima disputa.

A guerra ainda não havia sido declarada.

Mas já se movia sob as camadas da cidade.

Lyra fechou os olhos por um instante.

— Uma semana. — murmurou. — É tudo o que temos antes que isso se torne irreversível.

— Então usaremos cada hora com sabedoria. — respondeu Titus.

Ela não respondeu.

Apenas permaneceu ali.

Não como senadora.

Não como estrategista.

Mas como mulher que havia escolhido ficar.

Roma estava se reconstruindo.
E, em silêncio, alianças pessoais também.
A conspiração avançava.
Mas agora eles não estavam mais sozinhos.

O céu estava pesado naquela tarde.

Não por conta das nuvens.

Por conta do movimento.

Corredores aéreos congestionados. Drones de engenharia cruzando os níveis inferiores da cidade. O Distrito Externo ainda carregava cicatrizes recentes — prédios restaurados às pressas, estruturas reforçadas com placas metálicas provisórias, andaimes integrados a fachadas clássicas.

Lyra caminhava ao lado de Marcus.

Titus vinha meio passo atrás, atento ao entorno.

O gabinete privado ficava em uma ala menos movimentada do distrito administrativo secundário. Escolha estratégica: longe dos olhos mais curiosos do Senado central.

Mas próximo o suficiente para ser acessível.

Marcus sentiu antes de ver.

Um deslocamento sutil no ar.

Uma pausa no fluxo normal da rua.

Trabalhadores que deveriam estar ali… não estavam.

Titus percebeu no mesmo instante.

— Está silencioso demais. — disse ele, baixo.

Lyra desacelerou discretamente.

Não houve tempo para mais.

A explosão veio da lateral direita.

Grande.

Cirúrgica.

A fachada de um prédio vizinho fragmentou-se em um arco de estilhaços cristalinos e poeira térmica.

Marcus agarrou Lyra pelo braço e a puxou para trás de uma coluna de sustentação.

Titus já estava em movimento.

Diversas figuras saltaram das passarelas superiores.

Trajes de combate vastarianos.

Cores corretas.

Símbolos corretos.

Mas movimentação errada.

Muito coordenado.

Muito militar.

O primeiro atacante abriu fogo com rifle de pulso híbrido.

Não era tecnologia padrão de Vastara.

Marcus ativou o escudo de energia dourado no pulso.

O impacto fez o campo vibrar violentamente.

— Matem todos. — gritou um dos atacantes. — Sem prisioneiros!

Lyra ouviu.

Os olhos dela estreitaram.

Isso não era terrorismo.

Era encenação.

Titus puxou a gladius de luz azul presa ao cinto.

Dois atacantes avançaram contra ele simultaneamente.

Formação de pinça.

Treinamento profissional.

Titus girou o corpo, bloqueando o primeiro golpe com o antebraço reforçado da armadura leve.

O segundo veio baixo, tentando atingir a perna.

Ele recuou meio passo, girou o quadril e acertou o agressor com o cabo da lâmina no maxilar.

Impacto seco.

Mas o homem não caiu.

Marcus avançou para quebrar a linha de fogo.

A gladius energética ativou-se com brilho dourado controlado.

Um disparo passou raspando por sua lateral.

Ele deslizou por baixo da linha de tiro e atingiu o rifle do inimigo.

A lâmina cortou o mecanismo interno.

Faíscas.

Explosão curta.

O agressor voou longe.

Mais dois surgiram do outro lado da rua.

E então vieram os explosivos.

Pequenos cilindros arremessados ao chão.

Marcus reconheceu imediatamente a assinatura energética.

Vastara.

Mas misturada.

Alterada.

As detonações abriram crateras no pavimento.

Precisão demais para sabotadores improvisados.

Lyra foi forçada a se mover.

Um atacante avançou diretamente contra ela.

Erro.

Ela não era apenas uma senadora.

A lâmina escondida na faixa interior do traje surgiu em um movimento fluido.

Deslizou lateralmente, atingindo o ponto de junção da armadura entre as costelas.

Não foi um golpe letal.

Mas o homem caiu de joelhos.

Titus enfrentava dois agora.

Um tentou agarrá-lo pelas costas.

Titus lançou o peso do corpo para trás, esmagando o agressor contra a parede.

Depois girou e atingiu o segundo com chute direto no joelho.

Estalo audível.

Marcus percebeu algo.

— Eles estão forçando que a ação seja gravada! — gritou.

Os atacantes estavam empurrando eles para o ponto de visão das câmeras públicas ativas.

Drones de segurança aproximando-se.

A narrativa já estava sendo construída.

Um dos atacantes ativou um transmissor aberto.

— Por Vastara! — gritou ele, alto o suficiente para gravação.

Marcus sentiu o gelo subir pela espinha.

Armadilha extremamente bem tramada.

Ele avançou com brutalidade.

A gladius cruzou o ar, cortando dois inimigos em sequência.

Um terceiro tentou fugir.

Titus interceptou.

Golpe preciso na nuca.

Mas o último não recuou.

Ao contrário.

Ativou um detonador preso ao próprio traje.

Marcus viu o pulso energético.

— NÃO!

Ele saltou.

O escudo expandiu ao máximo.

A explosão os lançou contra a lateral da rua.

O impacto arrancou parte da energia do campo.

Quando a poeira baixou, vários corpos estavam imóveis.

Mas um ainda respirava.

O homem que Lyra havia atingido.

Ele tentava alcançar algo no antebraço.
Um dispositivo de autodestruição.
Titus chutou a mão dele antes que ativasse.
Marcus se ajoelhou ao lado.
Arrancou o comunicador do traje do agressor.
Símbolo vastariano.
Mas sob a placa externa…
Gravação romana.
Número de série militar.
Titus viu também.
— Híbrido. — murmurou.
Lyra se aproximou.
— Isso foi plantado.
O agressor riu.
Sangue no canto da boca.
— Vocês já perderam. — disse ele.
O sotaque.
Não era vastariano.
Marcus segurou o colarinho do traje.
— Quem enviou você?
O homem hesitou.
Microsegundo apenas.
O suficiente.
Olhou para cima.
Instintivo.
Para um ponto específico da rua.
Um drone de observação.
Marcus seguiu o olhar.
E entendeu.
— Se você morrer agora, será descartado. — disse Marcus, baixo. — Se falar, talvez viva.
O homem tentou resistir.
Titus pressionou a lâmina contra a base do pescoço.

Sem perfurar.

Apenas lembrando.

O agressor cedeu.

— Não somos de Vastara. — murmurou. — Somos a correção de um erro.

Lyra sentiu o peso da palavra.

Correção.

Roma.

— Quem? — perguntou ela.

O homem fechou os olhos.

— Ordem… acima…

Ele não terminou.

Desmaiou.

Mas não morreu.

Sirenas de segurança ecoavam ao longe.

Unidades oficiais se aproximavam.

Marcus levantou-se.

— Eles queriam que parecêssemos culpados. — disse, baixo.

Titus assentiu.

— E quase conseguiram.

Lyra observou os corpos.

Os explosivos.

As assinaturas híbridas.

As câmeras públicas.

— Isso vai virar manchete em minutos.

Marcus respirou fundo.

— Então precisamos que vire investigação antes disso.

Ele olhou para o prisioneiro.

— Ele é nossa melhor chance.

Titus segurou o homem pelo colarinho.

— Se sobreviver.

Ao longe, veículos de contenção romana pousavam.

Não como reforço.

Como execução de protocolo.

Portas laterais se abriram antes mesmo de tocarem o solo. Tropas da Nova Guarda Pretoriana saltaram em formação fechada, escudos energéticos ativos, rifles apontados.

Precisos.

Treinados.

Sem hesitação.

— Larguem as armas! — ecoou a ordem amplificada.

Marcus levantou lentamente as mãos, ainda segurando a gladius agora desativada.

— Temos um prisioneiro vivo! — gritou Titus. — Ele não é vastariano!

Dois soldados avançaram sobre ele antes que pudesse terminar.

Braços torcidos para trás.

Imobilização rápida.

— Em nome do Império de Roma Aeterna, vocês estão sob custódia preventiva por envolvimento em ataque armado no distrito civil. — declarou o comandante da unidade.

Lyra avançou imediatamente.

— Custódia preventiva? — a voz dela cortou o ar como lâmina. — Eu sou senadora em exercício! Exijo identificação de protocolo!

— Senadora Cassian, afaste-se. — respondeu o comandante, rígido. — Ordem emitida diretamente do gabinete de segurança estratégica.

Marcus sentiu o peso da palavra.

Titus tentou se soltar.

— Isso é absurdo! Nós fomos atacados!

Um soldado pressionou o joelho contra a parte de trás da perna dele, forçando-o ao chão.

Algemas magnéticas foram ativadas nos pulsos de Marcus e Titus.

Campo energético selando movimento.

Lyra avançou novamente.

— Vocês estão cometendo um erro gravíssimo. — disse ela, fria. — Esse homem pode provar que—

Dois agentes posicionaram-se entre ela e Marcus.

Não agressivos.

Intransponíveis.

— Senadora, sua segurança exige afastamento imediato da zona de conflito.

— Minha segurança? — repetiu ela, incredulidade controlada. — Ou meu silêncio?

Marcus encontrou o olhar dela.

Não havia pânico.

Mas havia compreensão.

A armadilha não era apenas a explosão.

O prisioneiro foi retirado de cena rapidamente por outra equipe.

Separado.

Sem explicações.

Lyra percebeu.

— Para onde estão levando ele?

Nenhuma resposta.

Titus foi erguido à força.

— Isso é conveniente demais! — ele gritou. — Vocês estão prendendo as únicas testemunhas!

Um dos soldados respondeu sem emoção:

— Todas as evidências indicam assinatura vastariana.

Marcus sentiu o peso da narrativa se fechar.

Explosivos híbridos.

Transmissão aberta.

Câmeras públicas.

Tudo registrado.

Tudo planejado.

— Quem assinou a ordem? — perguntou Marcus, firme.

O comandante hesitou por meio segundo.

— Senador Gaius Severian Korr.

Silêncio.

Lyra absorveu como golpe.

— Claro. — murmurou ela.

Marcus foi conduzido até o veículo.

Algemas brilhando sob a luz da cidade.

Titus ao lado.

Ambos tratados não como vítimas.

Mas como catalisadores.

Lyra ficou parada na rua devastada.

Drones agora registravam o cenário sob outro ângulo.

Narrativa sendo construída em tempo real.

"Confronto com insurgentes vastarianos."

"Uso indevido de força."

"Escalada diplomática."

Ela fechou as mãos.

Não havia desespero.

Havia cálculo.

Eles queriam isolamento.

Dividir.

Silenciar.

A porta do transporte fechou-se com um som seco.

Marcus manteve o olhar fixo nela até o último segundo.

Não como despedida.

Como confiança.
O veículo elevou-se.
Roma continuava organizada.
Estável.
Controlada.
Mas agora, oficialmente — Marcus estava preso.
E a guerra deixava de ser externa.
E passava a ser interna.

CAPÍTULO 15
APRISIONADOS

O Centro de Detenção não ficava exposto na superfície.

Era subterrâneo.

Arquitetura brutalista romana: aço escuro, mármore polido, corredores largos demais para ecoar intimidade. O símbolo imperial projetado no chão refletia sob luz branca constante.

Sem sombras profundas.

Sem ambiguidade.

Marcus foi conduzido por dois guardas. Algemas magnéticas presas aos pulsos. Campo de contenção ativo ao redor do torso.

Titus caminhava alguns metros atrás, igualmente imobilizado.

Nenhum dos dois resistiu.

Não adiantaria.

As portas da ala de interrogatório se abriram com precisão hidráulica.

Gaius já estava lá dentro.

De pé.

Sozinho.

Sem uniforme de senador.

Sem túnica branca.

Vestia novamente o uniforme militar escuro.

As medalhas brilhavam sob a luz fria.

A cicatriz no lado direito do rosto parecia ainda mais marcada ali. O olho opaco fixo, morto, e o esquerdo vivo — como lâmina recém-afiada.

Os guardas empurraram Marcus para dentro.

As algemas foram desativadas, mas o campo de contenção permaneceu.

A porta fechou-se.

Silêncio.

Gaius caminhou lentamente ao redor dele.

— Eu esperava mais de você. — disse Gaius.

Marcus não respondeu de imediato.

— Eu também. — disse por fim.

Gaius parou à frente dele.

— Você realmente acreditou que poderia nós atacar? — perguntou ele.

Marcus manteve o olhar firme.

— Fui eu que fui atacado.

— Claro que foi. — respondeu Gaius. — E convenientemente, tudo foi registrado por câmeras públicas. Explosivos com assinatura vastariana. Transmissão aberta. Testemunhas suficientes.

Ele inclinou levemente a cabeça.

— O Senado já discute se você não criou a própria urgência que precisava.

Marcus sentiu o peso.

— E você incentivou essa narrativa.

— Eu não precisei incentivar nada. — respondeu Gaius. — Eu criei essa narrativa.

Ele tocou levemente a cicatriz no lado direito do rosto.

— Eu não dei meu olho direito em campanhas reais para ver um oficial destruir o mito que mantém Roma unida.

A palavra ecoou.

Mito.

Marcus estreitou o olhar.

— Roma não é um mito. É um povo.

— Errado. — disse Gaius, seco. — Roma é uma ideia. E ideias precisam de estrutura. De temor. De autoridade.

Ele se aproximou mais.

— Você derrubou o Imperador. Expôs fragilidades. Mostrou que o poder pode ser questionado.

Marcus respirou fundo.

— O poder deve ser questionado.

— Não quando sustenta a ordem. — respondeu Gaius.

O silêncio tornou-se pesado.

— Você prefere caos ao fim do privilégio. — disse Marcus.

O olho vivo de Gaius endureceu.

— Eu prefiro estabilidade ao sentimentalismo.

A porta abriu-se novamente.

Varos entrou.

Elegante como sempre.

Túnica branca impecável. Faixa dourada alinhada. O sorriso diplomático cuidadosamente calibrado.

— Espero que estejam sendo civilizados. — disse ele.

Gaius não desviou o olhar de Marcus.

— Ele ainda acredita que é o herói da história.

Varos caminhou até a lateral da sala.

— A situação é delicada. — disse ele. — A opinião pública já foi afetada. Há pressão para uma resposta imediata.

Marcus voltou-se para ele.

— Você sabe que foi armado.

Varos manteve o sorriso.

— Claro que sei. — respondeu. — Você acha que Gaius conseguiria armar tudo isso sozinho?

Marcus deu um passo à frente, o campo de contenção vibrando.

— Você também prefere que Roma tome Vastara.

Varos não respondeu diretamente.

— Se Vastara se tornou foco de instabilidade interplanetária… Roma terá que agir.

A máscara começou a rachar.

— E nós não queremos que você conduza essa ação. — disse Gaius. — Nós vamos reconstruir o Império e Vastara vai ser o bode expiatório perfeito.

Varos lançou-lhe um olhar rápido.

Marcus percebeu.

— Isso nunca foi sobre estabilidade. — disse Marcus. — Foi sobre ter o controle.

O silêncio que se seguiu foi mais revelador do que qualquer confissão.

Em uma cela adjacente, Titus observava através da divisória translúcida.

Ele não via tudo.

Mas via o suficiente.

Passos ecoaram no corredor.

Lyra.

Ela entrou sob autorização especial, expressão controlada, mas os olhos denunciando tensão contida.

Ela parou diante da cela de Titus.

— Eles estão isolando vocês. — disse ela, baixo.

Titus inclinou-se contra a parede.

— E o prisioneiro?

Lyra respirou.

— Foi transferido para uma ala de segurança estratégica.

Titus fechou os olhos por um segundo.

— Então ele vai morrer antes de falar.

Lyra entendeu imediatamente.

— A menos que ele não esteja na capital.

Titus abriu os olhos.

— Você ainda tem acesso aos registros de transferência?

— Tenho.

— Então mova ele. — disse Titus. — Use seu peso político para alegar risco de interferência externa. Envie-o para uma prisão periférica. Setor oeste. Base de contenção de Arx Secundus.

Lyra franziu levemente o cenho.

— Você tem influência lá?

— Tenho homens lá. — respondeu Titus. — Homens que ainda servem Roma. Não homens que servem Gaius.

Lyra assentiu lentamente.

— Se ele falar…

— A narrativa quebra. — completou Titus.

Ela segurou as grades brevemente.

— Eles querem que isso escale rápido. — disse ela. — Para poderem tomar o poder em Roma e em Vastara.

— Uma guerra externa unifica opinião interna. — respondeu Titus.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Eu vou fazer todo o possível para mover ele.

Titus a observou.

— E como você está?

— Eu estou bem. — disse ela. — Eu vou ganhar tempo. E você vai sobreviver.

Ele sorriu levemente.

— Sempre fui bom nisso.

Lyra virou-se.

Não como senadora.

Mas como alguém que já havia escolhido lado.

Na sala de interrogatório, Gaius aproximou-se uma última vez de Marcus.

— Você queria que Roma escolhesse.

Ele inclinou-se levemente.

— Agora Roma vai escolher sem você.

Marcus sustentou o olhar.

— Roma vai escolher apesar de você.

O silêncio ficou entre eles.

A guerra não havia sido declarada.

Mas a linha já havia sido cruzada.

Três semanas.

Roma não explodiu.

Roma não gritou.

Roma murmurou.

Os noticiários continuaram repetindo as mesmas imagens:

"Confronto com insurgentes vastarianos."
"Investigação em andamento."
"Custódia preventiva."

Marcus e Titus permaneceram detidos.

O Senado permaneceu dividido.

E Lyra Cassian não descansou.

Ela não confrontou Gaius diretamente.

Seria suicídio político.

Ela fez algo mais inteligente.

Começou a debater.

Individualmente.

Gabinetes privados.

Corredores laterais.

Reuniões informais sob pretexto de reforma tributária.

Jantares discretos.

Ela não defendia Marcus de imediato.

Ela perguntava.

— Quem ganha com a escalada?

— Quem controla a narrativa?

Plantava dúvida.

Enquanto isso, usava cada contato administrativo que possuía.

Pedidos formais de revisão de custódia. Requerimentos de preservação de prova viva.

Argumentos sobre risco de "contaminação de depoimento" na capital.

Ela sabia que o prisioneiro não sobreviveria muito tempo ali.

Na segunda semana, um relatório médico surgiu.

"Condição instável."
"Possível tentativa de autoextermínio."

Lyra leu o documento.

Sorriu friamente.

— Autoextermínio? — murmurou.

Na mesma noite, protocolou uma petição emergencial:

Risco de interferência estratégica interna.
Solicitação de transferência para centro neutro.

Gaius tentou bloquear.

Varos tentou redirecionar.

Mas Lyra foi além do esperado.

Ela não apelou para moralidade.

Apelou para imagem pública.

— Se o prisioneiro morrer na capital, a opinião pública interpretará como execução política. — disse ela durante uma sessão restrita.

Alguns senadores hesitaram.

Era verdade.

E Roma odiava parecer desesperada.

A autorização saiu no fim da terceira semana.

Transferência para Arx Secundus.

Setor oeste.

Zona de influência militar ainda leal a Titus.

A Base de Contenção de Arx Secundus não era luxuoso, era funcional, menos político e mais militar.

O prisioneiro estava vivo.

Ferido.

Mas vivo.

Lyra entrou na sala de interrogatório acompanhada por dois oficiais.

Sem toga completa.

Sem adornos.

Apenas a faixa dourada mínima que a identificava como senadora.

O homem estava preso à cadeira metálica.

Os ferimentos haviam sido tratados.

O olhar ainda carregava medo.

Não fanatismo.

Medo.

Lyra sentou-se diante dele.

Colocou algo sobre a mesa.

Um comunicador militar romano.

Modelo antigo.

Discreto.

Ativou-o.

Uma pequena luz azul acendeu-se no centro do dispositivo, projetando um campo de registro holográfico silencioso.

Ela não anunciou que estava gravando.

Ele percebeu.

E entendeu.

— Você sabe por que ainda está vivo. — disse ela.

O homem engoliu seco.

— Eu sei.

— Não foi por lealdade sua a outros. — continuou Lyra. — Foi porque eu decidi que você ainda tem valor vivo.

Silêncio.

Ela inclinou-se levemente para frente.

— Eles não vão alcança-lo aqui.

Ele não respondeu.

— Não se você falar. — completou.

Os dedos dele tremeram levemente.

— Se eu falar, eu morro.

— Se não falar, sua morte terá sido em vão. — respondeu Lyra, calma.

Ela deixou a frase descansar.

Sem pressão exagerada.

Sem ameaça.

Apenas lógica.

— Eu posso garantir que você saia vivo daqui. — disse ela. — Com nova identidade. Novo destino. Fora da órbita romana.

Ele a encarou.

Tentando medir mentira.

Não encontrou.

O pátio de exposição solar ficava no nível três acima do subsolo do Centro de Detenção.

Alto demais para fuga.

Isolado demais para testemunhas.

Muros de concreto romano reforçado erguiam-se em ângulos limpos. Acima, malhas energéticas invisíveis vibravam discretamente contra o céu pálido. Torres de vigilância nos quatro cantos. Drones circulando em órbitas previsíveis.

Nada ali era improvisado.

Nada ali era casual.

As portas magnéticas se abriram com ruído seco.

Marcus foi empurrado primeiro.

Titus veio logo atrás.

— Trinta minutos. — anunciou um guarda. — Comportamento exemplar aumenta seus pontos na avaliação disciplinar.

— É... a gente já sabe disso. — disse Titus em tom de deboche.

A porta fechou-se.

O eco ficou.

O pátio não estava vazio.

Nunca estava.

Grupos pequenos ocupavam áreas específicas do concreto. Alguns sentados. Outros caminhando em círculos lentos. Outros apenas observando.

E vários olhares ferozes reconheceram Marcus imediatamente.

Como o arquiteto da queda deles.

Titus percebeu antes mesmo que alguém se movesse.

— Eles não vieram só tomar sol. — disse baixo.

Marcus girou o pescoço levemente.

Três homens à esquerda. Dois à direita. Vários outros se deslocando com naturalidade forçada.

Formação orgânica.

Encurralamento clássico.

— Quantas vezes já fizeram isso conosco? — murmurou Titus.

Marcus inclinou minimamente a cabeça.

— Dentro dessa prisão ou no geral?

— No geral.

— Já perdi a conta.

O primeiro veio sem aviso.

Uma lâmina improvisada — pedaço de metal afiado preso a um cabo de madeira — cortou o ar em direção ao abdômen de Marcus.

Ele girou o tronco no último segundo.

O metal rasgou o tecido da roupa carcerária, mas não a pele.

Marcus segurou o pulso do agressor com força brutal.

Girou.

O estalo do cotovelo deslocando ecoou no pátio.

O homem gritou.

Outros avançaram.

Titus já estava em movimento.

Um prisioneiro tentou agarrá-lo pelas costas. Titus girou o corpo no último instante e tomou a lâmina improvisada da mão dele.

— Isso já está ficando repetitivo. — disse Titus.

Dois atacantes vieram juntos contra Marcus.

Sem armas de fogo.

Sem tecnologia.

Apenas ódio.

Um soco direto no rosto.

Marcus absorveu parcialmente. A dor explodiu na lateral do maxilar. Sangue no gosto.

Ele respondeu com uma cotovelada curta na têmpora.

O segundo tentou agarrar sua perna.

Marcus caiu parcialmente.

Ele usou o impulso para puxar o agressor junto, girou no chão e aplicou chave de braço improvisada.

O osso cedeu.

O homem urrou.

Mas agora estavam cercados.

O pátio inteiro observava.

Guardas nas torres não intervinham.

Ainda.

— Quantos faltam? — perguntou Marcus.

— Já parei de contar. — respondeu Titus.

Um homem maior avançou contra Titus com pedaço de tubo metálico.

Golpe descendente.

Titus ergueu o antebraço para desviar o ataque.

O impacto vibrou pelo osso.

Ele deslizou lateralmente e acertou o joelho do agressor com chute lateral preciso.

O homem caiu de joelhos.

Ele finalizou com um soco no queixo que deslocou o maxilar do atacante.

Outro pulou sobre Marcus pelas costas.

Marcus sentiu o peso.

Um punho fechado bateu contra a lateral de sua cabeça.

Visão turva por um segundo.

Ele agarrou os braços do agressor, girou o corpo violentamente, batendo o agressor contra o chão.

Aproveitou o momento de distração.

Pegou uma lâmina improvisada caída perto dele.

Não para matar.

Para manter distância.

— Última chance. — disse Marcus, a voz firme apesar do sangue no lábio. — Recuem.

Eles não recuaram.

Mais três vieram.

Titus interceptou dois.

Golpes curtos.

Diretos.

Militares.

Mesmo sem armadura, o treinamento permanecia.

Um dos prisioneiros conseguiu cortar o braço de Marcus superficialmente.

O sangue manchou o concreto.

Marcus devolveu o golpe cortando a região do abdômen do agressor.

Sangue banhou sua roupa carcerária.

A violência escalou.

E então — Um alarme curto soou.

Guardas finalmente desceram.

— CHEGA!

Disparos de pulso de contenção atingiram o chão ao redor.

Choque elétrico leve o suficiente para não matar, forte o suficiente para incapacitar.

Os prisioneiros recuaram.

Alguns fingiram ter sido vítimas.

Outros foram arrastados.

Marcus e Titus permaneceram de pé.

Ofegantes.

Feridos.

Mas de pé.

Titus sorriu de lado.

— Por que sempre que a gente tá ganhando eles param a luta? — disse Titus.

Um guarda aproximou-se.

— Vocês provocaram isso. — disse ele, frio.

Titus limpou o sangue em seu rosto com o dorso da mão.

— Claro. — respondeu. — Nós adoramos brigar desarmados e em menor número.

Marcus jogou no chão a lâmina que ainda segurava.

— Eles que começaram. — respondeu. — De novo...

O guarda não respondeu.

Mas os olhos disseram que ele sabia.

Marcus e Titus foram conduzidos de volta ao interior.

Enquanto atravessavam o corredor metálico, Titus soltou um leve riso.

— Pelo menos dessa vez ninguém tentou explodir a gente.

Marcus respirou fundo.

— Ainda temos mais algum tempo para cumprir aqui.

Titus assentiu.

— Então devemos esperar pelo menos mais duas emboscadas essa semana.

— Números conservadores demais. — respondeu Marcus.

As portas da ala se fecharam atrás deles.

Roma murmurava lá fora.

No subsolo, a guerra continuava.

E alguém estava testando até onde eles aguentariam.

CAPÍTULO 16
A DECISÃO DE ROMA AETERNA

A Câmara estava cheia.

Não por curiosidade.

Por antecipação.

Os bancos semicirculares de mármore claro estavam ocupados em quase sua totalidade. Senadores em túnicas brancas com faixas douradas, alguns em uniforme militar cerimonial, outros com dispositivos de dados abertos diante de si.

No centro, o piso polido refletia o símbolo imperial projetado no alto da cúpula.

SPQR.

Mas naquele dia, o símbolo parecia mais frágil.

Lyra Cassian caminhou até o centro.

Sem pressa.

Sem dramatização.

Ela não carregava rolos holográficos.

Não carregava documentos.

Carregava apenas um comunicador militar antigo na mão direita.

O murmúrio da Câmara diminuía à medida que ela se posicionava.

Gaius estava presente.

Uniforme militar impecável.

Medalhas alinhadas.

A cicatriz atravessando o lado direito do rosto como lembrança permanente de guerra.

Varos, ao lado, postura impecável.

Máscara diplomática intacta.

Lyra ergueu o olhar.

— Senhores e senhoras do Senado. — disse ela. — Três semanas atrás, esta Câmara aceitou a narrativa de que Roma havia sido atacada por insurgentes vastarianos.

Alguns assentiram.

Outros evitaram contato visual.

— Hoje, trago algo diferente.

Ela colocou o comunicador no centro do piso.

A luz azul acendeu.

O holograma projetou-se acima dela.

Não grande.

Não teatral.

Claro.

A gravação começou.

— Quem ordenou o ataque? — perguntou Lyra.

O silêncio foi longo.

O homem respirou fundo.

— Não foi Vastara.

Um leve murmúrio percorreu o plenário.

— Eu sei.

— Foi… coordenação interna romana.

O murmúrio cresceu.

— Nomes.

— Senador Varos.

O holograma captava o tremor na voz.

Varos não se moveu.

— E quem autorizou operacionalmente?

Hesitação.

— Gaius Severian Korr.

Agora o plenário explodiu em som.

Gaius permaneceu imóvel.

— Objetivo?

— Criar justificativa para intervenção. Vastara parecer instável. Roma assumir controle. O CENSURADO… seria transferido para "proteção estratégica".

Alguns senadores levantaram-se parcialmente.

— E os guerreiros que nos atacaram?

— Aliados de Tor'Khaan. Querem derrubar Rhae'Zuur. Roma prometeu apoio indireto.

Silêncio.

Pesado.

Irreversível.

A gravação encerrou.

A luz azul apagou-se.

A Câmara estava em caos controlado.

Vozes elevadas.

Pedidos de ordem.

Acusações cruzadas.

Varos foi o primeiro a reagir.

— Isso é forjado. — disse ele, tentando manter o tom diplomático. — Um prisioneiro sob pressão dirá qualquer coisa para sobreviver.

Lyra não ergueu a voz.

— A gravação foi autenticada por três peritos independentes do comitê de integridade tecnológica.

Gaius finalmente deu um passo à frente.

— Isso é uma manipulação política. — disse ele. — Uma tentativa desesperada de salvar um homem que colocou Roma em risco.

Lyra virou-se para ele.

— O senhor deseja negar formalmente que tenha autorizado uma operação clandestina dentro do território romano?

O olhar vivo de Gaius endureceu.

— Eu nego que Roma deva se curvar a chantagens emocionais vindas de um planeta periférico.

Alguns senadores se entreolharam.

Ele não negara diretamente.

Varos deu meio passo em direção à saída lateral.

Discreto.

Mas três senadores veteranos levantaram-se simultaneamente, bloqueando a passagem.

— Onde pensa que vai, Varos? — perguntou um deles.

Guardas da Câmara, até então imóveis, começaram a se posicionar.

Gaius percebeu tarde demais.

— Vocês não entendem. — disse ele. — Se Roma parecer fraca agora, perderemos tudo.

— Roma parece fraca quando trai seus próprios cidadãos. — respondeu Lyra.

O presidente da sessão finalmente ergueu a voz.

— ORDEM!

O eco reverberou na cúpula.

— Diante das evidências apresentadas, esta Câmara autoriza a detenção imediata dos senadores Gaius Severian Korr e Varos sob acusação de conspiração contra a segurança imperial.

Os guardas avançaram.

Gaius não resistiu.

Mas seus olhos buscaram Lyra.

— Você acha que venceu. — disse ele, baixo. — Você só começou outra guerra.

— Não. — respondeu Lyra. — Eu impedi uma.

As algemas foram colocadas.

Varos tentou manter compostura.

Falhou.

Foi conduzido para fora.

O silêncio que se seguiu era diferente.

Não tenso.

Decisivo.

Lyra virou-se novamente para a Câmara.

— Senadores.

Ela respirou.

— Marcus Valerius e Titus Aurelian foram presos sob narrativa construída por aqueles que acabaram de ser detidos.

Alguns assentiram.

Outros ainda digeriam o impacto.

— Vastara não nos atacou. — continuou ela. — Vastara foi usada como instrumento em uma tentativa de intervenção ilegítima.

Ela não elevou o tom.

— Um mundo está sob ultimato. — disse ela. — Se Roma se omitir agora, entregaremos não apenas Vastara. Entregaremos nossa credibilidade como aliados.

Ela ergueu o braço.

— Proponho votação imediata.

O presidente hesitou por apenas um segundo.

Depois assentiu.

— Senadores favoráveis à libertação imediata de Marcus Valerius e Titus Aurelian, e ao reconhecimento de Vastara como aliada formal sob proteção defensiva romana… levantem as mãos.

O silêncio durou três batidas de coração.

Primeiro, poucos braços.

Depois mais.
Depois uma onda.
Fileiras inteiras.
Quase unanimidade.
A gigantesca maioria.
O presidente anunciou:
— Moção aprovada.
O som não foi de celebração.
Foi de decisão histórica.
Roma havia escolhido.
Não como império.
Como aliada.

O vento não entrava no salão do trono.

Mas o frio, sim.

Ele vinha das próprias paredes.

Cristais escuros embutidos na estrutura pulsavam em ritmo irregular. Não era falha térmica. Era instabilidade estrutural do próprio mundo.

No centro do salão, um mapa holográfico projetava Vastara.

Azul.

Vivo.

Intacto.

Ao redor, representantes dos clãs Zuur ocupavam o círculo de pedra cristalizada. Alguns vestiam armaduras completas. Outros apenas seus trajes característicos com mantos de pele branca e azul. Nenhum parecia confortável.

Rhae'Zuur permanecia em pé diante do trono.

Não sentada.

De pé.

A postura rígida demais para alguém que carregava dor constante na perna direita.

— Falta um ciclo lunar. — disse ela.

Não foi grito.

Foi constatação.

Um líder do Clã Vhar'Kuun ergueu-se primeiro. Mais velho. Tatuagens faciais profundas.

— A Árvore respondeu. — disse ele. — Isso é sinal para esperar.

Murmúrios espalharam-se.

Outro representante, jovem, armadura parcialmente verde — marca de antigos aliados de Tor'Khaan — avançou meio passo.

— Esperar é morrer lentamente.

— Atacar Vastara é trair o pacto ancestral. — respondeu uma mulher do Clã Yra'Sehn. — Eles são um mundo irmão.

— Mundo-irmão não compartilha nossa geada! — retrucou o jovem. — Enquanto discutimos, nossas reservas diminuem.

Rhae não interrompia.

Ela observava.

Calculava.

— O Clã Aru'Khaal não marchará. — declarou outro líder, voz firme. — Não lutaremos contra Vastara.

Silêncio.

Aquilo não era discordância.

Era divisão formal.

O jovem de verde inclinou-se levemente.

— Então deixarão outros lutarem por sua sobrevivência?

O salão aqueceu.

Não por temperatura.

Por tensão.

Sae'Rha estava à esquerda de Rhae, mais próxima do que o protocolo exigia.

— O mundo respondeu ao Vashael. — disse ela, finalmente. — A Árvore despertou. Isso significa que há caminho sem guerra.

Alguns assentiram.

Outros evitaram o olhar dela.

Rhae sentiu o peso daquelas palavras.

E por um instante muito breve — hesitou.

Foi quase imperceptível.

Mas Sae'Rha viu.

— Caminho? — retrucou o jovem do clã verde. — Ele disse que levaria décadas!

— Décadas ainda são vida. — respondeu Sae'Rha. — Guerra é morte.

— Guerra é ação! — alguém gritou.

O mapa holográfico de Vastara pulsou sob a luz.

Azul demais.

Vivo demais.

Rhae ergueu a mão.

O salão silenciou.

— O conselho foi ouvido. — disse ela. — Cada clã decidirá seu posicionamento formal até o final do dia.

Não era imposição.

Ainda não.

Mas também não era recuo.

Os representantes começaram a se retirar.

Alguns evitaram o olhar de Rhae.

Outros a encararam com desafio aberto.

O jovem de verde foi o último a sair.

— Se hesitar, Vael'Zuur Khaan… Comandante da Geada — disse ele, baixo — o inverno decidirá por você.

Ele partiu.

O salão esvaziou-se.

Restaram apenas o eco.

E o frio.

O vento ali era real.

Cortante.

A capital estendia-se abaixo, reconstruída às pressas. Torres cristalinas ainda marcadas por cicatrizes do ataque de Tor'Khaan.

Sae'Rha aproximou-se.

— Você está deixando que eles a empurrem para a guerra.

Rhae manteve o olhar fixo no horizonte branco.

— Eu estou mantendo unidade.

— Unidade forçada não é unidade.

Silêncio.

A aurora tremia fraca no céu.

— Vastara não é nossa inimiga. — disse Sae'Rha. — O Aspecto não escolhe tiranos.

Rhae fechou os olhos por um segundo.

— Eu vi a Árvore responder.

A voz dela não era pública agora.

Era quase íntima.

— Eu vi o que nosso mundo poderia ser.

Ela abriu os olhos.

— Mas também vejo nossas reservas diminuindo. Vejo clãs se radicalizando. Vejo crianças nascendo com menos vigor que a geração anterior.

Sae'Rha sentiu o golpe da verdade.

— E se estivermos matando a única chance real de sermos salvos?

Rhae virou-se finalmente para a irmã.

O vento levantou os fios brancos misturados ao cabelo negro.

— E se estivermos apostando a existência do nosso povo em fé?

A pergunta ficou entre elas.

Pesada.

Sae’Rha aproximou-se um passo.

— Vashael não é arma. Ele é a ponte.

— Uma ponte não sustenta um mundo em colapso. — respondeu Rhae.

Mas havia fissura na voz.

Pequena.

Real.

Sae’Rha percebeu.

— Você não acredita nisso completamente.

Rhae não respondeu de imediato.

O olhar dela voltou-se para Vastara projetada em sua memória.

Para o menino que tocara a Árvore.

Para a possibilidade de décadas.

Décadas que talvez o povo Zuur não tivesse.

Quando falou novamente, a hesitação havia sido enterrada.

— Eu não lutarei para ser lembrada como a comandante que hesitou enquanto seu povo congelava.

O vento aumentou.

— Eu farei o que for necessário para que nosso povo continue vivendo.

A voz dela ganhou força.

Não fria.

Incendiada.

— Mesmo que isso signifique a morte de uma civilização irmã.

Silêncio.

Sae’Rha sentiu algo partir dentro de si.

Não respeito.

Não amor.

Mas sua inocência.

Lá embaixo, guerreiros treinavam em formações cada vez mais agressivas.

E, ao longe, alguns clãs já recolhiam seus estandartes.

Zha’Ruun-Khaal não estava unida.

Estava à beira de um colapso.

Mas o gelo não esperava.

O espaço-porto orbital de Roma Aeterna nunca estivera tão silencioso.

Não por ausência de movimento.

Mas por concentração.

A plataforma principal estendia-se como um altar tecnológico diante da vastidão do espaço. Campos gravitacionais estabilizavam dezenas de cruzadores alinhados em formação perfeita além da atmosfera. Fragatas de contenção, transportes legionários, naves de suporte tático.

Não era frota de conquista.

Era muralha defensiva.

Marcus e Titus estavam lado a lado, já sem algemas. Uniformes restaurados. Ferimentos ainda recentes sob o tecido reforçado.

O ar era frio.

Controlado.

Milhares de soldados romanos formavam linhas geométricas ao longo da plataforma. Escudos energéticos acoplados às costas. Estandartes metálicos exibindo o selo imperial:

SENATUS POPULUSQUE ROMANUS

Mas, abaixo dele, um novo lema projetado em holograma:

FOEDUS ANTE IMPERIUM

Aliança antes de Império.

Marcus observou aquilo em silêncio.

Roma estava mudando.

Lucius surgiu no centro da plataforma, escoltado por oficiais de alta patente. Armadura azul e dourada

simplificada — não cerimonial, mas simbólica. O manto não era imperial.

Era marcial.

Ele parou diante dos microprojetores de transmissão galáctica.

O discurso não era apenas para Roma.

Era para todos os sistemas sob sua órbita de influência.

O silêncio foi absoluto quando ele começou.

— Cidadãos de Roma. Aliados. Mundos sob nossa tutela.

A voz ecoou amplificada, firme, controlada.

— Hoje não nos reunimos para anunciar conquista.

Uma pausa calculada.

— Reunimo-nos para anunciar defesa.

A projeção atrás dele exibiu Vastara.

Planícies vivas.

Oceanos.

Cidades reconstruídas.

— Vastara é um mundo soberano. Não é província. Não é colônia. Não é recurso estratégico.

A imagem mudou.

Cenas da reconstrução romana.

Distritos restaurados.

Legionários auxiliando civis.

— Roma não é mais o que foi.

Murmúrios discretos na formação.

Lucius continuou.

— Já fomos Império acima de tudo.

O holograma antigo mudou.

A nova frase voltou a brilhar:

FOEDUS ANTE IMPERIUM

— Agora somos guardiões de alianças.

A câmera focou a frota além da órbita.

Imponente.

Imóvel.

— Um ataque contra Vastara será tratado como ataque contra Roma Aeterna.

A declaração não foi gritante.

Foi cirúrgica.

— Não marcharemos por dominação.

— Marcharemos por equilíbrio.

— Marcharemos porque escolhemos proteger o que reconhecemos como irmão.

A palavra ecoou.

Irmão.

Marcus sentiu o peso.

Lucius ergueu o braço.

— Que a galáxia entenda: Roma entra em uma nova era.

— Não pela espada da imposição.

— Mas pela força da defesa consciente.

Ele virou-se ligeiramente, olhando para a frota.

— Legiões de Defesa de Vastara, preparem-se para deslocamento orbital.

A formação respondeu em uníssono:

— POR ROMA AETERNA!

O som vibrou pela plataforma como trovão controlado.

Titus exalou lentamente.

— Ele sabe discursar. — murmurou.

Marcus manteve o olhar fixo nas naves.

— Ele sabe quando precisa.

Titus olhou de lado.

— Você percebe o que isso significa, certo?

Marcus assentiu.

— Se falharmos… Vastara volta ao que era antes.

Titus sorriu de leve.

— Então não vamos falhar.

No alto, motores de dobra começaram a ativar.

Uma a uma, as naves deslocaram-se para posições de salto.

Marcus sentiu algo diferente ali.

Não era euforia.

Era peso compartilhado.

Lucius aproximou-se deles após encerrar a transmissão.

Sem plateia agora.

— Vocês dois foram oficialmente reintegrados. — disse ele.

— Comandante Titus Varro, você liderará as legiões em solo vastariano.

Titus assentiu.

— General Marcus Valerius…

Lucius sustentou o olhar dele.

— Você liderará a coordenação estratégica com Vastara.

Não título imperial.

Não cargo político.

Responsabilidade.

Marcus inclinou a cabeça.

— Roma escolheu ajudar. — disse Lucius.

— Agora é a nossa vez de retribuir.

Roma estava se movendo.

Não como Império expansionista.

Mas como muralha viva.

Em um mês, Rhae'Zuur pisaria em Vastara.

Mas quando chegasse—

Roma estaria esperando.

E a guerra, finalmente, seria aberta.

CAPÍTULO 17
RETORNO A VASTARA

O fim de tarde em Vastara tinha um tipo de luz que Roma nunca conseguiria replicar mesmo com seu sistema complexo de hologramas.

Dourada.

Orgânica.

Viva.

A casa de Marcus permanecia próxima a floresta, voltada para o vale onde as novas estruturas defensivas começavam a surgir. Torres de vigia discretas. Geradores de escudo camuflados entre árvores. Trilhas reforçadas com placas subterrâneas de contenção.

Nada ostensivo.

Mas nada frágil.

Marcus estava na varanda.

As mãos apoiadas no parapeito de madeira escura.

O vento trazia cheiro de terra úmida — não gelo, não aço.

Terra.

Ao longe, duas naves romanas cruzaram o céu em trajetória descendente, escoltando cargueiros

vastarianos carregados de suprimentos. As insígnias estavam misturadas agora.

Roma e Vastara.

Não como império e província.

Como muralha conjunta.

Marcus observou o movimento aéreo por alguns segundos.

Então desviou o olhar.

No pátio abaixo, Vashael treinava.

Não era mais o garoto que arremessava pedras nas árvores tentando medir a gravidade.

Era preciso.

Golpes curtos.

Sequência limpa.

Base firme.

Respiração controlada.

Marcus reconhecia aquele padrão.

Disciplina romana.

Mas o movimento final — quando Vashael girava o corpo — tinha algo diferente.

Fluidez.

Aspecto contido.

Não ativado.

Mas presente.

Marcus não sabia se aquilo era algo bom.

Ou algo perigoso demais para alguém tão jovem.

O som da porta atrás dele foi leve.

Padameg não anunciou presença.

Ela parou ao lado dele, também olhando o pátio.

Silêncio primeiro.

Não por tensão.

Por escolha.

— Ele está diferente. — disse ela.

— Está. — respondeu Marcus.

Mais uma nave cruzou o céu.

Desta vez vastariana.

Transporte tático leve.

— Você ensinou isso a ele? — perguntou ela.

— Só a base. — respondeu Marcus. — O resto ele absorve sozinho.

Ela observou Vashael executar uma sequência giratória perfeita, finalizando com postura estável demais para a idade que tinha.

— Ele não brinca mais. — disse ela.

Marcus demorou um segundo.

— Eu sei.

O silêncio voltou.

Mas agora carregado.

Padameg apoiou os braços no parapeito também.

— Eu sonhei com aquela montanha de gelo de novo. — disse ela.

Marcus não precisou perguntar qual.

— Eu também.

O vento aumentou levemente.

— Eu devia ter corrido até ele. — disse Marcus.

Ela não olhou para ele.

— Eu devia ter protegido ele melhor.

— Eu escolhi você. — disse Marcus.

— E ele quase morreu.

Não havia acusação na voz dela.

Havia memória.

Marcus fechou os olhos por um segundo.

— Se eu pudesse voltar…

— Não pode. — interrompeu Padameg.

Ela finalmente virou o rosto para ele.

Os olhos não estavam frios.

Estavam firmes.

— Você fez uma escolha impossível. — disse ela. — Eu também faria.

Marcus a encarou.

— Eu hesitei.

— Você calculou. — corrigiu ela. — E o cálculo não saiu como esperávamos.

O som de motores ecoou mais próximo.

Uma nave de transporte pousava na planície ao longe, levantando poeira dourada.

Soldados romanos descarregavam contêineres ao lado de vastarianos.

Misturados.

— Eu não sei se é bom que ele esteja treinando assim. — disse ele.

Padameg seguiu o olhar dele até Vashael.

— Também não sei.

O garoto finalizou outra sequência, suor escorrendo pela têmpora.

Não sorria.

Não reclamava.

Treinava.

— Ele viu coisas demais. — disse Marcus.

— Ele sobreviveu a coisas demais. — respondeu Padameg.

Silêncio.

Mais honesto agora.

— Eu não quero que ele carregue o peso que nós carregamos. — disse Marcus.

— Ele já carrega. — respondeu ela.

O vento trouxe o som distante de martelos.

As defesas estavam sendo montadas.

Geradores sendo alinhados.

Campos de escudo testados.

Vastara se preparava.

— Eu fiquei com raiva de você. — disse Padameg, finalmente.

Marcus não desviou.

— Eu sei.

— Não porque você me escolheu.

Ela respirou fundo.

— Mas porque eu percebi que você ainda acredita que pode controlar tudo sozinho.

A frase ficou no ar.

Marcus absorveu.

— Eu não posso. — disse ele.

— Não.

Ela se aproximou um passo.

— E não precisa.

Silêncio.

Não romântico.

Estrutural.

— Nós falhamos em proteger ele naquele momento. — disse ela. — Mas ele está vivo.

Marcus assentiu lentamente.

— E agora outro mundo quer ele.

— Então nós não podemos falhar entre nós. — completou ela.

O som de treino cessou.

Vashael olhou para a varanda por um instante.

Como se soubesse que estavam falando dele.

Marcus sustentou o olhar do filho.

Depois voltou para Padameg.

— Eu não vou tomar decisões sozinho de novo. — disse ele.

Ela estudou o rosto dele.

Procurando verdade.

Encontrou.

— E eu não vou deixar o medo falar por mim antes de ouvir você. — respondeu.

O silêncio que veio depois não era vazio.

Era reconstrução.

Marcus estendeu a mão.

Não gesto dramático.

Simples.

Padameg segurou.

Como casal apaixonado.

Como aliados.

Como líderes.

Como pais.

Outra nave cruzou o céu.

Desta vez de combate.

Escolta pesada.

A guerra não estava distante.

Estava chegando.

— Um mês. — disse Marcus.

— Um mês. — confirmou Padameg.

Vashael retomou o treino.

Mas agora olhava para o horizonte entre um golpe e outro.

Como se sentisse algo se aproximando.

Marcus apertou levemente a mão de Padameg.

— Nós vamos proteger ele.

— Nós vamos proteger Vastara.

— E se for preciso escolher de novo?

Ela sustentou o olhar.

— Dessa vez escolhemos juntos.

O sol começou a descer atrás das colinas.

As sombras alongaram-se sobre o vale.

E pela primeira vez desde Zha'Ruun-Khaal, o peso entre eles diminuiu.

Não porque a guerra havia acabado.

Mas porque estavam novamente alinhados.

A escolha estava feita.

Não pela vitória.

Mas pela proteção.

E quando Rhae'Zuur chegasse — Não encontraria uma família dividida.

Encontraria uma muralha.

Na primeira semana o vale começou a mudar antes mesmo que as pessoas percebessem.

Não houve decreto.

Não houve toque de recolher.

Houve movimento.

Nas cidades costeiras, pescadores passaram a organizar turnos de vigília noturna. Lanternas de bioluminescência foram posicionadas não apenas para navegação, mas para sinalização aérea.

Nos planaltos centrais, caravanas que antes transportavam grãos passaram a transportar aço.

Roma enviava contêineres padronizados. Vastara respondia com madeira viva, cristais orgânicos e resinas energéticas.

No segundo dia da semana, as primeiras plataformas antiaéreas romanas começaram a ser instaladas.

Não eram torres agressivas.

Eram estruturas modulares, de metal claro, com núcleo gravitacional interno e trilhos de disparo de alta precisão. Foram posicionadas nas Dunas Sagradas de Ashael, parcialmente enterradas sob a areia dourada.

O curioso não foi a instalação.

Foi a reação.

Os grandes lagartos de areia não atacaram.

Circularam.

Observando.

Depois afastaram-se.

Como se reconhecessem a intenção.

Korr'Mak assumiu a organização da guarda junto a Titus sem precisar ser nomeada.

Eles caminhavam entre os homens e mulheres com postura firme, cicatrizes expostas, voz firme.

Korr’Mak se aproximou de um grupo de soldados vastarianos em treinamento.

— Formação não é prisão. — dizia ela. — É fluídez.

Treinos começavam ao amanhecer.

Não para criar soldados.

Mas para criar resposta coordenada.

Escudos vastarianos foram reforçados com placas romanas. Lâminas tradicionais passaram a integrar núcleos de energia importados.

Não substituição.

Integração.

Ferrum Rex e Sael’Thir supervisionavam os arsenais.

O antigo forjador agora trabalhava lado a lado com engenheiros romanos.

Faíscas saltavam sob dois estilos de martelo diferentes.

— Vocês gostam de simetria demais. — disse ele a um técnico romano.

— E vocês gostam de confiar demais na improvisação. — respondeu o outro.

No fim do dia, as armas produzidas não eram romanas.

Nem vastarianas.

Eram híbridas.

Mais leves.

Mais estáveis.

Capazes de cortar blindagens como papel.

Sael’Thir também coordenava comunicações.

Redes vastarianas orgânicas foram conectadas aos satélites romanos.

Pela primeira vez, Vastara tinha cobertura orbital completa.

Não invasiva.

Protetiva.

Nas copas da Floresta Viva, sensores foram instalados discretamente entre as árvores.

E as árvores não rejeitaram.

As raízes vibraram.

Mas não se retraíram.

Aceitação silenciosa.

Na segunda semana as cidades começaram a mudar o comportamento.

Praças se transformaram em pontos de distribuição de mantimentos estratégicos.

Crianças eram ensinadas a identificar alarmes sonoros.

Mulheres e homens comuns treinavam evacuação ordenada.

Não havia pânico.

Havia consciência.

Nas Montanhas de Eryon, baterias antiaéreas foram posicionadas entre rochas naturais. Camuflagem perfeita.

Thaal'Riin gigantes pousaram nas estruturas metálicas.

Não atacaram.

Permaneceram.

Como sentinelas adicionais.

No mar, plataformas flutuantes romanas foram ancoradas junto a embarcações vastarianas.

Pela primeira vez, navios dos dois mundos treinavam formações conjuntas.

Naves romanas e vastarianas começaram exercícios de manobra orbital coordenada.

Formações em espiral.

Cobertura cruzada.

Simulações de bloqueio.

Marcus observava muitos desses treinos à distância.

Não interferia em tudo.

Aprendia a delegar.

Na terceira semana o apoio deixou de ser silencioso.

Passou a ser público.

Cidadãos começaram a deixar símbolos nas portas.

Não bandeiras de guerra.

Mas marcas de compromisso.

Em uma cidade do interior, um grupo de agricultores aproximou-se de Padameg.

— Nós não podemos lutar como vocês. — disse um deles.

— Mas podemos sustentar quem luta.

Padameg assentiu.

Vastara amadurecia.

Não como planeta inocente.

Mas como planeta consciente.

Ferrum Rex apresentou as primeiras lanças adaptadas.

Korr'Mak e Titus organizaram pelotões mistos — romanos e vastarianos.

Não havia segregação.

Havia estratégia.

— Vastara não pode mais ser apenas um mundo sem ordem. — disse Sael'Thir em uma reunião estratégica. — Precisa ser um mundo organizado.

A frase ficou.

Ecoando.

Marcus ouviu.

E não contestou.

Na quarta semana as defesas já não pareciam improviso.

Pareciam doutrina.

Linhas de contenção invisíveis cercavam as principais cidades.

Geradores de escudo foram posicionados nos planaltos.

Campos de interferência limitados foram instalados no litoral.

As Dunas de Ashael agora abrigavam três plataformas antiaéreas completas.

E os lagartos de areia continuavam circulando.

Mas agora em padrões coordenados.

Como se também estivessem patrulhando.

No céu, exercícios conjuntos tornaram-se mais agressivos.

Simulações de invasão.

Simulações de retirada estratégica.

Simulações de contenção.

Roma e Vastara não estavam mais apenas cooperando.

Estavam aprendendo a operar como uma única força.

E em meio a Floresta Viva, perto da casa de Marcus, a paisagem parecia a mesma.

Verde.

Dourada.

Viva.

Mas agora sob ela havia redes de vigilância.

Estratégias.

Respostas planejadas.

Vashael continuava treinando.

Padameg supervisionava logística.

Marcus alternava entre conselhos estratégicos e silêncio contemplativo.

O tempo passou.

Não como contagem regressiva.

Como preparação.

E quando o último dia da quarta semana terminou, Vastara já não era apenas um mundo livre.

Era um mundo organizado.

Consciente.

Alinhado.

E pronto.

A reunião estratégica havia terminado há poucos minutos.

Mapas holográficos ainda pairavam parcialmente dissolvidos no ar. Linhas de contenção orbital. Posições das baterias antiaéreas. Rotas de evacuação.

A sala esvaziava-se.

Marcus permanecia diante da projeção da órbita de Vastara.

Sael'Thir não saiu.

Ele esperou o silêncio consolidar-se.

— Há algo que preciso dizer. — disse ele.

Marcus não se virou imediatamente.

— Se for sobre redistribuição de energia nos planaltos, podemos ajustar…

— Não é sobre isso. — interrompeu Sael'Thir.

Marcus finalmente voltou o olhar para ele.

O conselheiro vastariano estava mais cansado do que demonstrava nas reuniões. Havia uma serenidade estranha ali. Não derrota. Aceitação.

— Não sei se estarei vivo quando isso terminar. — disse Sael'Thir.

Marcus franziu levemente o cenho.

— Você estará. — respondeu firme. — Não estamos nos preparando para morrer. Estamos nos preparando para vencer.

Sael'Thir sorriu de leve.

— Sempre admirei sua convicção.

Ele aproximou-se da janela aberta para a Floresta Viva.

O vento movimentava as folhas com um som baixo e constante.

— Vastara mudou, Marcus. — disse ele. — Não apenas em defesa. Em consciência.

Marcus seguiu o olhar dele para o vale.

Torres discretas.

Pelotões mistos.

Naves em manobra conjunta.

— Nós amadurecemos rápido demais. — disse Marcus.

— Crescemos sob pressão. — corrigiu Sael'Thir.

Silêncio breve.

— Você ouviu o que eu disse na semana passada. — continuou ele. — Vastara não pode mais ser apenas um mundo sem ordem.

Marcus assentiu.

— Precisa ser um mundo organizado. — repetiu.

Sael'Thir virou-se completamente agora.

— Não apenas organizado militarmente.

Ele respirou fundo.

— Politicamente.

Marcus não respondeu.

— O que aconteceu com Roma nos ensinou algo. — continuou Sael'Thir. — O poder sem questionamento apodrece. Mas o poder sem direção fragmenta.

Ele caminhou alguns passos.

— Vastara precisa de algo novo. Um sistema que una tradição e escolha. Força e legitimidade.

Marcus já entendia onde aquilo estava indo.

— Algo como?

— Uma Democracia-monárquica. — respondeu, baixo.

Sael'Thir olhou diretamente para Marcus.

— Um conselho eleito. Representantes das cidades, dos planaltos, das florestas, das Dunas Sagradas.

— E um monarca.

— Não absoluto. — disse Sael'Thir. — Simbólico e estratégico. Guardião do equilíbrio. Voto final apenas em impasses críticos.

Marcus cruzou os braços.

— Você já pensou bem nisso.

— Não sou o único.

Silêncio.

— Muitos já escolheram. — disse Sael'Thir.

Marcus manteve o olhar firme.

— Escolheram o que?

Sael'Thir não desviou.

— Seu Rei e sua Rainha.

O vento pareceu mais audível naquele instante.

Marcus olhou novamente para o vale.

Para Vashael treinando.

Para as defesas sendo erguidas.

— Eu não lutei para substituir um Imperador por outro. — disse ele.

— Nem eu. — respondeu Sael'Thir. — Por isso não estou falando de império.

Ele aproximou-se um passo.

— Estou falando de responsabilidade.

— Você acha que eu quero governar?

— Eu acho que você já governa. — disse Sael'Thir. — Só ainda não aceitou o nome disso.

Marcus ficou em silêncio.

— Pense com carinho na possibilidade. — continuou Sael'Thir. — Se sobrevivermos, Vastara precisará de estabilidade. Não apenas heróis de guerra.

Marcus respirou fundo.

— E se eu recusar?

Sael'Thir sorriu levemente.

— Então o povo encontrará outro. Mas perderá alguém que já confia.

O silêncio que seguiu não era desconfortável.

Era peso.

— Primeiro sobrevivemos e depois pensamos nisso. — disse Marcus.

— Primeiro sobrevivemos. — concordou Sael'Thir.

Ele caminhou até a porta.

— Mas o futuro começa antes da última batalha.

A porta se fechou suavemente.

Marcus permaneceu sozinho diante da vista de Vastara.

E pela primeira vez, a ideia não lhe pareceu absurda.

Apenas inevitável.

CAPÍTULO 18
A GUERRA COMEÇA NO ESPAÇO

A manhã floresceu mais fria do que o habitual.

Nas Montanhas de Eryon, além das rotas comuns de patrulha, uma instalação subterrânea havia sido preparada.

Não romana.

Não vastariana tradicional.

Híbrida.

Entrada camuflada sob rocha natural.

Geradores de escudo enterrados profundamente.

Sensores orgânicos conectados às raízes da montanha.

Korr'Mak estava presente.

Titus também.

Padameg não falava.

Vashael observava tudo.

— Este é o ponto mais protegido do hemisfério. — disse Titus. — Escudo interno triplo. Camada orbital dedicada. Rota de evacuação subterrânea.

Marcus olhou para o filho.

— Você ficará aqui quando a frota surgir. Estes legionários vão te proteger.

Um grupo de legionários bateu no peito em gesto de saudação.

Vashael apenas assentiu.

Sem questionar.

Isso doeu mais do que qualquer discussão teria doído.

Sael'Thir posicionou a mão sobre a rocha da entrada.

— A montanha aceitou sua presença. — disse ele.

As raízes vibraram levemente sob a superfície.

E então — no alto da atmosfera — Um alerta silencioso surgiu nos painéis orbitais.

Primeiro como distorção.

Depois como leitura clara.

Dobra espacial detectada.

Não dentro do sistema.

Próxima à borda.

Mas vindo na direção certa.

Satélites romanos ajustaram foco.

Projeções ampliaram-se.

Assinaturas energéticas vastarianas reconheceram o padrão.

Frota.

Numerosa.

Organizada.

Determinada.

Um alarme soou no comunicador de Marcus.

Marcus olhou para os presentes na sala.

Não com surpresa.

Mas com confirmação.

— Eles chegaram. — disse ele.

E Vastara, finalmente organizada, deixou de esperar.

A guerra estava prestes a começar.

O primeiro rasgo no espaço não foi explosivo.

Foi silencioso.

Uma distorção negra alongando-se na borda externa do sistema, como se o próprio tecido da realidade estivesse sendo puxado por mãos invisíveis.

Os sensores romanos detectaram antes que os olhos pudessem ver.

— Assinatura confirmada. Frota Zuur. — informou o oficial na central orbital.

A distorção se abriu.

E as primeiras naves emergiram.

Não em linha.

Não em desfile.

Fragmentadas.

Como estilhaços lançados por uma explosão controlada.

Cruisers de casco cor de bronze com detalhes tribais em verde e vermelho esculpidos. Corvetas angulares com emissões térmicas laterais pulsando em azul intenso. Plataformas de assalto menores já dispersando-se em vetores múltiplos.

Força bruta.

Sem cerimônia.

A frota romana já aguardava.

Formação de contenção em arco triplo ao redor da órbita alta. Fragatas posicionadas em pontos de interceptação. Cruzadores pesados atrás, protegendo a camada interna onde as naves vastarianas aguardavam.

Lucius estava na ponte do *Aquila Aeterna*.

Uniforme impecável.

Postura imóvel.

— Formação Scutum. — ordenou ele. — Linha externa absorve. Linha interna retém. Vastarianos, vetores cruzados conforme simulação quatro.

As naves vastarianas responderam imediatamente.

Menores.

Mais ágeis.

Casco orgânico reforçado com placas romanas.

A guerra começou sem discurso.

O primeiro disparo veio de uma bateria Zuur.

Um feixe concentrado de lúmen azul rasgou o vazio e atingiu a linha externa romana.

O escudo do cruzador absorveu o impacto.

Vibração intensa.

Mas não colapsou.

Roma respondeu.

Canhões de trilho dispararam projéteis de massa compactada.

Feixes energéticos dourados cruzaram o espaço.

A órbita de Vastara transformou-se em tempestade.

Explosões silenciosas.

Fragmentos incandescentes.

Naves desviando em vetores impossíveis.

As Zuur não mantinham formação rígida.

Elas avançavam como predadores dispersos.

Uma corveta vastariana foi atingida na lateral.

O casco orgânico rasgou-se.

Mas a nave não explodiu.

Girou sobre o próprio eixo e lançou contramedidas.

— Flanco oeste pressionado! — soou na central romana.

— Avancem ala secundária! — respondeu Lucius.

Fragatas romanas mergulharam na lacuna criada pelas Zuur.

Manobra de tesoura orbital.

Duas naves inimigas foram partidas ao meio por disparos coordenados.

Mas as Zuur não recuaram.

Uma formação menor atravessou o campo de fogo direto.

Sacrifício deliberado.

Enquanto Roma concentrava energia na ala oeste, um segundo grupo emergiu da dobra residual em vetor inferior.

— Eles estão usando a própria distorção como cobertura! — alertou Sael'Thir na central vastariana em solo.

— Redirecionem baterias três e quatro! — ordenou Titus na estação de comando terrestre.

Canhões antiaéreos instalados nas Dunas de Ashael dispararam para cima.

Feixes de energia atravessaram a atmosfera superior.

Uma nave Zuur foi atingida.

Explodiu em fragmentos que queimaram ao entrar na atmosfera.

Mas outras continuaram.

A força bruta começou a pressionar.

Um cruzador romano recebeu três impactos simultâneos.

escudo cedeu parcialmente.

O casco foi rasgado.

— Recuem unidade sete! — ordenou Lucius.

— Negativo. Mantendo posição. — respondeu o capitão da unidade. — Foi uma honra lutar ao lado dos senhores.

A nave romana abriu fogo em sobrecarga.

Levou duas Zuur consigo antes de implodir.

Silêncio breve na comunicação.

Não houve lamento.

Houve ajuste tático.

As vastarianas começaram a executar manobra espiral coordenada.

Naves menores atraindo fogo.

Romanas disparando em sincronia por trás.

Funcionou.

O avanço principal Zuur desacelerou.

Mas então surgiu.

Maior.

Mais espessa.

Casco blindado com ainda mais pinturas tribais.

Veios internos pulsando em azul profundo.

A nave de comando.

A nave de Rhae'Zuur.

Ela não vinha na linha frontal.

Ela esperou.

E então acelerou.

Direto para a camada média da órbita.

— Interceptação imediata! — ordenou Lucius.

Duas fragatas romanas cruzaram o vetor.

Dispararam em sequência.

Os feixes atingiram o casco.

O escudo da nave Zuur cintilou — diferente.

Mais denso.

Orgânico.

Resistiu.

E respondeu.

Um pulso concentrado saiu da lateral da nave de Rhae.

Uma das fragatas foi cortada em dois segmentos perfeitamente separados.

A segunda tentou recuar.

Tarde demais.

Explosão.

A formação romana abriu uma brecha involuntária.

— Ela está forçando o rompimento! — gritou o oficial tático.

Lucius não gritou.

— Linha interna, compressão máxima. Vastarianos, vetores delta.

As naves vastarianas mergulharam agressivamente.

Três delas atingiram a lateral da nave de Rhae com disparos coordenados.

O casco rachou superficialmente.

Mas a nave continuou.

Outras cinco Zuur seguiram atrás dela. Unidades de assalto.

O bloqueio orbital começava a ceder.

— Não conseguimos fechar o corredor a tempo! — relatou a central.

Lucius observou os vetores.

Cálculo frio.

— Prioridade não é impedir todas. — disse ele. — É reduzir o máximo possível antes da entrada atmosférica.

Mais disparos.

Mais explosões.

Duas das cinco Zuur acompanhantes foram destruídas.

Três romperam.

E a nave principal mergulhou na atmosfera.

As camadas superiores de Vastara iluminaram-se com o atrito.

Rastros azuis cortaram o céu.

Nas Dunas Sagradas de Ashael, os geradores vibraram.

As plataformas antiaéreas ajustaram mira.

Lagartos de areia recuaram para as dunas mais altas.

No solo, Marcus observava o céu rasgar-se em fogo.

A guerra não estava mais no espaço.

Ela estava descendo.

— Preparem as linhas de defesa terrestres. — disse ele.

Na órbita, Roma continuava lutando.

Mas agora não era mais sobre bloqueio total.

Era sobre contenção.

A nave de Rhae'Zuur atravessou as nuvens superiores como um meteoro controlado.

Direção confirmada.

Dunas Sagradas.

E pela primeira vez desde que a frota surgira, a guerra deixou de ser uma possibilidade.

Tornou-se inevitável no solo.

A entrada atmosférica não foi silenciosa.

Foi uma chuva de fogo azul.

Fragmentos Zuur cortavam o céu como lâminas incandescentes. Algumas naves foram interceptadas ainda na alta atmosfera — atingidas por feixes coordenados das plataformas romanas instaladas nas Dunas de Ashael.

Outras atravessaram.

E pousaram com violência.

A primeira nave de assalto Zuur atingiu o porto próximo ao mar.

Não caiu.

Cravou-se nas plataformas de cristal como um arpão colossal, abrindo vapor e ondas que arremessaram embarcações vastarianas para longe.

Portas laterais se abriram antes mesmo de estabilizar.

Guerreiros Zuur saltaram direto nas plataformas, armaduras pesadas, machados de lâmina curva pulsando em azul, verde e vermelho.

Navios vastarianos já aguardavam.

Não isolados.

Formação conjunta.

Romanos posicionados nas proas.

Vastarianos nas laterais.

— Lançar rede eletromagnética! — gritou um centurião.

A plataforma de cristal iluminou-se.

Diversos Zuur foram imobilizados instantaneamente.

Mas outros avançaram.

Força bruta.

Um guerreiro Zuur partiu o mastro de uma embarcação atracada no porto com um único golpe.

Um vastariano mergulhou por baixo da água, emergiu atrás dele e cravou lâmina energizada na junção da armadura.

Coordenação improvisada.

Mas efetiva.

Na copa das árvores, cápsulas de desembarque Zuur romperam os galhos como meteoros.

O impacto abriu crateras na terra viva.

As árvores não recuaram.

As raízes se contraíram.

Guerreiros Zuur emergiram rugindo.

E encontraram vastarianos já posicionados entre as sombras.

Não marchavam.

Deslizavam.

Um legionário romano avançou com escudo frontal.

Dois vastarianos davam apoio pelos flancos simultaneamente.

Um Zuur tentou esmagar o escudo com uma machadada descendente.

O escudo romano absorveu.

Um dos vastarianos girou por trás e atingiu o ponto de junção da armadura.

Sem comando imperial.

Sem hierarquia rígida.

Instinto compartilhado.

Nas encostas altas das Montanhas de Eryon, uma nave menor pousou com brutalidade controlada.

Portas abriram.

Os Zuur desceram em formação fechada.

Marchando.

Coordenados.

Baterias romanas posicionadas entre rochas naturais abriram fogo.

Diversos caíram.

O restante continuou.

Sem dispersão.

— Eles não quebram a formação. — murmurou Korr'Mak.

— Então vamos força-los a quebrar. — respondeu Titus.

Pelotões mistos avançaram.

Romanos à frente.

Vastarianos nas laterais.

Choque direto.

A primeira colisão ecoou como trovão.

Lâmina contra escudo.

Machado contra gladius de luz.

Faíscas contra pedra.

Nos arredores de Nova Vastara a batalha assumiu outro ritmo.

Organizado.

Deliberado.

Uma nave Zuur pousou além das construções.

Portas se abriram lentamente.

E eles saíram marchando.

Não correndo.

Marchando.

Armaduras de bronze com marcas tribais em verde e vermelho.

E então começou.

O som.

Grave.

Profundo.

Vibrante.

Canto gutural.

Não melodia.

Ressonância.

Do fundo do peito.

Um som que parecia vir da própria terra.

"HHHOOOOOOOO—"

O ritmo aumentou.

E então os gritos.

"HU! … HU! … HU!"

Sincronizados com passos.

HU!

Passo.

HU!

Passo.

HU!

A areia vibrava sob a cadência.

Do outro lado da planície, as linhas romanas e vastarianas formavam-se.

Escudos erguidos.

Flâmulas híbridas tremulando — símbolo romano ao lado do selo vastariano.

Um centurião ergueu sua gladius.

— Linha firme!

Os legionários bateram gladius contra escudo soltando faíscas.

CLANG.

Os vastarianos imitaram.

CLANG.

Ritmo diferente.

Mas crescente.

CLANG.

CLANG.

CLANG.

O som metálico começou a competir com o canto gutural.

Os Zuur aceleraram.

“HU! HU! HU!”

A resposta veio.

Gladius romanas batendo nos escudos.

Vastarianos gritando nomes ancestrais.

A colisão foi brutal.

Escudo romano absorvendo impacto inicial.

Vastarianos deslizando lateralmente e atacando articulações.

Um Zuur partiu o escudo de um legionário.

Outro legionário entrou no lugar imediatamente.

Sem ordem imperial.

Sem superioridade.

Lado a lado.

Um vastariano caiu.

Um romano o puxou para trás.

Outro ocupou o espaço.

O canto Zuur continuava mesmo enquanto lutavam.

Grave.

Implacável.

Mas agora misturado ao som de metal batendo contra metal, lúmen contra lúmen.

Sangue manchando a areia dourada.

Nova Vastara não recuou.

Pela primeira vez, Roma e Vastara lutavam não como dominador e protegido.

Mas como muralha conjunta.

A guerra não era localizada.

Era planetária.

Em todos os pontos onde Zuur pousaram, encontraram resistência.

Não improvisada.

Não caótica.

Organizada.

Mas brutal.

E no horizonte distante das Dunas Sagradas, uma sombra maior atravessava as nuvens baixas.

A nave de Rhae'Zuur.

Descendo.

O verdadeiro centro da guerra ainda não havia tocado o solo.

Mas o mundo já estava sangrando.

CAPÍTULO 19
O PRESSÁGIO

A poeira já não era dourada.

Era vermelha.

Misturada com sangue, metal vaporizado e o brilho residual de energia descarregada.

A linha de frente próxima à periferia de Nova Vastara havia sido quebrada duas vezes — e se reorganizado duas vezes.

Marcus estava no centro da linha de frente.

A armadura híbrida refletia luz azul e dourada sob o céu queimado. Placas romanas reforçadas com padrões vastarianos orgânicos. A gladius de luz dourada ativa. O escudo projetado no antebraço vibrando a cada impacto.

Um guerreiro Zuur avançou com machado duplo.

Golpe descendente.

Marcus ergueu o escudo.

O impacto fez o campo vibrar violentamente, rachaduras temporárias de energia percorrendo sua superfície.

Ele girou o corpo imediatamente.

Gladius cruzando em arco curto.

Corte na região da costela do inimigo.

O Zuur não caiu.

Rugiu.

Tentou agarrá-lo pelo ombro.

Marcus recuou meio passo e cravou a lâmina no ponto centro do tórax da armadura azulada.

Agora caiu.

Sem celebração.

Sem pausa.

Outro já vinha.

Mas antes que alcançasse Marcus — Um vulto atravessou o campo de visão.

Padameg.

A roupa leve movia-se como extensão do próprio vento do deserto. Tecidos claros e soltos, faixas ajustadas nas pernas, joelheiras com cristais embutidos. Sua adaga de lâmina curva azulada em mãos.

Ela não colidiu com o inimigo.

Ela contornou.

Deslizou pela lateral do guerreiro Zuur, quase tocando o solo, girou e cortou a parte posterior da perna blindada.

O Zuur perdeu o equilíbrio.

Marcus finalizou.

Coordenação.

Sem palavras.

Sem comando.

Um disparo de energia rasgou o ar.

Marcus puxou Padameg pela cintura no último segundo.

O feixe explodiu atrás deles.

— Flanco esquerdo! — gritou um legionário.

Padameg já estava correndo.

Ela subiu por uma estrutura semi-colapsada com dois passos rápidos, saltou sobre um Zuur e desceu atrás dele.

Lâmina curta atravessando a junta do pescoço.

Ainda não usava o Aspecto.

Ainda não.

Mas havia algo nos movimentos.

Mais rápidos do que deveriam ser.

Mais precisos do que qualquer treino justificaria.

Marcus viu três Zuur avançando em formação fechada.

Desta vez ele não esperou.

Ativou o impulso no escudo.

O campo expandiu em pulso curto.

Não explosivo.

Mas suficiente para quebrar o ritmo da marcha dos inimigos.

Ele entrou no espaço criado.

Gladius girando em padrão romano clássico.

Um corte horizontal.

Outro vertical.

Padameg apareceu pelo flanco direito.

Dois golpes curtos.

Um giro.

Uma joelhada direta na articulação traseira dos joelhos.

Um deles caiu.

O último tentou recuar.

Marcus se lançou com velocidade brutal com a gladius em mãos como um espeto.

Impacto direto no peito.

Explosão de sangue banhando a areia.

Derrubado.

Silêncio por três segundos.

Depois mais passos.

Mais Zuur.

— Está ficando repetitivo. — murmurou Padameg.

Marcus quase sorriu.

— Eu disse que ainda teríamos bastante tempo para ficarmos juntos hoje.

Ela olhou para o horizonte.

Algo mudou.

Não no campo.

No ar.

Uma vibração diferente.

Não física.

Mais profunda.

Ela sentiu primeiro.

Depois Marcus também.

O chão sob as Dunas Sagradas tremeu de maneira diferente.

Não explosão.

Não impacto.

Chamado.

Padameg ergueu o rosto.

— Ela está aqui.

Marcus já sabia.

No céu distante, além da periferia urbana, uma nave maior cortava o horizonte em direção às Dunas de Ashael.

— Precisamos ir. — disse ele.

Padameg assentiu.

Sem hesitar.

Eles recuaram coordenadamente, legionários cobrindo sua retirada.

Um transporte tático romano já aguardava em vetor baixo.

Marcus ativou o comunicador.

— Korr'Mak, assumam aqui. Ela está indo para as Dunas.

— Entendido.

Marcus e Padameg subiram na nave.

Sentiam que o momento da batalha final chegava.

A nave de Rhae não pousou suavemente.

Ela esmagou a areia.

O impacto lançou ondas douradas em todas as direções.

Plataformas antiaéreas dispararam.

Dois feixes atingiram o casco.

O escudo orgânico pulsou — verde profundo com veios azulados.

Resistiu.

Dois feixes azuis saíram da nave e explodiram as plataformas antiaéreas.

Só então a portas abriram-se.

Guerreiros Zuur saltaram primeiro.

Mas não avançaram.

Formaram perímetro.

Porque sabiam que não deveriam interferir.

Quando ela desceu, o vento mudou.

Rhae'Zuur pisou na areia.

Armadura azul-escura, detalhes dourados intricados. Suas tatuagens tribais sobre o rosto pareciam vibrar. A enorme capa de peles movendo-se como criatura viva.

O machado repousava na mão direita.

Ela fechou os olhos.

Não imediatamente.

Primeiro respirou.

Sentiu a areia.

Sentiu o eco distante de Vastara.

Sentiu…

Ele.

Vashael.

A dor cruzou sua perna por um segundo.

Depois desapareceu.

Ela fincou a lâmina do machado na areia.

E começou.

A mesma cadência.

O mesmo ritual.

Mas mais profundo.

Palavras antigas na língua nativa Zuur ecoaram pelo deserto.

Graves.

Vibrantes.

"Vael'Zuur… Thraak'Nhaal… Khaan'Velath…"

O vento começou a girar ao redor dela.

A areia elevou-se em espiral.

Visões atravessaram sua mente.

Zha'Ruun-Khaal quebrando.

Céus rachados.

Crianças Zuur congelando sob tempestades eternas.

Sae'Rha chorando.

Vashael sorrindo.

Duas civilizações.

Uma escolha.

Ela abriu os olhos.

— ***VAEL'ZUUR KHAAN.*** — gritou.

O nome do Aspecto Incompleto reverberou como trovão.

O céu escureceu.

Relâmpagos azulados começaram a rasgar as nuvens acima das Dunas.

O corpo dela transformou-se.

Não mais contenção.

Não mais disciplina.

A energia percorreu a pele como veias de luz.

Os olhos tornaram-se completamente luminescentes. Um verde e outro completamente branco.

Mechas prateadas brilhantes tomaram parte de seu cabelo negro.

A aura expandiu-se em ondas visíveis de azul e verde.

A areia ao redor vitrificou.

O ar estalava.

O machado cresceu em brilho.

Não apenas energia.

Fúria.

Determinada.

Sem restrição.

Os guerreiros Zuur afastaram-se instintivamente.

O ambiente reagiu.

As plataformas romanas vibraram.

Os geradores de escudo da nave falharam por um segundo.

Ainda a quilômetros de distância, Marcus sentiu como se o próprio peito tivesse sido atravessado por uma descarga elétrica.

Padameg segurou o console.

— Ela não está mais se segurando.

Marcus olhou para as Dunas.

O céu acima delas pulsava em azul.

— Então nós também não podemos.

A nave acelerou.

A guerra deixava de ser entre exércitos.

E tornava-se entre Aspectos.

A instalação nas Montanhas de Eryon permanecia intacta.

Escudos ativos.

Portas seladas.

Sinais vitais monitorados.

A guerra rugia do lado de fora — mas ali dentro tudo era controle.

Vashael estava parado diante do painel orbital.

As imagens se alternavam:

Explosões no mar.

Marchas nas planícies.

Relâmpagos azuis sobre as Dunas.

Então veio o impacto invisível.

Não um som.

Uma pressão.

Algo atravessou o ar e se instalou dentro do peito dele.

Ele levou a mão ao tórax.

Respiração falhou por meio segundo.

Os olhos perderam foco.

E ele viu.

Areia.

Redemoinho.

Um relâmpago azul rasgando o céu.

E Sae'Rha.

Correndo.

Sozinha.

Um grito abafado pelo vento.

A imagem se quebrou.

Ele abriu os olhos.

O painel continuava exibindo dados técnicos.

Mas agora ele sabia.

— Ela está em perigo. — disse.

Um legionário romano virou-se.

— Jovem Valerius, você deve permanecer—

Vashael não olhou para ele.

— Ela vai morrer se eu ficar aqui.

O legionário aproximou-se.

— Essa instalação foi preparada para sua segurança. Seu pai ordenou—

Vashael finalmente virou o rosto.

Não havia medo ali.

Havia decisão.

— Meu pai me ensinou a proteger quem eu amo. Não a me esconder atrás de paredes.

O silêncio que seguiu foi pesado.

O Aspecto dentro dele vibrou.

Explodiu.

Rompeu controles.

Derrubou os legionários presentes naquela sala.

As luzes da sala oscilaram brevemente.

Portas de doca lateral destravaram.

Alarmes secundários piscaram.

— Interferência energética detectada — alarmou o sistema.

Vashael já estava se movendo.

Corredor metálico.

Passos rápidos.

O som distante da guerra ecoando pela rocha.

A nave de transporte leve aguardava no compartimento lateral.

Modelo romano.

Ágil.

Ele subiu a rampa antes que alguém voltasse a consciência.

Vashael sentou-se na cadeira de comando.

As mãos pousaram nos controles com naturalidade.

Ele lembrava.

Do simulador.

Do comentário casual para seu pai na visita as Dunas.

"Eu já sei pilotar."

Não era bravata.

Era verdade.

— Desculpem. — disse, sem raiva. — Eu preciso ir.

Ele ativou os motores.

A nave ergueu-se com impulso controlado.

Portas externas abriram-se.

O céu de Vastara explodia em rastros de fogo.

Ele mergulhou na batalha.

A periferia das Dunas era caos.

Não na linha de frente.

Mas no que sobrava dela.

Sae'Rha havia se afastado da escolta Zuur que Rhae'Zuur havia designado para lutar ao lado dela.

Em Zha'Ruun-Khaal todos que haviam sido provados em batalha deveriam lutar.

Havia se afastado não por desobediência.

Por impulso.

Ela sentira a irmã ativar o Aspecto.

Sentira o rasgo no mundo.

E queria vê-la.

Ou impedir.

Não sabia.

A areia vibrava sob os relâmpagos.

Um guerreiro vastariano a interceptou.

O rosto dele estava sujo de sangue.

Olhos inflamados.

— Traidora! — rugiu ele.

Ela recuou.

— Eu não sou—

A lâmina subiu.

Ela caiu de joelhos.

Então seu Zai'Thren mergulhou com suas garras em direção ao rosto do vastariano.

O homem golpeou com o braço lançando a ave branca para longe.

Seus olhos se inflamaram ainda mais.

A lâmina subiu novamente.

O vento levantou a areia ao redor.

O céu pulsava azul.

Então a sombra da nave atravessou o campo.

O disparo veio como um feixe de lúmen dourado.

Pulso de contenção romano.

Não letal.

O guerreiro foi lançado contra a areia com violência suficiente para desacordá-lo.

Silêncio abrupto.

A nave pousou em derrapagem curta.

A escotilha abriu antes mesmo da poeira baixar.

Vashael saltou.

Sae'Rha o encarou.

Confusão primeiro.

Depois reconhecimento.

— Você não devia estar aqui.

Ele estendeu a mão.

— Nem você.

Ela olhou para o vastariano desacordado.

Depois para o céu.

Depois para ele.

— Minha irmã…

Ele assentiu.

— Vamos. Ainda podemos parar tudo isso.

A frase não era infantil.

Era esperança crua.

Sae'Rha correu e aconchegou sua Zai'Thren ferida nos braços.

Então correu novamente em direção da escotilha da nave.

Vashael estendeu sua mão.

Ela a segurou.

Então ele a puxou para dentro da nave.

A escotilha fechou-se.

Motores reacenderam.

A nave subiu entre rastros de energia e poeira vermelha.

Ao longe, as Dunas Sagradas estavam envoltas em relâmpagos azuis.

Vashael ajustou o vetor.

Sae'Rha olhava fixamente para a tempestade.

— Se for tarde demais? — ela murmurou.

Ele não desviou os olhos do horizonte.

— Nós devemos ir mesmo assim.

A nave acelerou.

E pela primeira vez naquela guerra, não era apenas uma batalha entre exércitos.

Era uma corrida.

Entre destino e escolha.

CAPÍTULO 20
SANGUE DE VASTARA

A tempestade sobre as Dunas não era natural.

Relâmpagos azul-esverdeados rasgavam o céu em intervalos irregulares, iluminando o deserto como flashes de memória violenta. A areia, antes dourada, estava marcada por faixas vitrificadas — placas translúcidas onde o calor do Aspecto de Rhae havia fundido o próprio solo.

Restos de plataformas antiaéreas romanas fumegavam à distância. Fragmentos de metal negro espalhados entre cristais azuis naturais de Vastara.

E no centro das Dunas…

Rhae'Zuur.

Machado fincado na areia endurecida.

Capa de peles ondulando como se tivesse vontade própria.

Aura azul e verde pulsando em ondas visíveis.

A gravidade ali parecia instável.

Grãos de areia subiam alguns centímetros antes de cair novamente.

A nave romana cortou a tempestade como lâmina atravessando tecido.

Relâmpagos atingiram o casco — a blindagem respondeu com arcos dourados breves. O piloto automático corrigiu vetores com precisão, mergulhando entre descargas elétricas que não seguiam padrão algum.

A nave pousou em derrapagem controlada.

A rampa desceu lentamente.

Marcus saiu primeiro.

A armadura híbrida refletia a luz azul do céu distorcido. Placas romanas reforçadas por padrões vastarianos orgânicos. A gladius desativada na mão direita. O escudo recolhido no antebraço.

Ele não correu.

Avaliou.

A areia sob suas botas estalava como vidro quebrando.

Padameg surgiu logo atrás dele.

Leve.

Baixa.

Fluida.

O tecido claro de sua veste movia-se como extensão do vento. A adaga curva azulada já estava firme na mão. O olhar fixo em Rhae.

Eles caminharam alguns passos.

O ar parecia mais pesado a cada metro.

Os guerreiros Zuur formavam um perímetro distante. Não avançavam. Não interferiam. Assistiam.

Porque sabiam.

Aquela luta não lhes pertencia.

Rhae abriu os olhos lentamente.

Um deles ardia em verde profundo.

O outro brilhava quase branco.

Ela arrancou o machado da areia vitrificada.

O som ecoou como lâmina sendo retirada de carne.

O vento mudou.

— Vamos começar. — disse ela. — Não haverá mais hesitação.

Sem gritar.

Sem teatralidade.

Apenas sentença.

Marcus e Padameg pararam.

Eles sabiam que não podiam enfrentá-la apenas com o Aspecto Quebrado.

Não desta vez.

Marcus fechou os olhos.

A tempestade desapareceu por um instante.

Ele viu Vastara.

Viu o vale da Floresta Viva.

Viu Vashael treinando.

Viu Roma reconstruindo não como império — como promessa reformada.

Viu Padameg ao seu lado.

Sentiu o peso.

E aceitou.

— ***Thar'Runn'Vael.***

A palavra não foi um grito.

Foi alinhamento.

A luz dourada surgiu ao redor de seu corpo, estável. Organizada. Não explosiva — inevitável. Seus cabelos tornaram-se completamente brancos. Os olhos ficaram lúcidos e totalmente luminosos. O escudo expandiu-se em disco perfeito de energia dourada. A gladius reacendeu com brilho firme, sem oscilar.

Ao lado dele, Padameg respirou profundamente.

Sentiu as raízes sob a areia.

Sentiu a energia do planeta correndo sob a superfície.

Sentiu o preço futuro — e não recuou.

— Thar'Runn'Vael.

A aura dela não explodiu.

Ascendeu.

Dourada. Suave. Profunda.

Seus cabelos tornaram-se brancos como luz filtrada pela água. Os olhos brilharam com a mesma intensidade que os de Marcus — mas o fluxo dela era diferente. Mais orgânico. Mais integrado.

Por um breve segundo uma dor percorreu seu corpo.

Estava indo além de seus limites.

Ela ignorou.

O céu respondeu.

Um raio azul-esverdeado cortou as nuvens e atingiu o solo entre os três.

Explosão de areia vitrificada.

E Rhae se moveu.

Ela não correu.

Ela atravessou a distância como um clarão.

O machado descreveu um arco horizontal que deixou rastro luminoso no ar — clarão azul-esverdeado pela velocidade absurda do golpe.

Marcus ergueu o escudo.

O impacto foi cataclísmico.

O som reverberou pelas Dunas como um sino colossal sendo atingido no coração.

O escudo segurou.

Mas a força atravessou.

Marcus foi lançado dezenas de metros para trás, abrindo sulco profundo na areia endurecida. Padameg foi arremessada lateralmente, rolando por uma cratera aberta pelo choque.

O céu tremeu.

A tempestade intensificou-se.

Rhae não esperou que se levantassem.

Ela girou o machado em arco horizontal.

O golpe partiu o topo de uma duna inteira. A areia explodiu como onda sólida, forçando Marcus e Padameg a se separarem pela primeira vez.

Marcus fincou o escudo no chão para conter o deslocamento.

Padameg deslizou sob a massa de areia antes que ela a soterrasse.

Eles se levantaram.

Imediatamente.

Mas agora sabiam.

Mesmo com o Aspecto Completo…

Ela estava além.

A tempestade rugiu acima deles.

O vento mudou de direção.

Não por acaso.

Rhae'Zuur não avançou imediatamente após o choque. Ela recuou um único passo, a areia vitrificada estalando sob a sola da bota. O machado permanecia baixo, mas o corpo inteiro estava atento.

Ela observava.

Não apenas com os olhos — com o Aspecto.

A energia azul-esverdeada que a envolvia se expandiu levemente, como uma respiração predatória. Ela sentiu o fluxo dourado dos dois. Sentiu o ponto onde a força de Marcus estabilizava o campo. Sentiu a mobilidade viva de Padameg cortando o ar como lâmina.

E escolheu.

Sem aviso.

Rhae avançou.

Não contra Marcus.

Contra Padameg.

O primeiro golpe não foi amplo. Foi curto. Direto. O machado descreveu um arco mínimo, rápido demais para o peso que carregava. O rastro azul-esverdeado ficou suspenso no ar por um instante.

Padameg reagiu por instinto. Saltou lateralmente, o tecido leve acompanhando o movimento como extensão do vento. A adaga azulada surgiu em contra-ataque, buscando a junção do ombro.

Faíscas.

Superficial.

Rhae não recuou.

Marcus avançou para interceptar — mas o machado desceu no solo antes que ele a alcançasse.

Impacto.

A areia explodiu.

Não como nuvem desordenada — como parede. Uma cortina densa de partículas vitrificadas ergueu-se entre ele e Padameg, impulsionada por energia elétrica. Relâmpagos azuis percorreram a tempestade local.

Marcus perdeu a visão.

Por meio segundo.

Foi o suficiente.

Padameg estava sozinha.

Rhae atacou de novo.

Golpe baixo.

Padameg saltou sobre a lâmina, girou no ar e aterrissou atrás da Zuur, cortando a parte posterior da armadura com dois golpes rápidos. Um deles encontrou carne.

Sangue vermelho vivo manchou a areia.

Rhae absorveu o impacto como se fosse irrelevante.

Girou.

O machado veio de baixo para cima — inesperado.

Padameg tentou recuar, mas a lâmina encontrou o abdômen na diagonal.

O som não foi alto.

Foi íntimo.

Tecido rasgando.

Carne cedendo.

O golpe a lançou para trás, rolando pela areia quente. A roupa de proteção leve não segurou totalmente. O corte atravessava o ventre em linha oblíqua, profundo o suficiente para matar qualquer outro.

Por um segundo, o mundo ficou branco.

Então o Aspecto respondeu.

A energia dourada irrompeu da pele de Padameg como chama líquida. A ferida brilhou intensamente. O sangue que escorria evaporou em vapor dourado. A hemorragia estancou.

A dor não desapareceu.

Mas foi empurrada para longe.

Ela se ergueu de joelhos.

O braço esquerdo tremia quase imperceptivelmente.

A aura dela oscilou por um instante — uma falha microscópica no fluxo.

Rhae viu.

E avançou para finalizar.

A tempestade de areia explodiu em todas direções.

Marcus atravessou.

O escudo dourado à frente como aríete.

Ele colidiu contra Rhae lateralmente com força total.

Pela primeira vez desde o início da luta, ela foi deslocada.

Meio metro.

Suficiente.

A gladius dourada descreveu um arco brutal contra o ombro dela. A lâmina cortou a armadura azul-escura e abriu um sulco profundo na carne.

Rhae respondeu no mesmo momento.

O cotovelo dela acertou o tórax de Marcus. O cabo do machado veio logo em seguida, esmagando a placa central da armadura híbrida.

Estalo metálico.

A placa rachou.

O impacto o lançou alguns passos para trás.

O ar saiu dos pulmões dele em um único golpe seco.

Rhae não permitiu que se reorganizassem.

Ela fincou o machado na areia novamente.

Levantou seus braços e acumulou energia do Aspecto neles.

Então os abaixou com brutalidade em direção ao solo.

A descarga radial explodiu em todas as direções.

Relâmpagos cortaram o céu.

A areia subiu em espiral.

Marcus foi arremessado para trás, deslizando vários metros. O escudo absorveu parte do impacto, mas falhou em manter estabilidade total.

Padameg caiu de joelhos, a mão pressionando o abdômen recém-selado.

O Aspecto dela sustentava o corpo.

Mas cobrava.

O vento uivava agora.

A tempestade azul-esverdeada crescia.

Rhae caminhou em direção a Padameg.

Sem pressa.

O machado arrastando na areia, deixando um rastro vitrificado.

— Você é o coração dele. — disse ela, a voz baixa, firme.

— E eu te invejo por isso. — completou.

Padameg ergueu o queixo.

O sangue dourado ainda evaporava lentamente sob o tecido.

Rhae ergueu o machado.

Marcus correu.

A sincronia entre os dois havia sido quebrada.

Mas não destruída.

O machado veio para matar.

Não havia cálculo naquele golpe.

Não havia estratégia.

Havia decisão absoluta.

Padameg ainda de joelhos, a mão pressionando o próprio abdômen enquanto o Aspecto mantinha o sangue contido sob a pele dourada, ergueu a adaga por reflexo — mas sabia.

Não seria suficiente.

O ar rasgou-se.

E então —

O escudo dourado surgiu entre elas.

Marcus entrou no espaço como se tivesse sido puxado pela própria gravidade do golpe.

O machado de Rhae atingiu o campo de contenção em cheio.

O som não foi metálico.

Foi tectônico.

O escudo trincou em linhas luminosas que se espalharam como rachaduras em vidro sob pressão extrema. A energia dourada vibrou, comprimida ao limite.

O impacto atravessou o campo parcialmente.

Marcus sentiu o braço ceder sob o peso brutal da colisão. O ombro gritou. O chão sob seus pés afundou.

A areia vitrificou em um círculo ao redor dos três.

O solo cedeu sob a força combinada.

Os três afundaram meio metro na duna como se o mundo tivesse decidido expulsá-los de sua superfície.

Marcus manteve o escudo.

Mesmo quando o campo estilhaçou em fragmentos de luz.

Mesmo quando o impacto atravessou até os ossos.

Ele não cedeu o espaço.

Rhae puxou o machado de volta com violência.

Marcus deslizou para trás alguns passos, a areia cedendo sob os pés.

Padameg rolou lateralmente e forçou-se a ficar de pé.

Não houve pausa.

Não houve respiração compartilhada.

Mas houve alinhamento.

Marcus ajustou a postura.

Escudo parcialmente reativado. Gladius firme.

Base mais baixa.

Padameg estabilizou a respiração.

Inspiração curta.

Expiração controlada.

A luz dourada ao redor dela deixou de oscilar irregularmente e começou a se organizar em fluxo contínuo.

Eles não se olharam.

Não precisaram.

O fluxo dourado mudou.

Até aquele momento, eram duas fontes distintas.

Agora não.

O campo ao redor deles começou a se comportar como circuito fechado.

A energia de Marcus alimentava Padameg.

A de Padameg estabilizava Marcus.

Entrada e retorno.

Pulso e eco.

Um único ritmo.

O dourado deixou de expandir de forma explosiva.

Passou a girar ao redor deles em espiral controlada.

Rhae sentiu.

O vento mudou.

A pressão no ar se alterou.

O Aspecto Incompleto dentro dela reagiu como animal acuado diante de algo maior.

Ela estreitou os olhos.

Não hesitou.

Mas reconheceu.

— Então é assim… — murmurou, baixo.

E avançou novamente.

Agora não apenas como comandante.

Mas como alguém que entendeu que, se deixasse aquilo crescer mais um segundo, perderia o controle do campo.

E foi nesse avanço que a colisão de Aspectos realmente começou.

A areia já não obedecia ao vento.

Girava.

Subia em espirais densas ao redor dos três, como se as Dunas de Ashael estivessem respirando com dificuldade.

Marcus e Padameg avançaram juntos.

Não houve contagem.

Não houve sinal.

Houve sincronia.

Rhae respondeu no mesmo instante.

O primeiro choque não foi de lâmina.

Foi de presença.

O machado dela desceu em arco amplo. Marcus interceptou com o escudo novamente.

O impacto não soou como metal.

Soou como o céu rachando.

O campo dourado trincou em veios luminosos. A areia sob seus pés vitrificou instantaneamente. Padameg já estava em movimento — girando pela lateral de Rhae, a adaga descrevendo um arco azul que encontrou a junção entre placa e ombro.

Sangue.

Escuro.

Espesso.

Rhae não gritou.

Girou o corpo inteiro com o golpe, usando o próprio machado como eixo, forçando Padameg a recuar antes que pudesse aprofundar o corte.

Marcus entrou pelo outro flanco.

Gladius em linha reta.

Rhae bloqueou com o cabo do machado, desviando a lâmina por centímetros. A energia dourada raspou sua armadura, arrancando fragmentos azul-escuros que evaporaram no ar.

A colisão energética se intensificou.

Azul-esverdeado contra dourado.

Relâmpagos começaram a descer ao redor deles, não atingindo diretamente — mas próximos o suficiente para iluminar a areia em clarões violentos.

Rhae avançou com brutalidade calculada.

Um golpe baixo forçou Marcus a erguer o escudo novamente. O segundo veio da lateral, e atravessou parcialmente o campo, atingindo o braço dele.

A armadura abriu.

Sangue quente escorreu sob a placa híbrida.

Marcus não recuou.

Girou o tronco e golpeou em resposta, cortando profundamente o flanco de Rhae. A lâmina dourada abriu da costela até quase o abdômen.

Ela cambaleou um passo.

Mas não caiu.

Os olhos dela ardiam.

Não de ódio.

De decisão.

Ela acelerou.

Não como animal.

Como comandante.

Areia ergueu-se ao redor de Marcus, obscurecendo visão. Um redemoinho concentrado, guiado pelo Aspecto dela. Padameg foi forçada a se deslocar para fora da linha.

Separação novamente.

Rhae queria distância entre eles.

Funcionou por um segundo.

Foi o suficiente.

O machado desceu sobre Padameg em um arco vertical absoluto.

Ela bloqueou com a adaga cruzada.

Desviou o impacto que ainda assim atravessou a defesa e atingiu seu braço.

O som foi seco.

A lâmina não atravessou completamente — mas abriu a carne com violência suficiente para lançar sangue sobre a areia.

Padameg caiu de joelhos.

Marcus atravessou a distância entre eles como um projétil.

A gladius colidiu contra o machado de Rhae, afastando-o do golpe final que esmagaria Padameg.

Os dois se encararam a centímetros.

Olho no olho.

Faíscas voando do embate entre gladius e machado.

E então as visões compartilhadas vieram.

Não como distração.

Como flashes de guerra.

Marcus viu gelo cobrindo cidades.

Crianças Zuur congeladas sob tempestades eternas.

Rhae sozinha diante do colapso de seu mundo.

Rhae viu Vastara florescendo.

O cristal despertando.

Vashael sorrindo sob luz dourada.

O momento em que Marcus e Padameg decidiram se unir para protege-lo.

O contato de lâmina contra lâmina amplificava tudo.

O céu começou a rachar em duas cores.

Azul profundo.

Dourado intenso.

Rhae rugiu — não de dor, mas de fúria contra o inevitável.

Ela empurrou com força total.

O impacto lançou Marcus para trás.

Padameg ergueu-se novamente.

Mesmo ferida.

Mesmo sangrando.

Ela avançou com uma sequência rápida demais para olhos comuns acompanharem.

Dois cortes nas costelas.

Um giro.

Uma joelhada direta na articulação da perna direita de Rhae.

O joelho falhou por meio segundo.

Rhae quase caiu.

Mas sustentou.

Respondeu com um golpe de cotovelo brutal que atingiu as costelas de Padameg.

O som foi claro.

Osso trincando.

Padameg recuou três passos.

Respiração falhou.

O Aspecto segurou.

Mas o preço começava a ser cobrado.

Marcus voltou.

Os dois agora alinhados novamente.

Eles avançaram juntos.

Escudo pelo alto.

Gladius por baixo.

Padameg pelo flanco.

Rhae girou o machado em círculo completo, criando uma onda de choque que os arremessou para trás mais uma vez.

A tempestade atingiu o ápice.

Relâmpagos desciam nas dunas.

Areia subia como muralha viva.

E então — O corpo de Rhae tremeu.

A perna direita falhou novamente.

Desta vez por mais tempo.

O olho esquerdo piscou.

A luz ali vacilou.

Mas ela continuou.

Avançou mesmo assim.

O machado ergueu-se para o que parecia ser o golpe final.

Marcus e Padameg ainda de pé.

Ainda respirando.

Ainda vivos.

O céu rugiu acima deles.

E a guerra deixou de ser apenas confronto.

Tornou-se limite.

O machado veio na vertical.

Marcus bloqueou com a gladius, desviando o eixo do golpe.

Padameg entrou pelo flanco esquerdo.

Lâmina azul cortando a lateral do joelho direito de Rhae.

Profundo.

Sangue escuro jorrou.

Rhae não caiu.

Girou com o próprio impulso.

O cotovelo atingiu Padameg no rosto.

Os dois recuaram.

Marcus avançou frontalmente.

Escudo reativado parcialmente.

Gladius abrindo uma nova rachadura na armadura peitoral de Rhae.

Ela concentrou energia e respondeu com um clarão azul-esverdeado.

Uma explosão curta.

Os dois foram lançados para trás.

Marcus sentiu a areia rasgar suas costas.

Padameg caiu de joelhos.
Rhae tentou avançar.
Mas o clarão falhou no meio.
A energia oscilou.
Estremeceu.
A perna direita tremeu.
Dobrou involuntariamente.
Ela quase caiu.
O joelho cedeu.
O machado tocou a areia para impedir a queda completa.
O olho esquerdo dela piscou.
Uma vez.
Duas.
E apagou.
A luz prateada desapareceu para sempre.
Ela respirava com dificuldade agora.
Mas ainda tentava lutar.
Os dois perceberam a oportunidade.
Marcus e Padameg não gritaram.
Avançaram.
Espelhados.
Marcus pela direita.
Padameg pela esquerda.
Rhae tentou erguer o machado uma última vez.
Mas a base falhou.
A perna não respondeu.
Então os dois giraram no mesmo eixo.
Cortes diagonais simultâneos.
Duas linhas douradas atravessaram o corpo azul.
Do abdômen até a clavícula oposta.
Abrindo o corpo de Rhae em forma de xis.
O impacto a lançou contra a duna atrás dela.
Areia subiu como uma muralha.

O céu perdeu intensidade.
Relâmpagos diminuíram.
A tempestade começou a morrer.
Silêncio parcial.
Rhae estava caída.
Separada de seu machado.
O Aspecto desativado.
Sem aura.
Sem clarão.
Apenas sangue.
Respiração irregular.
Armadura partida.
Perna imóvel.
Um olho morto.
Mas viva.
Marcus caminhou até ela.
Passos pesados.
Sangue deixando um rastro pelo chão.
Ele pegou o machado que estava fincado na areia.
O peso era real.
Concreto.
Ele ergueu a arma.
Sem hesitação.
Sem dúvida.
Fúria absoluta.
Padameg observava.
Sangrando.
Exausta.
Não sabia se aquela era a decisão certa ou errada.
Mas decidiu não interferir.
O céu estava quase limpo.
O machado estava prestes a descer—
Então uma nave cortou o silêncio.
Pouso violento.

Areia espalhada.

Escotilha abriu-se.

Vashael saltou primeiro.

Sae'Rha logo atrás, lágrimas nos olhos, segurando sua Zai'Thren ferida contra o peito.

E então o grito rasgou o ar:

— NÃO! PAI!

O machado congelou no ar.

O dourado oscilou violentamente.

Marcus virou o rosto.

Viu o filho.

Viu o medo.

Viu o exemplo de homem que estava prestes a destruir.

O machado caiu da mão dele.

Cravou-se na areia.

Marcus caiu de joelhos.

A respiração falhando.

A fúria esvaziando.

— Eu… — a voz quebrou. — Eu quase me tornei o que jurei destruir.

O último relâmpago azul morreu no céu.

Silêncio absoluto nas Dunas.

Guerreiros Zuur começaram a se aproximar lentamente.

Não para atacar.

Para resgatar.

Vashael caminhou até seu pai imóvel.

Sae'Rha caminhou até a irmã caída.

Ajoelhou-se ao lado dela.

Rhae tossiu sangue.

O olho restante ainda brilhava, fraco.

Ela olhou para Marcus.

Depois para Vashael.

Falou com dificuldade.

Cada palavra custava.

— Nós… não mentimos… sobre a ameaça externa…

Sangue escorreu pelo canto da boca.

— Uruk-Yek… não é lenda…

A respiração falhou por um segundo.

— Gilgamesh… sabe sobre ele…

O olho restante fixou-se em Vashael.

— E vocês… estão destinados… a se encontrar.

Silêncio.

Rhae perdeu a consciência.

Mas ainda respirava.

Aquela guerra havia terminado.

Mas não a história.

Os guerreiros Zuur finalmente se aproximaram do corpo de Rhae.

Dois deles ativaram uma maca energética portátil. Outro recolheu o machado caído na areia — não como símbolo de ameaça, mas como responsabilidade.

Um comandante Zuur, armadura marcada por cortes recentes, aproximou-se de Sae'Rha.

— A Comandante da Geada deve ser levada imediatamente. — disse ele, voz grave, controlada. — A frota está batendo em retirada.

Ele olhou para ela.

— Vamos.

Sae'Rha não se moveu.

O comandante franziu o cenho.

— Sae'Rha.

Outro guerreiro deu um passo à frente.

— O que você está fazendo? Vamos!

Ela ergueu o rosto.

Os olhos estavam marejados.

Mas não frágeis.

Ela olhou para Vastara.

Para as dunas quebradas.

E então olhou para Vashael.

Depois respondeu.

— Eu fico.

O silêncio que se seguiu foi mais pesado que qualquer golpe da batalha.

— Você é sangue Zuur. — insistiu o comandante.

Ela assentiu lentamente.

— Justamente por isso.

A mão dela tocou a areia ainda quente.

— Nós ferimos este mundo. Eu vou ajudar a reconstruí-lo.

Marcus observava alguns metros atrás.

Padameg, apoiando-se discretamente nele, também assistia.

Nenhum dos dois interferiu.

A decisão não era deles.

O comandante Zuur hesitou.

O olhar passou por Marcus.

Por Padameg.

Por Vashael.

Depois voltou para Rhae.

Sem mais palavras, os guerreiros ergueram o corpo da Matriarca com cuidado.

Ela respirava com dificuldade.

Mas respirava.

Foram em direção à nave.

Antes de subir a rampa, o comandante voltou-se uma última vez para Sae'Rha.

— Se sobreviver… ela voltará por você.

Sae'Rha sustentou o olhar.

— Então que volte diferente.

A escotilha fechou-se.

A nave ergueu-se lentamente, levantando redemoinhos menores de areia vermelha.

Não houve disparos.

Não houve tentativa de impedir.

Ela subiu.

E desapareceu no céu agora calmo.

A retirada não foi apenas nas Dunas.

Foi planetária.

Em Nova Vastara, os guerreiros Zuur recuaram em formação disciplinada.

Marcharam de volta às cápsulas de assalto sem cantar.

Sem gritar.

Um centurião romano ergueu a mão.

— Não ataquem. Eles estão se retirando.

E ninguém atacou.

Vastarianos ajudavam romanos a levantar companheiros feridos.

Romanos carregavam vastarianos nos ombros.

Não havia hierarquia ali.

Apenas sobreviventes.

Nas Montanhas de Eryon, cápsulas Zuur ergueram voo entre rochas ainda fumegantes.

Baterias romanas permaneceram silenciosas.

Thaal'Riin pousaram novamente nos picos, como se certificando que o céu havia sido devolvido ao seu lugar.

Korr'Mak abaixou a lâmina lentamente.

— Eles se foram. — murmurou.

Titus apenas assentiu.

Na Floresta Viva, sensores orgânicos desligaram o modo de alerta.

Raízes relaxaram.

A energia voltou a fluir pelas copas.

Um soldado romano, exausto, tocou o tronco de uma árvore ancestral.

Ela não se retraiu.

Na órbita de Vastara, a frota Zuur reorganizou-se.

A nave de Rhae entrou na formação protegida. Cruzadores remanescentes alinharam-se ao redor.

Por um breve instante, as forças romanas mantiveram posição.

Lucius observava da ponte da Aquila Aeterna.

— Manter distância. — ordenou. — Eles estão saindo.

Uma última leitura energética ao longe.

E então a dobra espacial abriu-se.

A frota Zuur desapareceu no rasgo escuro.

O espaço voltou a ser apenas espaço.

De volta a Vastara, o silêncio parecia quase sagrado.

Um legionário romano bateu a gladius contra o escudo.

CLANG.

Um vastariano repetiu o gesto.

CLANG.

Outro.

E outro.

Não era grito de vitória.

Era reconhecimento.

Lucius surgiu em projeção holográfica sobre uma das plataformas danificadas.

— Vastara permanece livre. — declarou.

Titus respondeu do solo:

— Como aliada de Roma.

Marcus olhou para Padameg.

Ela respirava com dificuldade.

Mas estava de pé.

Ele segurou a mão dela.

Não houve sorriso.

A guerra havia sido vencida.

Mas o preço ainda não havia sido cobrado totalmente.

Sae'Rha permaneceu em pé nas Dunas, olhando para o céu agora limpo.

Vashael parou ao lado dela.

A areia ainda estava quente sob seus pés.

— Acabou? — perguntou ela.

Ele demorou alguns segundos antes de responder.

— Esta batalha, sim.

O vento soprou suave.

A tempestade havia terminado.

Mas o eco dela ainda viveria por gerações.

CAPÍTULO 21
EPÍLOGO

O pátio estava silencioso naquela manhã.

O sol atravessava as copas da Floresta Viva e se espalhava pelo vale em camadas douradas, aquecendo as pedras antigas que cercavam a casa. O vento movia as folhas altas e fazia dançar pequenas partículas luminosas que subiam do solo — resíduos suaves do fluxo vastariano que nunca cessava.

Duas figuras treinavam no centro do pátio.

Ele avançava com precisão absoluta.

Postura firme. Ombros alinhados. Gladius azul traçando arcos limpos e calculados. Cada passo deslocava o peso com disciplina quase militar.

Ela não recuava.

Girava.

Deslizava.

A espada desenhava círculos fluidos, quase dançando ao redor da força dele. Quando ele atacava direto, ela respondia lateralmente. Quando ele avançava, ela recuava apenas o necessário.

Os dois respiravam no mesmo ritmo.

Sincronizados.

Os olhos dele brilharam por um instante — brancos, luminosos.

O ar ao redor vibrou suavemente.

Ela sorriu.

— Você está antecipando demais o segundo golpe.

Ele respondeu sem interromper o movimento:

— E você está abrindo a guarda esquerda quando gira.

Ela corrigiu no mesmo instante.

Ele pressionou.

Ela bloqueou.

As lâminas se tocaram e, por um segundo, a energia vastariana pulsou entre os dois como um fio dourado invisível.

A luta terminou com as espadas cruzadas.

Respiração firme.

Silêncio.

Ele inclinou levemente a cabeça.

— Você abriu demais a guarda, Sae'Rha.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— E você ainda insiste em lutar como se tivesse dez anos, Vashael.

O homem no centro do pátio tinha o cabelo completamente branco — não grisalho, mas branco puro. Jovem demais para ser o Guardião que enfrentara Rhae nas Dunas.

Os olhos, quando o brilho se apagava, eram firmes e atentos. A postura lembrava Roma. Mas a presença era Vastara.

E diante dele, Sae'Rha — agora adulta. A postura ainda era elegante, mas a firmeza nos ombros denunciava anos de treino e responsabilidade. Seu Zai'Thren repousava em uma árvore ancestral próxima

a eles, penas azuis vibrando suavemente sob a luz do sol.

Doze anos haviam passado.

Na varanda, duas outras figuras observavam.

Marcus estava de pé, apoiado na balaustrada de madeira escura, vestindo seu traje vastariano de explorador. Tecidos azuis reforçados, faixas marcadas por viagens longas, pequenos cristais pendendo do cinto. Mapas antigos dobrados sobre a mesa ao lado dele.

O tempo marcara seu rosto.

As cicatrizes não haviam desaparecido.

Mas a postura ainda era a de um general e agora também de um rei.

Ao lado dele, sentada em uma cadeira de madeira esculpida, estava Padameg.

Cabelos curtos.

Ainda bela.

Ainda luminosa.

Mas mais frágil.

O corpo parecia pesado demais para os próprios ossos sustentarem. A respiração, embora controlada, exigia um esforço que antes não existia. Um leve tremor percorreu seus dedos quando ela ajustou o tecido claro sobre os joelhos.

Mesmo assim, ela sorria.

— Ele está mais rápido. — disse, observando o filho.

Marcus assentiu.

— Ele já me superou completamente.

Padameg não respondeu imediatamente.

O vento passou pelo vale.

E o silêncio carregava algo que nenhum dos dois queria nomear.

No pátio, Vashael desativou a gladius.

Seus olhos, ainda brilhando levemente, voltaram-se para a varanda.

Ele observou a mãe por alguns segundos longos demais.

— Ela está mais fraca hoje. — disse, baixo.

Sae'Rha seguiu o olhar dele.

Não respondeu.

Vashael continuou:

— Eu usei o Aspecto completo três vezes esta semana.

— Tentei estabilizar o fluxo vital.

— Tentei reequilibrar as linhas internas.

Ele apertou os punhos.

— Nada funciona.

O vento trouxe o cheiro distante da Floresta Viva.

— Meu pai explorou todos os templos antigos de Vastara. — ele continuou. — Cada ruína, cada matriz ancestral. Nenhuma resposta. Nenhuma cura.

Silêncio.

Sae'Rha olhou para ele com algo mais pesado do que tristeza.

Era arrependimento.

— Eu guardei algo de você.

Vashael virou-se.

— O quê?

Ela respirou fundo.

— Existe algo que pode curá-la.

O mundo pareceu encolher.

— Então por que nunca disse?! — a voz dele não era grito, mas tremia em fúria.

Sae'Rha sustentou o olhar.

— Porque, se eu dissesse… — ela hesitou apenas um instante — isso levaria você diretamente para as garras dele.

O nome não foi dito.

Mas pairou entre os dois.

Vashael sentiu o ar mudar.

— Quem? — perguntou, mais baixo.

— O homem que Rhae temia.

O Aspecto dentro de Vashael reagiu, quase imperceptível.

Um leve brilho percorreu suas veias.

E, muito além de Vastara…

Algo respondeu.

No espaço profundo, o planeta Uruk-Yek girava lentamente sob um céu carregado de auroras verdes.

Cidades colossais elevavam-se como montanhas artificiais. Redes de energia percorriam sua superfície como veias vivas.

No centro da capital, a sala do trono expandia-se em proporções quase impossíveis.

Colunas monumentais sustentavam um teto repleto de constelações artificiais. Correntes de energia verde subiam até o ápice da estrutura e desciam como cascatas luminosas.

No trono elevado, Gilgamesh permanecia imóvel.

O corpo era poder contido.

A pele de leão sobre os ombros.

O ouro não como ostentação — mas como símbolo.

Os olhos fechados.

Sentindo.

Uma leve curvatura surgiu em seus lábios.

— Ele está mais forte.

Um conselheiro ajoelhou-se.

— Majestade?

Gilgamesh abriu os olhos.

Não havia pressa ali.

— Ele já não é apenas herdeiro.

— Ele é farol.

Um mapa estelar surgiu diante do trono.

Vastara pulsava como um ponto dourado distante.

— O momento se aproxima. — murmurou.

E o planeta inteiro pareceu vibrar em resposta.

De volta ao vale, o sol começava a descer.

Vashael permaneceu imóvel por alguns momentos, absorvendo o peso do que ouvira.

Sae'Rha ao seu lado.

Na varanda, Marcus segurava a mão de Padameg.

Ela fechou os olhos por um instante, como se estivesse apenas descansando.

O vento passou pelo vale.

A guerra contra os Zuur havia terminado.

Mas a história de Vashael não.

Alguns inimigos invadem mundos.

Outros esperam que você venha até eles.

E, em algum lugar entre o ouro de Vastara e o verde de Uruk-Yek, dois destinos começavam a convergir.

Próximas Leituras

O fim desta guerra não é o fim do universo.
É o ponto em que ele começa a se revelar.

A queda de Rhae'Zuur, a reconstrução de Vastara e o enfraquecimento silencioso de Padameg abrem caminhos que não podem ser contidos em um único livro. Além das Dunas, além das estrelas, algo já observa — e o nome de Gilgamesh começa a ecoar.

Por isso, a saga de ***ROMA: 10.000 A.D.*** *continuará em duas frentes complementares:* ***continuação narrativa*** *e* ***construção de mundo***.

Livro 3 — ROMA: 10.000 A.D: A Epopeia de Vashael

O legado de Vastara não permaneceu oculto por muito tempo.
O que nasceu como promessa agora caminha como presença.

Vashael cresce diferente. Não apenas em ritmo mais acelerado — mas mais consciente. O poder que carrega não é aprendido, nem imposto. Ele desperta. E, com ele, antigas histórias voltam a respirar no fundo da galáxia.

Muito além de Roma, Vastara e Zha'Ruun-Khaal, uma figura antiga observa.

Gilgamesh.

Rei, guerreiro, mito — ou algo que sobreviveu a todos eles.

Ao reconhecer em Vashael ecos de um passado que deveria ter terminado, Gilgamesh enxerga não um

inimigo, mas um espelho. Um desafio. Um caminho possível para aquilo que sempre perseguiu: a permanência além do tempo.

Enquanto Marcus luta para aceitar que seu filho já não pode ser apenas protegido, e Padameg enfrenta uma doença devastadora, Vashael é arrastado para um confronto que vai além da guerra — um embate entre destino e escolha.

Esta não será apenas a história de um herdeiro. Será a reinterpretação de um mito antigo em um universo que ainda não decidiu se está pronto para deixá-lo renascer.

Livro 4 — ROMA: 10.000 A.D. — Lorebook: Ecos do Império.

Antes que a próxima guerra comece, é preciso entender o tabuleiro.

O ***Lorebook*** *é um livro de expansão do universo de ROMA: 10.000 A.D.. Ele não é uma continuação direta da narrativa, mas um mergulho profundo nos elementos que sustentam a história:*

A origem e a evolução de ***Roma Aeterna****;*
As legiões, patentes, doutrinas militares e símbolos imperiais;
Outros planetas: biologia, cultura, espiritualidade e relação com o Aspecto;
O Aspecto, suas manifestações, limites e consequências;
Facções, sistemas, mundos aliados e mundos dominados;
Eventos históricos anteriores ao Livro 1;

Conceitos tecnológicos, armas, armaduras e naves.
Personagens que passaram pela trilogia de Roma Aeterna.

Este livro foi pensado tanto para leitores curiosos quanto para quem deseja acompanhar a saga com mais profundidade — e também como base sólida para futuras histórias, jogos, quadrinhos ou outros projetos ambientados neste universo.

O ***Lorebook*** *não entrega respostas antecipadas sobre o futuro da trama, mas fornece as ferramentas para compreendê-lo quando ele chegar.*

Muito obrigado por chegar ao final dessa obra, ou seria apenas o início? Te vejo em Vastara e em outros mundos além, PER ASPERA AD ASTRA!